



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SUELLEN MAYANE DE PAIVA SANTOS

Identidade, itinerância formativa e atuação profissional: narrativas de mulheres negras fonoaudiólogas em uma pesquisa (auto) biográfica

Petrolina/PE
2023

SUELLEN MAYANE DE PAIVA SANTOS

Identidade, itinerância formativa e atuação profissional: narrativas de mulheres negras fonoaudiólogas em uma pesquisa (auto) biográfica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF como requisito para obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva de Souza Ribeiro
Coorientadora: Prof^ª Dra. Corina Borri-Anadon

Petrolina/PE
2023

Santos, Suellen Mayane de Paiva
S237i Identidade, itinerância formativa e atuação profissional: narrativas de mulheres negras fonoaudiólogas em uma pesquisa (auto) biográfica / Suellen Mayane de Paiva Santos. – Petrolina-PE, 2023.

xi, 108 f.: il. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina, Petrolina-PE, 2023.

Orientador (a): Prof. Dr. Marcelo Silva de Souza Ribeiro.

Inclui referências.

1. Mulheres negras - Identidade. 2. Mulheres negras. 3. Decolonialidade. 4. Fonoaudiologia. 5. Narrativas (auto) biográficas. I. Título. II. Ribeiro, Marcelo Silva de Souza. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 155.6423



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO – UNIVASF
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Univasf
Avenida José de Sá Maniçoba, s/n, Pavilhão de Laboratórios – 1º Andar, Sala 2286
Campus Universitário – Centro – Petrolina/PE CEP 56.304-205. Telefone: (87) 2101 6869
Site: www.cpgpsi.univasf.edu.br – E-mail: cpgpsi@univasf.edu.br

DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 0095/PPGPSI

1 Ata da sessão pública de exame de defesa de
2 dissertação como requisito para obtenção do
3 título de Mestre em Psicologia.

4 Ao trigésimo dia do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e três as
5 quinze horas e dez minutos reuniu-se de forma síncrona remota pela
6 Plataforma de videoconferência Google Meet, sala [Meet: wwi-rine-jzr](#)
7 [\(google.com\)](#) a banca examinadora designada pelo Colegiado de Pós-
8 Graduação em Psicologia (PPGPSI/Univasf) composta pelos seguintes
9 membros titulares: Professor(a) Doutor(a) Marcelo Silva de Souza Ribeiro
10 (PPGPSI/Univasf) como orientador(a) e Presidente; Professor(a) Doutor(a)
11 Janaina Guimarães da Fonseca e Silva (programa de pós-graduação em
12 Ensino de História da Universidade de Pernambuco, campus Mata Norte –
13 ProfHistória/UPE) e Professor(a) Doutor(a) Margaret Olinda de Souza
14 Carvalho e Lira (PPGPSI/Univasf), com a finalidade de julgar o trabalho
15 intitulado ***“Identidade, itinerância formativa e atuação profissional:
16 narrativas de mulheres negras fonoaudiólogas em uma pesquisa
17 (auto) biográfica”*** do(a) discente **Suellen Mayane de Paiva Santos** para
18 obtenção do título de Mestre(a) em Psicologia. O desenvolvimento das
19 atividades seguiu o roteiro de sessão de defesa pública, estabelecido
20 pelo(a) Presidente da banca, que realizou a abertura e posterior condução
21 e encerramento da sessão solene. Após analisarem o trabalho e arguírem
22 o(a) discente, os membros da banca examinadora deliberaram pelo
23 conceito **APROVADO**, habilitando-o(a) ao título de Mestre(a) em Psicologia,
24 conforme o Regimento Interno do Programa. Ainda condizente o referido
25 regimento o(a) mestrando(a) foi informado(a) que deve apresentar o






SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO – UNIVASF
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Univasf
Avenida José de Sá Maniçoba, s/n, Pavilhão de Laboratórios – 1º Andar, Sala 2286
Campus Universitário – Centro – Petrolina/PE CEP 56.304-205. Telefone: (87) 2101 6869
Site: www.cpgpsi.univasf.edu.br – E-mail: cpgpsi@univasf.edu.br

DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 0095/PPGSI

26 trabalho em sua redação definitiva sob pena de não expedição do diploma
27 devendo este(a) assinar o Termo de Compromisso anexo, que passa a fazer
28 parte integrante deste documento. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada
29 a presente ATA, que vai assinada pelos membros da banca.

30 Petrolina/PE, 30 de agosto de 2023.

31

Membros da Banca examinadora	Assinaturas
Prof. Dr. Marcelo Silva de Souza Ribeiro	 Documento assinado digitalmente MARCELO SILVA DE SOUZA RIBEIRO Data: 26/08/2023 07:57:58-0300 Verifique em https://validar.it.gov.br
Profª. Drª. Janaina Guimarães da Fonseca e Silva	 Documento assinado digitalmente JANAINA GUIMARAES DA FONSECA E SILVA Data: 20/09/2023 15:55:06-0300 Verifique em https://validar.it.gov.br
Profª. Drª. Margaret Olinda de Souza Carvalho e Lira	 Documento assinado digitalmente MARGARET OLINDA DE SOUZA CARVALHO Data: 20/09/2023 14:33:04-0300 Verifique em https://validar.it.gov.br

32

À minha bisavó, Petronília Maria dos Santos (*em memória*)
e ao meu pai, Martins dos Santos (*em memória*).
Meus ancestrais.

AGRADECIMENTOS

Olhar para trajetória, finalizar ciclos e agradecer... Rememorando os caminhos trilhados me sinto emocionada. Após dois anos tão difíceis, desafiadores e de resistência, consegui chegar até aqui. E acredito que tudo isso só foi possível porque não estive sozinha. Sou muito grata por saber que *“tenho em mim mais de muitos. Sou uma, mas não sou só”*, assim como diz a música de Sued Nunes. Sou *povoada* de vínculos que me erguem.

Agradeço a Deus por me sustentar e me direcionar.

A painho, Martins dos Santos (*em memória*), esse trabalho é inteiramente para ele. Tenho muita certeza do quanto ele amaria ler, reler e continuar pensando essa pesquisa junto comigo, já que foi o maior incentivador para que eu estivesse aqui. Sempre acreditou em mim, ainda que eu mesma descreditasse muitas vezes. Quando eu agradecia por algo que ele já fez por mim, me dizia: *“minha filha, na simplicidade desses gestos, estou apenas sendo pai”*. E que pai! O melhor do mundo. As histórias e as memórias nos unem.

À mainha, Sônia Maria. Ela que me carregou no ventre, mas continua me levando, me elevando. Consigo voar, porque ela me fortalece. Não pensaria em outro caminho para mim, a não ser voltar para os braços e abraços dela. Na reta final deste mestrado, na tradição da bênção antes de dormir, ela falava repetidamente: *“Deus abençoe! Você vai conseguir, eu acredito em você!”*. O cuidado, o amor, o afeto e o afago de mainha me encorajaram intensamente nessa jornada.

Ao meu irmão, Pedro Henrique, que na sua mais tenra idade me traz tantas palavras de sabedoria, que me devolvem para o eixo. Que me oferece ajuda, abraços, sorrisos, músicas que acabou de aprender a tocar em seu violão e me estende suas amizades. Que me envolve na sua infância e me faz ser criança de novo quando brincamos e conversamos.

Agradeço a minha irmã, Maria Bárbara, principalmente, pelo chocolate junto com bilhete escrito *“você consegue <3”* em um dia muito difícil de bloqueio criativo na escrita. Obrigada por acreditar e torcer por mim!

Estendo esse agradecimento à toda minha família, especialmente, à minha avó Argentina, que ao me ver escrever, sempre questionava *“Tá perto de acabar esse estudo?”* e com todo carinho me aconselhava e incentivava a continuar. Este trabalho é nosso!

Agradeço ao meu orientador, Marcelo Ribeiro, pela sensibilidade, pelo cuidado e por trazer leveza em todos os momentos. Pela orientação que aconteceu para além da escrita desta dissertação. Obrigada por ter embarcado junto comigo nessa caminhada e pelos ensinamentos que me fizeram pensar além.

À minha coorientadora, Corina Borri-Anadon, por toda a disponibilidade e pelas contribuições valiosas que expandiram meu olhar.

Agradeço imensamente às *narradoras* desta pesquisa, por compartilharem suas histórias comigo. As vozes de vocês continuam ecoando em mim!

À Marcela com quem desabafei e compartilhei todos os desafios e belezas desse processo. À Sheila por me apontar caminhos. Amigas que estão distantes fisicamente, mas acompanhando tudo de perto. Sou muito grata porque vocês seguram minha mão.

À Paulinha, Sâmara e Tati por dividirem os dias e as histórias comigo nos últimos anos, cada uma em um tempo específico.

Grata aos meus amigos da calçada da fama (Joedson, Anderson, Jeferson, Marielena e Amanda), que encontrei ao voltar para Cabrobó. Cada momento com vocês foi combustível para que eu pudesse me manter bem e voltasse a ser mais feliz.

Aos colegas do mestrado que direta ou indiretamente me auxiliaram nesse processo. À Jonalva por todo o incentivo e acolhimento. À Raquel, por toda partilha, identificação e áudios engraçados durante esse percurso.

Agradeço às professoras Janaína Guimarães e Margaret Olinda pelas contribuições significativas no processo de qualificação e defesa desta dissertação.

“Passei a acreditar, com uma convicção cada vez maior, que o que me é mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que eu corra o risco de ser magoada ou incompreendida. A fala me recompensa, para além de quaisquer outras consequências” (Lorde, 2019, p. 51).

RESUMO

Esta pesquisa ancora-se em uma abordagem multirreferencial, implicada e pauta o Pensamento Decolonial como perspectiva. Trata-se de um estudo qualitativo interpretativo que teve como objetivo geral compreender as histórias constituidoras da identidade de mulheres negras fonoaudiólogas. A colheita de informações ocorreu por meio do conhecimento das histórias de vida das participantes, privilegiando a entrevista narrativa enquanto caminho na pesquisa narrativa (auto) biográfica. A *démarche* da investigação buscou apreender a perspectiva de movimentos reflexivos através das narrativas protagonizadas pelas participantes. O *corpus* narrativo foi construído por meio das transcrições dos *Encontros Narrativos* e foram analisados por meio de descrições, codificações e significações teórico-interpretativas. Após o momento de transcrição e leitura exaustiva do material colhido nos encontros, as narrativas das participantes foram organizadas em categorias temáticas com seus respectivos subtemas. Foram definidos os seguintes eixos temáticos: Identidade, que se relaciona ao contexto racial e familiar; formação acadêmica, incluindo as experiências na graduação, o ingresso na universidade e a escolha do curso; e atuação profissional com histórias sobre prática fonoaudiológica e o mercado de trabalho. Nos *Encontros Narrativos*, as participantes, enquanto *narradoras*, manifestaram suas vivências como autoras das próprias trajetórias. Iniciaram falando e refletindo sobre as histórias de suas famílias para depois falarem sobre si mesmas. Foi possível observar que elas evidenciaram os momentos que foram fundamentais para a construção da sua identidade racial. Além disso, refletiram sobre os caminhos para chegada à universidade e o quanto esse espaço reproduziu sentimentos de não pertencimento, algo que também foi observado na atuação profissional. As participantes-narradoras também apontaram caminhos para um fazer fonoaudiológico diferente do eurocêntrico, explicitando a forma que atuam e apresentando suas estratégias de resistência em meio a uma profissão branqueada.

Palavras-chave: Mulheres negras - Decolonialidade – Fonoaudiologia - Pesquisa (auto) biográfica

ABSTRACT

This research is anchored in a multi-referential, implicated approach and guides the Decolonial Thought as a perspective. This is an interpretive qualitative study whose general objective was to understand the histories that constitute the identity of black female speech therapists. The collection of information took place through the knowledge of the life stories of the participants, favoring the narrative as a path in the (auto)biographical narrative research. The investigation *démarche* sought to apprehend the perspective of reflexive movements through the narratives carried out by the participants. The narrative corpus was constructed through the transcripts of the *Narrative Encounters* and were analyzed through descriptions, codifications and theoretical-interpretative meanings. After the moment of transcription and exhaustive reading of the material collected in the meetings, the participants' narratives were organized into thematic categories with their respective subthemes. The following thematic axes were defined: Identity, which is related to the racial and family context; academic background, including graduation experiences, entering university and choosing a course; and professional performance with stories about speech therapy practice and the labor market. In the *Narrative Meetings*, the participants, as narrators, expressed their experiences as authors of their own trajectories. They started by talking and reflecting on their families' stories and then talking about themselves. It was possible to observe that they highlighted the moments that were fundamental for the construction of their racial identity. In addition, they reflected on the paths to reach the university and how much this space reproduced feelings of non-belonging, something that was also observed in professional practice. The participant-narrators also pointed out ways for a speech therapy practice different from the Eurocentric one, explaining the way they act and presenting their resistance strategies in the midst of a whitened profession.

Keywords: Speech therapy - black women - Decoloniality - (auto) biographical research

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 1- Caracterização dos <i>Encontros Narrativos</i>	36
Tabela 2 – Idade, raça/cor, naturalidade.....	38
Tabela 3 – Formação Acadêmica	39
Tabela 4 – Atuação profissional	39
Figura 1. Adinkra Sankofa	16
Figura 2. Eixos temáticos	44
Figura 3. Jacques Etienne Arago, Castigo de Escravos, 1839.....	65
Figura 4. Monumento à voz de Anastácia - Yhuri Cruz, 2019.....	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
DI	Deficiência Intelectual
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Econômicos
ENADE	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
FIS	Faculdade de Integração do Sertão
GAAROA	Le Groupe AntiRaciste en Orthophonie et en Audiologie
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
IF	Instituto Federal
Prouni	Programa Universidade para Todos
PNSIPN	Política Nacional de Saúde Integral da População Negra
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Sumário

Iniciando a Construção	12
Escrevivendo	13
Capítulo I – Diálogos Teóricos	19
Pensamento Decolonial.....	19
Identidade racial	21
Mulheres negras	23
Formação acadêmica e mercado de trabalho	24
Identidade profissional.....	26
Abordagens narrativas (auto) biográficas	29
Objetivos	32
Capítulo II – Caminhos Metodológicos	33
Dispositivos de colheita de informações.....	34
Etapas metodológicas.....	35
<i>“Ah! Vai ter um monte de questões para falar”</i> : Sobre as narradoras.....	38
<i>Narradora 1</i>	40
<i>Narradora 2</i>	40
<i>Narradora 3</i>	41
Capítulo III – A Interpretação e a Experiência Em Diálogo	43
<i>“Para falar de mim, eu tenho que falar de quem vem antes de mim”</i> : Famílias negras e identidade racial.....	46
<i>“Foi o início de começar a me aceitar como uma mulher negra. Porque tem muito isso de se aceitar, se tornar uma pessoa negra”</i> : Mulheres negras e a construção da identidade racial, caminhando para o lar	51
<i>“Conseguimos quebrar o ciclo”</i> : De casa à universidade	56
As experiências de ser mulher negra no curso de Fonoaudiologia.....	58
Pelos caminhos da atuação profissional: chegando ao mercado de trabalho.....	69
Racializando a atuação fonoaudiológica.....	74
<i>“É um lugar que ainda precisa ser ocupado, na verdade, ser criado”</i> : Narrativas negras na Fonoaudiologia	84
Considerações Finais	92
Referências	94
Apêndices	98

Iniciando a Construção

Sabemos que a invasão europeia mundo afora estruturou a colonialidade enquanto lógica global na contemporaneidade. Assim, no contexto brasileiro e após a falsa abolição da escravidão, a população negra continuou à margem, visto que não houve políticas reparadoras para incluir essa população. Essa liberdade que nunca chegou e nem foi reparada engendrou as iniquidades, uma vez que a população negra “liberta”, anteriormente escravizada, se depara com a ausência de moradia, de saúde, de educação e com a distância dos centros geopolítico sociais.

Historicamente, as hierarquizações e estratificações impostas na colonização das américas repercutem nas desigualdades sociais atuais vivenciadas e nas dificuldades para acessar direitos para aquelas populações que se encontram à margem dos centros de poder e dos privilégios. No entanto, mesmo nesse contexto de exploração e de continuidade das desigualdades, a população negra assumiu estratégias para continuar lutando pela liberdade de forma coletiva, se articulando para resistir às imposições e traçando novos caminhos para o seu povo, sobretudo via a continuidade das suas experiências culturais, espirituais, narrativas e junto às estratégias de sobrevivência.

Considerando que as desigualdades e a resistência coexistem, é no processo de luta por emancipação que a população negra começa a conquistar espaços nas políticas públicas por direito e passa a acessar espaços que anteriormente eram impossibilitados. No entanto, entre acessar, vivenciar e ter condições para permanecer, há inúmeras camadas. O que se pode observar é que, significativamente, caminhos foram abertos, mas a necessidade de inclusão, equidade e reparação é contínua, visto que ainda há muito para construir nesse sentido.

A proposição deste trabalho é viabilizar as histórias de mulheres negras que acessaram o ambiente acadêmico e que estão, atualmente, na posição de profissionais de saúde atuando como fonoaudiólogas e daí compreender como se compõem suas trajetórias de vida e identidade, através de suas experiências singulares e coletivas.

Esta dissertação se insere no âmbito da Psicologia Social, uma vez que se busca compreender a identidade de mulheres negras fonoaudiólogas, o que implica em entender as repercussões psicossociais das questões de raça, os processos de subjetivação e identificação dessas pessoas com a negritude, além de refletir sobre as desigualdades sociais imbricadas nesses temas. É fundamental pensar sobre as relações raciais no campo da Psicologia Social para compreender o sujeito negro em associação ao seu meio social - lugar de histórias, linguagens, coletividade e subjetividade.

A relevância desta pesquisa está em propor uma “virada epistêmica” (Veiga, 2020) de um ciclo hegemônico cristalizado para enfatizar a vivência, a via educacional e a experiência profissional de mulheres negras. Inserindo, nesse contexto, as narrativas da própria história de vida.

Com a consciência de que esta pesquisa foi constituída por e com mulheres negras, visualiza-se também o rompimento do silêncio. Grada Kilomba (2019) nos orienta que a boca, desde a colonização, é tratada como um órgão de opressão, uma vez que tem sido censurada historicamente como uma forma de controlar corpos negros. Nesse sentido, expressar o vivido é também uma forma de retirar a “máscara do silenciamento” (Kilomba, 2019, p. 33) para recuperar o ato de enunciação, de falar sobre si, de ter espaço para refletir e narrar as trajetórias de vida.

Diante disso, esta pesquisa faz refletir sobre as especificidades dessas mulheres negras e projeta a oralidade como local de autoafirmação, enfatizando a linguagem dessas mulheres e seus processos de autodeterminação (Kilomba, 2019). Faz muito sentido pensar sobre isto, dado que essas mulheres negras atuam como fonoaudiólogas, que tem o seu fazer centrado, especialmente, na comunicação humana.

Assim, buscando visibilidade e expansão do olhar quanto às mulheres negras que estão na posição de profissionais de saúde na literatura, este trabalho objetiva contribuir para uma melhor compreensão dos entrecruzamentos entre gênero e raça no cuidado em saúde. Além disso, possui o intuito de abrir espaços para discussões de gênero e raça no âmbito da Fonoaudiologia.

Por essa razão, o percurso deste trabalho se deu por meio da pesquisa (auto) biográfica, compreendendo a importância da mulher negra estar na condição de sujeito: suas próprias perspectivas, histórias, subjetividades, seus modos de viver e ser. Desse modo, considera-se também que, estando dentro do âmbito das abordagens narrativas, a entrevista narrativa (auto) biográfica tem a proposta de trazer a experiência de movimentos autorreflexivos, dado que falar sobre si é uma ação que caminha junto com o pensar, o questionar e com a reflexividade.

Escrevendo...

A partir daqui, a escrita deste trabalho será moldada pela primeira pessoa do singular para evidenciar sua característica implicativa e para retomar o lugar de sujeito. Para escolha dessa temática fui movida pela inquietude da minha experiência enquanto mulher negra, profissional de saúde, fonoaudióloga e pesquisadora.

Pensar a escrita sendo mulher negra me leva intuitivamente ao conceito de *escrevivência*, concebido pela intelectual-negra Conceição Evaristo (2005). Ter trilhado os caminhos dessa pesquisa junto às participantes e estar pesquisadora implicada me colocou em uma posição de escrever - viver - me ver, verbos que compõem a elaboração genealógica da palavra *escrevivência*, ainda que em muitos momentos a escrita tenha se desdobrado em pausas e silêncios. Mesmo nesses momentos, o sentir me invadia e me levava a reflexões sobre a minha própria vida, a olhar de forma mais íntima para minha trajetória, a me compreender e a me reaproximar da minha expressividade.

Faz muito sentido pensar nesse conceito e associá-lo a essa temática de pesquisa justamente porque precisamos demarcar a essência política das histórias de vida e identidade de mulheres negras, as quais envolvem uma dimensão que não é apenas individual, mas que é atravessada pelas experiências coletivas (Evaristo, 2005).

Considerando a característica implicativa deste trabalho e entendendo que o meu percurso, não se dá de forma descolada com a escrita deste texto, não poderia iniciar sem expressar o que me atravessa no diz respeito à minha história e, conseqüentemente, ao mestrado, que constitui também um processo formativo, portanto, propósito desta investigação.

Iniciar o meu percurso no mestrado era uma vontade que me tocava há anos, mas que aparentava ser algo um tanto distante da realidade em que eu me encontrava. Entre a extensa sobrecarga de trabalho e quatro anos após finalizar a graduação, fui apresentada ao programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Mesmo em meio a dúvidas e talvez um pouco desacreditada, resolvi participar do processo seletivo e fui aprovada no ano de 2021. Foi um momento muito significativo e de realização para mim.

Lembro-me que ao passar na seleção, surgiu em mim um sentimento de capacidade que há um tempo eu não sentia, uma vez que cheguei a esse mestrado após um período de tentativas para conseguir novamente adentrar o espaço acadêmico e porque durante esses anos de atuação profissional eu pude ter muitas realizações, mas algumas experiências vivenciadas me conferiram o lugar de silêncio.

Iniciar o mestrado me confrontando com a dificuldade para erguer a minha voz foi algo que me inquietou. Situações nas quais eu sentia que precisava me colocar eram constantes. Autocobranças e inseguranças se tornaram muito frequentes nessa caminhada. Ainda que eu tentasse, não conseguia conduzir com leveza, mesmo no início. Como se eu me sentisse pequena diante da grandeza desse lugar que eu havia alcançado.

Nesse momento, havia uma pandemia em curso. Dois meses após o início do mestrado, fui impactada com a maior perda da minha vida. Perder meu pai no contexto de pandemia da COVID-19 fez com que as palavras, que já eram escassas, fugissem de mim. Parecia impossível continuar. Me perdi em meio a tanta dor, tristeza e revolta.

Continuar no mestrado, em um contexto pandêmico no qual meu pai foi vítima e ter a consciência de que corpos negros foram os mais afetados nesse genocídio me paralisou. Não ter meu pai em matéria foi corroendo aos poucos meu propósito de estar no espaço acadêmico, uma vez que ele foi o maior incentivador para eu estar aqui. Hoje consigo pensar que estou/estive aqui, também, por ele e pelos nossos.

Por muito tempo, escrever se tornou um lugar de expressão dessa dor, como diz Conceição Evaristo “Escrever é uma maneira de sangrar. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...” (Evaristo, 2020, p.109), ao mesmo tempo, em meio ao luto, aprendi que: “a força das palavras, da memória e das narrativas são as armas encontradas [...] para seguir sua luta pela vida” (Evaristo, 2020, p.189).

Assim, meu movimento, na época, foi de tentar reencontrá-lo por meio da escrita, marcar sua história, registrar seus feitos, ancestralizar suas marcas, dado que ele sempre compartilhou as vivências dos nossos pela oralidade demonstrando vontade de escrevê-las. Desde então, escrevo sobre ele como uma forma de encontrar acalento nas memórias infinitas que tenho, em cadernos, nas redes sociais e também nesta dissertação.

Quando tudo isso aconteceu, a minha primeira decisão foi voltar para minha casa, estar perto da minha família, atravessar esse caminho tão doloroso junto aos meus. Assim, pedi demissão no meu antigo trabalho e retornei à minha cidade natal, Cabrobó-PE, após dez anos distante. Escrevo aqui, da laje da minha casa, lugar preferido da minha família e que sempre me traz inspiração quando preciso. Talvez por causa da vista bonita, do vento agradável ou do pôr do sol, que aqui parece até ter uma beleza maior. Um lugar que foi e é palco de inúmeros momentos simbólicos, comemorações, encontros de família, inclusive, era especialmente aqui que eu ouvia as tantas histórias contadas pelo meu pai. Cada um em sua cadeira de balanço, observando o entardecer, envolvidos em diálogos que não findavam quando anoitecia.

Venho de uma família que possui suas vivências marcadas na pele e na voz. Narrativas orais na minha dinâmica familiar sempre foram rotineiras, como uma forma de fazer nossos ancestrais continuarem vivendo em nossas memórias, de resgatar e transmitir tradições e de trazer essas histórias como parte do nosso presente. Vejo a contação de histórias de vida, nesse contexto, como uma prática ancestral, na qual se direciona o olhar ao passado, para

pensar no presente e construir o futuro, assim como reflete a sabedoria Africana Sankofa, traduzida por Abdias do Nascimento. A representação do ideograma africano Sankofa é composta pela imagem de uma ave que volta sua cabeça para trás.



Figura 1. Adinkra Sankofa.

Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/artigo/quais-memorias-levaremos-junto-a-nos-no-ciclo-que-se-inicia/>

Na minha vida, essa intimidade com a memória ancestral sempre foi muito presente, mesmo com os apagamentos inerentes à colonialidade. Meu pai, Martins, tomava esse papel de contador de histórias e as inquietações me faziam construir questionamentos que não cessavam.

Painho tinha um sorriso largo, inconfundível, vocabulário próprio, gargalhada que ecoava, palavra que transformava. Homem preto, de família pobre, tinha os pés no chão, mas voou até onde não pôde imaginar. Alçou esse voo coletivamente, reconhecendo seus ancestrais como símbolo e base do seu caminhar. Na voz, trazia entonação para significar histórias e seus inúmeros personagens. No momento da narrativa carregava performances e tantas expressões no corpo “que me jogavam para o passado” (Evaristo, 2017, p. 11), como se eu estivesse vivenciando o fato contado em tempo real.

As tramas não eram apenas dele, mas envolviam parentes e nossa comunidade. Mesmo sendo tantas, eu consigo recordá-las já que suas marcas se tornavam palpáveis ao serem enunciadas. Eram histórias com cor, no cenário e nas gentes. Nessas histórias também havia alegria, vontade de viver, ser e na coletividade construir e resistir em meio a tudo que atravessava. Havia movimento, sabedoria, conhecimento, ancestralidade, espiritualidade fazendo parte do sentido da vida e da ressignificação da própria existência.

Dito isso, todas essas histórias vividas e oralmente expressadas eram atravessadas pelo desejo do meu pai de marcar na escrita a vivência dessa família preta, de comunidade quilombola. A vontade que o meu pai tinha de narrar suas histórias oralmente e de desenhar sua vivência por meio da escrita me fez evocar a constituição metodológica deste trabalho.

Sendo assim e assumindo toda implicatividade, inclusive como fundamento epistemológico, o trajeto percorrido nesta pesquisa se orientou pela pesquisa (auto) biográfica, por meio das entrevistas narrativas (auto) biográficas, fundamentando-se no pensamento

decolonial. Assim, é a partir da minha experiência vivida enquanto mulher negra, fonoaudióloga, profissional de saúde e pesquisadora que elaboro a temática desta pesquisa.

O ponto de partida dessa experiência é a minha chegada à universidade pública. Este sempre foi um objetivo, já que tive bem próximo o incentivo dos meus pais no âmbito educacional. Sendo de uma cidade onde não há universidade pública, desde muito cedo, eu já tinha ciência que precisaria me deslocar para acessar uma formação acadêmica. Escolhi fonoaudiologia em meio a muitas dúvidas e dificuldades por acreditar que essa formação parecia ser muito distante tanto geograficamente, quanto no meu imaginário. A necessidade de me deslocar do interior para capital de outro estado, distante da minha família e rede de apoio trouxe inúmeros desafios nessa jornada, mas me fez ampliar o olhar sobre mim, me trazendo também uma outra ótica para enxergar o mundo.

Foi durante meu período de graduação, nos corredores e além dos muros da universidade, que me conectei com o Movimento de Mulheres Negras. E foi nesse momento que firmei a minha identidade de mulher negra, tomando o orgulho e a consciência como parte dessa identidade, tornando-me negra. Esse caminhar suscitou inúmeras reflexões e questionamentos sobre estar no espaço acadêmico especificamente na formação em fonoaudiologia. O tempo passava e mesmo que eu me identificasse muito com a área, as observações sobre o distanciamento da consciência social dentro da graduação, a condição elitista da formação acadêmica, a ausência de recortes de raça e gênero no entorno das discussões me faziam pensar sobre os lugares que eu deveria estar/chegar.

Na minha prática profissional, esse sentido assumiu novos contornos nos âmbitos clínicos privados onde atuei, quando o não pertencimento tornou-se um sentimento consistente. Este reforçou a autocobrança e a busca por uma competência acentuada na minha atuação.

Atualmente, trabalhando em um serviço público de saúde onde sou a única fonoaudióloga, no interior, outras reverberações aparecem. Me sinto mais pertencente, tanto pela maior diversidade de profissionais/público que encontrei no espaço em que atuo, quanto por estar exercendo a prática fonoaudiológica no meu lugar. Mas também observo inúmeras disparidades relacionadas ao acesso da população aos serviços, situações que me inquietam profundamente. Além disso, me deparo com muitas vulnerabilidades sociais que impactam o contexto de determinadas populações e com as próprias fragilidades do sistema, que implicam em outras adversidades.

Assim, ser mulher negra, profissional de saúde, fonoaudióloga me faz estar em uma intensa reflexão quanto à importância da minha prática. É uma contínua atividade de pensar e

repensar sobre minhas mobilizações para trazer mudanças de perspectiva e novos olhares no cuidado em saúde. Posto isso, é nessa experiência vivida e refletida que penso que o enredo de uma profissional de saúde negra possui suas particularidades.

Desse modo, este trabalho se dedicou a questionar: Quais caminhos as participantes percorreram até estabelecer sua identidade racial? Como os processos interseccionais vivenciados por essas mulheres negras compõem os seus percursos formativos? De que forma as mulheres negras acessam, permanecem e são acolhidas na formação acadêmica em fonoaudiologia? Como são as vivências dessas mulheres negras na academia? Quais são as perspectivas de atuação profissional para fonoaudiólogas negras? Como são suas experiências na prática profissional em fonoaudiologia? Quais estratégias que elas têm adotado e quais os seus desafios?

É por meio dessas afetações e questionamentos que esta pesquisa enfatiza o lugar de protagonismo das sujeitas, a fim de que as respostas sejam retratadas por meio de narrativas próprias sobre suas histórias de vida e sua identidade, no âmbito da pesquisa (auto) biográfica.

Ademais, o campo da linguagem será desbravado, visto que é “um lugar de luta” (hooks, 2018, p. 53) e é o objeto de estudo da fonoaudiologia. Assim, a linguagem se entrelaça com os processos de significação, socialização, representações e sentidos que o sujeito expressa e recebe - fatores que corroboram para uma intrínseca relação com a identidade - um corpo negro na atuação fonoaudiológica também manifesta linguagem e a partir desse viés que este estudo foi constituído.

Diálogos teóricos

Sabendo que esta dissertação preconiza uma dinâmica multirreferencial para abarcar as dimensões da mulher negra fonoaudióloga e de suas histórias vividas, nos lançaremos ao pensamento decolonial, colocando em articulação o conceito de identidade e aspectos históricos relacionados às mulheres negras no Brasil.

Nesta seção, inicialmente discorro sobre o pensamento decolonial como uma maneira de compreender a formação estrutural da nossa sociedade e buscar novas linguagens e formas de viver que rompam com a lógica da colonialidade. Imergindo nas concepções dos autores Aníbal Quijano e Nelson Maldonado-Torres e correlacionando esses sentidos com a identidade racial de acordo com Kabengele Munanga.

Para falar sobre mulheres negras, seus processos de identificação, seu contexto histórico-social e o entrelaçamento de raça, classe e gênero composto por elas, utilizo as considerações das intelectuais negras: Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Jurema Werneck, Grada Kilomba, Conceição Evaristo e Beatriz Nascimento nessa parte inicial do trabalho. No entanto, ao longo da dissertação busquei outras referências negras que também foram essenciais para esta construção.

Nessa articulação, também investigo, na literatura, os contextos de formação acadêmica e atuação profissional de mulheres negras, uma vez que os objetivos específicos da pesquisa se direcionam a conhecer as experiências de mulheres negras fonoaudiólogas nesses ambientes. Em seguida trato sobre a identidade profissional relacionada à fonoaudiologia buscando associá-la à raça, por meio de estudos nacionais e internacionais que se referem a essas temáticas.

Pensamento Decolonial

Entender o processo de colonização como estruturante da dinâmica social e perceber que os seus reflexos violentos assumem novas formas na atualidade é fundamental para posicioná-lo nesse lugar de significância problemática e para levantar contestações quanto às narrativas heroicas de descobrimento que foram e seguem sendo colocadas em um nível de importância positivo (Maldonado-Torres, 2018).

Mesmo sem a presença de colônias formais na atualidade, a concepção colonial perpetua-se nos contextos de vida, o que corrobora para o entendimento de que o colonialismo não se relaciona apenas a territórios geográficos, mas também ao inconsciente (Veiga, 2019; Maldonado-Torres, 2018). Assim, esse processo se molda para continuar operando na

modernidade, enquanto colonialidade, e fundamenta-se em lógicas globais de desumanização, dominação, inferiorização e genocídio (Maldonado-Torres, 2018).

Dentro da colonialidade, o racismo apresenta-se como organizador das hierarquizações e determinante das relações de dominação-inferiorização, em todas as instâncias do ser, do poder e do saber. Assim, a raça é entendida como o critério primordial para classificação social das populações em lugares específicos na dinâmica estrutural de poder (Grosfoguel, 2018; Quijano, 2005).

É a partir da articulação entre as dimensões do ser, do poder e do saber que a modernidade/colonialidade reproduz suas lógicas, colocando o sujeito colonizado em um lugar de inferioridade e desumanização. O ser diz respeito à subjetividade e à qualidade do que é vivenciado, o saber se relaciona ao conhecimento e o poder se direciona às dinâmicas políticas e econômicas. Na colonialidade, é imposto que o sujeito colonizado seja esvaziado dessas dimensões e passe a ser visto como desprovido de subjetividade e destituído da possibilidade de construir conhecimentos. Esses fatores repercutem em exploração, dominação, silenciamento, expropriação, extermínio, naturalização da morte, tortura e estupro (Maldonado-Torres, 2018). Desse modo, a colonialidade enxerga o sujeito enquanto “um campo de luta e um espaço que deve ser controlado e dominado para que a coerência de uma dada ordem e visão de mundo continue estável” (Maldonado-Torres, 2018, p.43).

Falando sobre colonialidade do poder, Aníbal Quijano (2005), explica a forma como a raça foi completamente associada à divisão de papéis no trabalho. A população negra era submetida à escravidão enquanto a raça dominante poderia exercer outras funções e receber salários ou ainda, estar em cargos mais elevados na nobreza. Assim, na expansão do capitalismo mundial, criou-se uma lógica racista de distribuição trabalhista, que segue sendo vigente, se caracterizando naturalmente por colocar em campos muito específicos, o grupo que controla e o grupo que é dominado.

Maldonado-Torres (2018) explica que o reconhecimento do significado real da colonização, por si só, já indica o início do giro decolonial, no qual o colonizado começa a colocar seus questionamentos sobre esse sistema. O ato de questionar sugere a busca por mudanças a partir da atitude. Essa atitude faz o sujeito colonizado se afastar do que lhe é imposto para aproximar-se do seu próprio eu, sendo este, um movimento decolonial. Nesse viés, é tornando-se sujeito que o colonizado se engaja criticamente às dimensões do ser, do saber e do poder na colonialidade.

Dessa forma, “a decolonialidade refere-se à luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos.” (Maldonado-Torres, 2018, p.36). Sendo

necessário para o projeto decolonial, portanto, uma mobilização do sujeito colonizado enquanto pensador, ativista e criador.

Para além de reconhecer, questionar e criticar a modernidade é necessário que se trilhem caminhos para uma atitude decolonial. Maldonado-Torres (2018) explica a importância do corpo aberto na decolonialidade, para que entendamos a necessidade de estarmos em um corpo que questiona. Estando aberto, o corpo começa a se preparar também para ação e para criatividade, sendo um giro decolonial estético e ligado à espiritualidade. Esse sujeito que questiona, age, cria, escreve precisa estar em contato com sua dimensão coletiva, para que juntos possam mobilizar essas estruturas e abrir-se para novas visões e para narrativas que avancem e rompam com a lógica da modernidade, como um projeto de decolonialidade a ser realizado. De acordo com Maldonado-Torres:

Quando o condenado comunica as questões críticas que estão fundamentadas na experiência vivida do corpo aberto, temos a emergência de um outro discurso e de uma outra forma de pensar. Por essa razão, a escrita para muitos intelectuais negros e de cor é um evento fundamental. A escrita é uma forma de reconstruir a si mesmo e um modo de combater os efeitos físicos da separação ontológica e da catástrofe metafísica. (Maldonado-Torres, 2018, p. 47)

A fundamentação deste trabalho a partir do pensamento decolonial busca um comprometimento com a autonomia de mulheres negras trazendo, nesse sentido, uma construção coletiva para escrever a história nos próprios moldes. Da mesma forma, esse compromisso se encaminha para compreender a complexidade da colonialidade e como ocorrem os impactos do seu funcionamento nas sujeitas. Considera-se também que o percurso metodológico deste trabalho se dará com enfoque na abordagem (auto) biográfica que pode ser associar com o pensamento decolonial, uma vez que falar e escrever sobre si gera processos (auto) formativos e, conseqüentemente, pode produzir questionamentos e atitudes sobre as dimensões da colonialidade do ser, do saber e do poder.

Identidade racial

Para compreender o contexto e os processos identitários que estão situados nas vias interseccionais entre ser mulher - negra e fonoaudióloga, é importante tomar o conceito sobre identidade como fundamental para este estudo.

De acordo com Munanga (1990), o conceito identidade possui um simbólico nível de complexidade por englobar uma pluralidade de fatores e tem assumido contornos voláteis ao longo do tempo. Pode-se dizer que a identidade envolve todos os atravessamentos que compõem o indivíduo e que o direcionam na dinâmica social. Nesse sentido, gênero, classe,

raça, religião, língua, etnia são reconhecidos como elementos de processos identitários (Munanga, 1999; Munanga, 2012).

A identidade localiza-se no significado de processo porque precisa ser entendida enquanto construção, já que é através das relações e das vivências que os sujeitos se constituem. Sua função é apontar a diferença em um sentido ontológico individual, e a forma como ela se expressa, em marcas identitárias, varia de acordo com determinadas sociedades. A identidade pode também ser classificada enquanto coletiva, que é relacionada ao sistema de autodefinição de um grupo de acordo com seus aspectos culturais e características contextuais, ou ainda, atribuições de “outros” sobre o que aquele grupo representa, o que é chamado de hetero-definição (Munanga, 2012).

Quando se fala em identidade coletiva, uma série de questões emerge. É necessário que na coletividade o grupo se autodefinha, é fundamental entender de onde veio esse grupo, para onde busca ir e em que lugar social está posicionado. Dessa forma, a perspectiva histórica é importante para desvelar a identidade coletiva (Munanga, 2012; Munanga, 1999).

Lançando o olhar à identidade racial negra, o conhecimento histórico sobre o ser e sua representação advém de uma invisibilização e negação muito significativa ao longo do tempo. Além disso, historicamente, os processos de identificação da população negra são perpassados pela tentativa de branqueamento e pelo mito da democracia racial, o que distancia ainda mais o estabelecimento da sua identidade (Munanga, 1999).

Mesmo que a tentativa nacional de branquear a população brasileira não tenha sido consolidada, esse processo não fracassou na ótica psíquica, já que foi introjetado no inconsciente, o que segue corroborando para uma identidade negra negativa e, conseqüentemente, inferior, e para busca do ideal branco, em um nível de superioridade (Munanga, 1999). Sendo assim, “a identidade afro-brasileira ou identidade negra passa, necessária e absolutamente, pela negritude enquanto categoria sócio-histórica, e não biológica, e pela situação social do negro num universo racista” (Munanga, 2012, p. 6-7).

Nesse cenário, há também inúmeras nomenclaturas utilizadas para definir pessoas negras de acordo com seu tom de pele, como um “espectro cromático” (Carneiro, 2020, p.161) da identidade. Essas variáveis na designação dizem muito sobre o distanciamento da negritude, como uma forma de continuar fortalecendo a ótica negativa sobre a identidade racial no cotidiano, visto que reverberam na dificuldade de firmar uma identidade negra, já que as nomenclaturas findam por fragmentá-la e geram novas hierarquias entre essa população (Carneiro, 2020).

Mulheres negras

O presente estudo é direcionado especificamente à categoria de mulheres negras na formação acadêmica e na atuação profissional em Fonoaudiologia. Levanto a questão racial nesse contexto, compreendendo que quando raça e gênero se entrecruzam, as experiências são significativamente diferentes (Kilomba, 2019).

Sueli Carneiro (2020) traça um panorama sobre a situação da mulher negra ao longo do tempo no Brasil, reafirmando a forma como a hierarquização colonial estabelece destinos sociais para a população negra, sendo estes, bem específicos para mulheres negras.

Na sociedade escravocrata de castas, o papel da mulher negra era produzir e trabalhar em uma condição de exploração. O fato de ser mulher e negra conferia e confere outra posição para a mulher negra em virtude do entrelaçamento entre duas opressões: racismo e sexismo. Ao passo que essa mulher negra era explorada no trabalho e na produção, ela sofria dominação e exploração sexual do senhor (Carneiro, 2020).

Segundo Sueli Carneiro (2020), os estereótipos relacionados à servidão sexual e exploração no trabalho se perpetuaram com outros delineamentos. As mulheres negras continuaram trabalhando em formatos servisais, como mucamas, amas de leite ou eram incorporadas à prostituição. Essas posições de subserviência e submissão tem sua historicidade tão fixa que foram inseridas normativamente na sociedade, o que foi reforçando essa herança colonial que se sustenta atualmente.

Lélia Gonzalez (2020) retrata as repercussões violentas da associação entre o racismo e o sexismo, explicando a existência de estereótipos relacionados às mulheres negras, que emergem do mito da democracia racial com o objetivo de dominar nossos corpos. Estes estão ligados às noções de mulata, doméstica e mãe preta e impactam na forma como somos enxergadas.

Beatriz Nascimento (2021) afirma que os estereótipos continuam dizendo em quais lugares pessoas negras devem estar:

Numa sociedade como a nossa, em que a dinâmica do sistema econômico estabelece espaços na hierarquia de classes, existem alguns mecanismos para selecionar as pessoas que irão preencher esses espaços. O critério racial constitui um desses mecanismos de seleção fazendo com que as pessoas negras sejam relegadas aos lugares mais baixos da hierarquia, através da discriminação (Nascimento, 2021, p. 57).

Corroborando com esse histórico e falando sobre a identidade de mulheres negras, Jurema Werneck (2010) expõe que:

As mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos (Werneck, 2010, p. 10).

Werneck (2010) reflete que dentro desse contexto de opressão só foi possível continuar e existir por meio de estratégias de sobrevivência, assim, a resistência foi o elemento fundamental para o histórico das mulheres negras. Para fundamentar sua afirmação, a autora esclarece que não foi por coincidência que as tradições africanas, a cultura e a religiosidade se perpetuam nos dias de hoje e não foram perdidas após a travessia do Atlântico. Ainda trazendo a resistência como símbolo, no período da escravatura, as mulheres negras se articulavam a fim de criar estratégias políticas para confrontar o sistema, se organizaram criando irmandades negras femininas e as esquematizações que pensavam envolviam o sagrado como ponto crucial.

Nesse cenário, é possível perceber o quanto as mulheres negras foram e são importantes na diáspora e a forma como essas mulheres se articularam para mobilizar e transformar. É nesse legado de resistência que as mulheres negras continuaram almejando possibilidades e caminhos ao longo do tempo, Sueli Carneiro (2020) expressa que:

A mulher negra, no Brasil, a partir de meados da década de 1980 passa a se organizar politicamente em função de sua condição específica do ser mulher e negra, por meio do combate aos estereótipos que as estigmatizam; por uma real inserção social; pelo questionamento das desigualdades existentes entre brancas não brancas em nossa sociedade; e contra a cidadania de terceira categoria a que está relegada por concentrar em si a tríplice discriminação de classe, raça e gênero (Carneiro, 2020, p. 167).

Nesse ensejo, as mulheres negras passaram a questionar a forma como a sociedade está constituída para denunciar as estigmatizações e marginalizações, buscando políticas públicas e iniciativas a fim de incentivar transformações por meio de organizações coletivas, através do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras, o que corroborou para a construção de políticas públicas que se destinam às demandas dessa população acarretando avanços.

Formação e Mercado de trabalho

Pensando na formação acadêmica, sabe-se que a constituição das universidades brasileiras foi elaborada em uma condição colonialista. Desse modo, as universidades brasileiras foram edificadas mediante o modelo das universidades ocidentais, esquematizando um currículo embranquecido e pensado para reforçar a mentalidade colonial. Esse molde

possui uma base elitizada, destinada às populações específicas, e projetada, historicamente, uma exclusão dos que não se enquadram nesse perfil (Carvalho, 2018).

Segundo análise estatística do IBGE (2018), a desigualdade educacional por raça/cor é presente desde a trajetória escolar e vai permanecendo no âmbito do ensino superior até chegar ao mercado de trabalho. De acordo com a Estatística de Gênero – Indicadores sociais das mulheres no Brasil do IBGE (2018), a existência de mulheres brancas no espaço acadêmico tende a ser de duas a três vezes maior que a presença de mulheres negras. Na população brasileira de 25 anos de idade ou mais, mulheres pretas ou pardas representam 10,4% do percentual de pessoas com ensino superior completo, enquanto as mulheres brancas são 23,5% desse percentual.

Esses dados corroboram para o entendimento de que mesmo na presença de mecanismos atuais que objetivam a descolonização do espaço acadêmico, como a consolidação da lei de cotas e a busca por mudanças na configuração dos currículos, ainda se encontra uma disparidade entre as experiências de pessoas negras e brancas quando pensamos no acesso, permanência na universidade e futuras condições de trabalho (Carvalho, 2018).

Na nossa sociedade, onde as estratificações ainda são evidentes, “a educação representa um fator de pressão dos grupos subordinados, visando melhores condições de vida e ascensão social” (Nascimento, 2021, p. 58). De acordo com Valério et al. (2021) e Queiroz & Santos (2016), apesar do espaço acadêmico ser atualmente esse lugar de ascensão para comunidade negra, ele continua distanciando mulheres negras mesmo quando elas adentram esse espaço, já que a presença de situações discriminatórias estruturais e individuais por raça, classe e gênero tendem a ser constantes, o que torna a trajetória universitária muito mais desafiadora. O acesso ao ensino superior pode se tornar, então, uma experiência de não lugar, enfatizada pelas práticas racistas e sexistas vivenciadas e reforçada através da ótica da realidade na qual é possível enxergar uma sub-representação de pessoas negras dentro do âmbito acadêmico, e escancara a continuidade desse processo desigual.

Não é diferente no contexto do mercado de trabalho, uma vez que a dificuldade de acesso à educação pode ser vista como um dos fatores que repercutem na inserção no trabalho. Os indicadores trazem uma prevalência da população negra nos trabalhos menos remunerados, se localizando principalmente em serviços voltados à agropecuária, domésticos e de construção, o que difere dos locais em que mais estão situadas pessoas brancas, que se encontram em serviços de saúde, educação, administração, entre outros, obtendo um maior rendimento, além de estarem predominantemente ocupando cargos gerenciais. Além disso, a

população negra é a que mais se encontra nas taxas de desemprego e de trabalhos informais (Observatório das desigualdades, 2020).

Identidade profissional

Entendendo que a identidade é mutável e que vai sendo associada a outras ao longo do tempo, é importante reconhecer a identidade profissional relacionando ao contexto de atuação fonoaudiológica. Neto (1994) coloca a perspectiva da fundamentação histórico-social da profissão como rumo para entender sua origem e sobre a transformação dos caminhos que têm sido percorridos no presente.

O surgimento da Fonoaudiologia no Brasil é permeado por inúmeros questionamentos, sem definições claras sobre a forma como foi concebido o fonoaudiólogo enquanto profissional. No entanto, sabe-se que seu marco se deu através de uma conjuntura higienista. Nessa estrutura, em meados da década de 1920, esse profissional deveria preocupar-se com a instituição de uma língua padronizada, eliminando estrangeirismos e diferentes dialetos existentes, objetivando um falar “purificado” por meio de condutas higiênicas que ocorriam, principalmente, no ambiente escolar (Neto, 1994).

O estudo de Neto (1994) traça apontamentos relacionados à formação em Fonoaudiologia manifestando que a identidade profissional do fonoaudiólogo é perpassada pela sua origem higienista e pela ótica de patologização. Além disso, enumera uma série de situações que colocam em lugares opostos prática e realidade e distanciam a linguagem e prática social.

Gabriel Nascimento (2019) em *Racismo Linguístico*, nos explica que a linguagem está completamente relacionada aos projetos de poder, com implicação direta da colonialidade, uma vez que na invasão europeia ela foi um instrumento de dominação. Desse modo, pode-se inferir que a Fonoaudiologia é proveniente de uma espécie de controle social da língua, que se deu de forma intrínseca, também, pelo viés da raça, já que “forçar um pensamento de normativismo linguístico é forçar um pensamento de racialização por intermédio da língua” (Nascimento, 2019, p. 50). Isto porque, considerava-se que as línguas que necessitavam de padronização eram justamente provenientes de classes sociais vistas como inferiores, nas quais estava a população negra.

Sobre isso, o artigo de Thalia Vasconcelos (2022) apresenta uma série de dados relacionados à legitimação do linguicídio, que representa o apagamento e a morte de uma língua. Explicando o quanto a atuação fonoaudiológica é direcionada a esse objetivo desde a institucionalização da profissão. A autora traz o “pretuguês” de Lélia Gonzalez (2020) que

simboliza as marcas de África na nossa língua, como uma africanização do português brasileiro, para apontar que enquanto fonoaudiólogos (as) somos educados a “ignorar esta influência da língua africana e, mais do que isso, passamos a considerar erro, desvio. No curso de fonoaudiologia, aprendemos que devemos tratar essas trocas, nomeadas patologicamente como desvio fonológico” (Vasconcelos, 2022, p. 277).

De acordo com Neto (1994) é necessário pensar sobre linguagem na sua dimensão biopsicossocial, já que desde o início a Fonoaudiologia centraliza na condição patológica e de normatividade. Corroborando com esse posicionamento, Maia (1987) menciona que a atuação em Fonoaudiologia deve ser estritamente pensada enquanto prática social, não só no sentido de percebê-la de forma mais ampla, mas também de pensar sobre o público que estará recebendo o serviço e sua função. Nesse sentido, cabe a provocação - quem está ofertando esse serviço e a quem se destina essa função?

Freire & Ferreira (1994) estudaram o perfil profissional em Fonoaudiologia, no qual foi constatado que essa carreira é composta, majoritariamente, por mulheres jovens, que tem sua área de atuação no fazer clínico, a maioria com 1 ou 2 empregos, com a área de atuação em linguagem sendo prevalente. No entanto, essa pesquisa não possui um recorte racial para que se conheça especificamente essa população.

Já o estudo de Santos & Luccia (2014) identificou o perfil dos estudantes de Fonoaudiologia brasileiros de acordo com ENADE (Exame Nacional de Desempenho de estudantes), elas analisaram os relatórios do ENADE de 2004, 2007 e 2010 e verificaram que esse perfil se modificou ao longo do tempo. Porém, é muito pertinente observar que independente do ano, o curso de Fonoaudiologia continua tendo uma predominância de mulheres brancas. Ainda que, se comparado o ano de 2004 com 2010, tenha sido observada uma maior acesso de homens e um maior índice da raça/cor parda, que pode ser explicado pelas políticas públicas de acesso ao Ensino Superior para essa população.

As informações do parágrafo anterior foram corroboradas por um relatório que apresentou o Perfil de Fonoaudiólogas (os) no Estado de São Paulo retratando o ano de 2017 em comparação com 2007. De acordo com essa pesquisa, foi observado que mulheres brancas foram a maioria na realização de matrículas em cursos de Fonoaudiologia em São Paulo no ano de 2017. Neste estudo, foi encontrado um percentual de 61,1% de pessoas brancas, em sequência 20,4% de pessoas pardas, 6,4% de pessoas pretas, 2,8% de pessoas amarelas e 0,3% de pessoas indígenas na graduação (DIEESE, 2018).

No que diz respeito à atuação profissional, no relatório do DIEESE, foi observada a preponderância de mulheres fonoaudiólogas, tanto nos registros ativos quanto inativos. Na

distribuição de empregos formais celetistas, quanto ao quesito raça/cor, foi encontrado que 86% das fonoaudiólogas (os) eram brancas (os), 6% pardas (os), 1% pretas (os), 1% amarelas (os) e 0,1% indígenas (DIEESE, 2018).

Até o momento, há a ausência do quesito raça/cor nos registros de fonoaudiólogos no Brasil, informação obtida por meio do Conselho Regional de Fonoaudiologia 4ª região. Inclusive, não consegui acessar dados percentuais sobre o quantitativo de fonoaudiólogos negros no país como um todo. Ao buscar no *site* do Conselho Federal de Fonoaudiologia, existem informações sobre o quantitativo de fonoaudiólogos por estado e por conselho regional, no entanto, sem especificações de raça/cor. Levando a entender que esses dados são relacionados a um “sujeito universal”.

No que se refere à associação entre raça e Fonoaudiologia, foi realizada uma pesquisa nos Estados Unidos com o objetivo de analisar dois documentos chave que orientam o perfil profissional na Fonoaudiologia norte americana, para observar se existem considerações a respeito da população negra na Fonoaudiologia. Os autores identificaram a ausência de considerações sobre raça nesses documentos, pressupondo a neutralidade existente nesse campo. Neste trabalho, os autores discutem que “o principal indicador de que o racismo sistêmico está em ação dentro de uma organização é, de fato, o apagamento da raça e do racismo dos discursos institucionais, especialmente quando a organização é muito afetada por isso” (Yu et al. 2022, p. 584). Essa lógica implica que existe uma intensa invisibilidade racial na Fonoaudiologia que a coloca em uma posição de neutralidade, visto que no contexto desse estudo, ela também é uma área predominantemente branca, o que significa que a raça e o racismo não estão sendo reconhecidos no seu interior (Yu et al. 2022).

Além disso, por meio desses documentos, esses autores se dedicaram a compreender como se dá a construção de um “fonoaudiólogo ideal”. Eles identificaram temas muito problemáticos sobre o “ser profissional”, visto que esses documentos fomentam padrões sobre comunicação, comportamento, vestimentas, modos de ser e de agir, com uma falta de especificação sobre esses códigos, demonstrando uma tendência em indicar que esses padrões profissionais estão inteiramente relacionados à branquitude como “norma”, dada a institucionalização da branquitude no campo da Fonoaudiologia (Yu et al. 2022).

Um estudo sobre a presença do racismo sistêmico em Fonoaudiologia realizado no Quebec afirma que a Fonoaudiologia “baseia-se em uma abordagem ocidental, etnocêntrica”, nos termos da colonialidade (GAAROA, 2020, p 33). Esse estudo aponta para formação, prática profissional e para usuários do serviço em Fonoaudiologia com enfoque nas experiências de pessoas negras, indígenas e racializadas, trazendo as manifestações e

repercussões do racismo e recomendações para uma saída antirracista nessa formação (GAAROA, 2020).

De acordo com a pesquisa citada, na academia, os estudantes e professores estão sub-representados na formação em Fonoaudiologia e esse aspecto influencia diretamente as chances de sucesso que os alunos terão tanto na academia, quanto na futura prática profissional. Além disso, os autores explicam que essa ausência de diversidade pode também repercutir na ausência de acolhimento dos alunos. Essa pesquisa também traz as perspectivas da população negra, indígena e racializada enquanto usuária do serviço fonoaudiológico e explicita a existência de dificuldades para essa população chegar e continuar nesse serviço de saúde (GAAROA, 2020).

Nesse sentido, outra reflexão importante colocada nesse estudo é que a qualidade do atendimento em Fonoaudiologia depende diretamente do conhecimento da configuração em que vive o paciente que acessa o serviço. Desse modo, as avaliações fonoaudiológicas precisam ser inteiramente realizadas de forma contextualizada, dado que as formas de comunicação dependem de questões culturais, e podem ser julgadas e avaliadas inadequadamente caso esteja se pensando em uma norma ocidentalizada, que pressuponha a existência de um “sujeito universal”. Outro quesito a ser repensado é a utilização de materiais e recursos na terapia fonoaudiológica. A ausência de elementos identitários representativos, orientações descontextualizadas, materiais não compreensíveis do ponto de vista cultural, recomendações distantes da realidade, foram colocados como barreiras para eficácia do atendimento, fazendo com que haja a continuidade do racismo sistêmico dentro da atuação (GAAROA, 2020).

Nesse cenário, é pensando nesses processos que este trabalho buscou discutir raça dentro do âmbito da Fonoaudiologia, na perspectiva de mulheres negras fonoaudiólogas, visto que é conhecendo as experiências de vida, formação acadêmica e atuação profissional que pode-se abrir espaço para compreender as narrativas imbricadas nessas trajetórias.

Abordagens narrativas (auto) biográficas

Apontando para a história de vida como instrumento que revela, transforma e faz refletir sobre identidade, compreende-se que a partir dela, o sujeito que narra tende a tornar-se consciente sobre seus processos e representações de si (Josso, 2007). Assim, é narrando que o sujeito compartilha sua história de vida e correlaciona os fatos ocorridos na sua trajetória, o que faz suscitar reflexões. Nesse arranjo, o sujeito compartilha esse movimento com seu

interlocutor que está na posição de escuta e mediante a reflexividade, ambos se transformam (Simão; Frison, 2020).

Conhecer as histórias de vida de mulheres negras em uma configuração que orienta para a ótica de que elas sejam agentes das próprias trajetórias, repercute na valorização da potência das suas vozes. Metodologias centradas no sujeito e nas suas subjetividades proporcionam um enfoque no trabalho com as questões de identidade, em como ela se mobiliza ao longo do tempo, nas facetas que a identidade assume e na forma como ela se elabora. Para o desenvolvimento dessa construção, uma história de vida própria se delinea a partir do movimento de (auto) biografização que pode ser oral ou escrito. A proposta desta pesquisa foi utilizar a via da oralidade por meio de momentos denominados *Encontros Narrativos*, onde foram realizadas entrevistas narrativas (auto) biográficas, nas quais as sujeitas apresentaram suas narrativas.

Nessa rota, é refletindo sobre minha posição de mulher negra, profissional de saúde, fonoaudióloga, que lanço o olhar às histórias de vida de outras fonoaudiólogas negras, dentro de uma perspectiva que visa movimentar a escrita “de dentro” (Kilomba, 2019, p.83) para compreender as histórias de vida de mulheres negras que estão em posições similares à minha e que exercem papéis singulares, porém próximos aos meus.

Considero que a escrita deste trabalho, constitui uma escrevivência, por contemplar um encontro de histórias de mulheres negras e pelo seu caráter contra hegemônico. Conceição Evaristo (2005) elucida que esse conceito abrange o lugar social, de gênero e étnico racial de onde nascem as experiências de mulheres negras, compreendendo que mesmo havendo diversidade nas nossas agendas, as nossas experiências podem se encontrar. Além disso, a escrevivência pode evidenciar denúncia, justamente, por reverter o silenciamento - anteriormente imposto - em enunciação.

[...] a escrevivência das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (Evaristo, 2005, p. 6).

Nessa esteira, a utilização da entrevista narrativa (auto) biográfica nesta pesquisa se articula na perspectiva de viabilizar a expressão oral da narrativa. Para Souza (2011), é no percurso da entrevista narrativa que o sujeito interroga o significado das suas vivências, resgata suas memórias e amplia o olhar para a história de sua vida reconstruindo os momentos que vivenciou na área pessoal e profissional, essas ações possibilitam a elaboração da autorreflexão.

A entrevista (auto) biográfica em diálogo com a perspectiva das histórias de vida busca apreender a subjetividade do sujeito, e consequentemente, proporciona uma configuração de reflexividade, visto que “o sujeito é capaz de se formar a partir da apropriação do seu percurso, ou seja, da sua história de vida, uma vez que o que foi vivido, ao ser narrado, torna-se experiência que vai nos ajudar a saber fazer e tornar-se” (Silva, 2015, p. 8).

Objetivos

Objetivo geral:

Compreender as histórias constituidoras da identidade de mulheres negras fonoaudiólogas

Objetivos específicos:

- a) Apreender as histórias relacionadas à construção da identidade racial e de gênero de fonoaudiólogas negras;
- b) Descrever as narrativas de mulheres negras sobre a formação acadêmica em Fonoaudiologia;
- c) Descrever as histórias da prática profissional de fonoaudiólogas negras;
- d) Apreender as experiências de ser mulher negra profissional de saúde;

Caminhos Metodológicos

Ancorando-se na epistemologia multirreferencial (Macedo, 2020), esta pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa interpretativa de caráter descritivo. A abordagem qualitativa é caracterizada por considerar as particularidades e subjetividades dos participantes envolvidos na pesquisa. Esse método se constitui como um meio em que o pesquisador passa a analisar situações contextuais e sua relação com os significados de vida das pessoas, suas representações e pontos de vista (Yin, 2016).

Este trabalho está dentro de uma abordagem multirreferencial, uma vez que esse tipo de abordagem possui o caráter de abrir espaços para existência de uma diversidade de referências, trazendo nesse sentido, as contradições, os diálogos entre as teorias e a complexidade que é compreender o sujeito na pesquisa (Macedo, 2000). Essa epistemologia oferece diferentes perspectivas no caminho para compreender e interpretar as histórias de vida das colaboradoras, os fenômenos que marcaram suas vivências e a formação da sua identidade.

Nesse percurso, foi adotada a metodologia de pesquisa (auto) biográfica, visto que este trabalho coloca uma ênfase nas narrativas de si como ponte para o entendimento do sujeito e da sua coletividade, sendo também um processo reflexivo baseado no encontro com a própria história (Delory-Momberger, 2016). A dinâmica de colocar essas experiências vividas em forma de narrativa é chamada de biografização. Uma atividade que pode ser construída por meio da narrativa oral e escrita, juntamente com os moldes expressivos que estão no entorno dessa narrativa (Delory Momberger, 2016). Assim, a experiência de (auto) biografar-se pode ser entendida como “um processo de formação em ação” (Rocha & Azevedo, 2021, p. 2).

Para construção do itinerário de informações, o movimento de biografização, nesta pesquisa, foi alinhavado na esteira da entrevista narrativa (auto) biográfica. Sendo este, o dispositivo de produção de informações no decorrer desse estudo.

A pesquisa também assume a característica de pesquisa implicada, já que emerge da minha experiência enquanto mulher negra, atuante na área da saúde como fonoaudióloga. Nesse entrelaçamento, ao passo que estou na posição de pesquisadora, também me coloco como sujeito. Dessa forma, é traçada uma dinâmica de pesquisa implicada, de sujeito para sujeito, que se opõe à ótica hegemônica de objeto de pesquisa e traz na sua perspectiva o protagonismo desse sujeito que fala e escreve sobre si.

O projeto de pesquisa foi submetido na Plataforma Brasil e avaliado pelo Comitê de Ética da Faculdade Integrada do Sertão (FIS) tendo sido aprovado e registrado com o CAAE

de nº 59022622.4.0000.8267, atendendo os preceitos éticos das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde/CONEP. Após aprovação do projeto foi iniciada a construção da colheita de informações para pesquisa, que ocorreu de dezembro de 2022 a fevereiro de 2023.

Dispositivos de colheita de informações

Os dispositivos utilizados no período da colheita de informações foram:

1- Questionário Contextual: esse questionário foi utilizado com o objetivo de caracterizar o perfil das participantes, no qual terão informações relacionadas à idade, ano de início e fim da graduação, período de espera para conseguir o primeiro emprego como fonoaudióloga, tempo de atuação, quantidade de empregos que teve como fonoaudióloga, região em que residem, situação profissional atual, área de trabalho, público de atendimento, regime de trabalho, formação adicional e região em que se graduaram (APÊNDICE I).

2- Entrevistas narrativas (auto) biográficas (*Encontros narrativos*): a entrevista narrativa (auto) biográfica é entendida como um percurso pelo qual o sujeito pode apreender e manifestar suas próprias experiências de vida e a construção de sentidos sobre sua trajetória (Souza, 2011). Esse tipo de entrevista é contrário ao esquema de pergunta-resposta e busca um movimento de espontaneidade no modo como o informante conta a sua história com propósito de que ele mantenha sua perspectiva sobre o que será relatado (Jovchelovitch & Bauer, 2000). Nessa pesquisa, as entrevistas são intituladas como *Encontros Narrativos*.

Etapas metodológicas

A metodologia foi constituída por etapas, todas elas ocorreram em ambiente virtual. Como já foi mencionado, os dispositivos utilizados nessas etapas foram: questionário contextual e entrevistas narrativas (auto) biográficas (*Encontros Narrativos*).

Na primeira etapa, houve a divulgação da pesquisa nas redes sociais, com vistas a convidar as participantes. Importa mencionar que essa divulgação ocorreu, especialmente, em um grupo de *WhatsApp* de um coletivo de fonoaudiólogos negros. Enviei o convite para o grupo, contendo um texto explicativo sobre a proposta da pesquisa, junto a uma imagem descritiva. No texto, inseri um *link* que direcionava a pessoa interessada a preencher o questionário contextual com perguntas relacionadas aos seus dados pessoais, informações sobre a graduação e atuação profissional em Fonoaudiologia. A partir deste *link*, as participantes também poderiam assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para confirmar seu interesse e participação. O critério de inclusão para essa pesquisa foi que essas mulheres negras fonoaudiólogas tivessem pelo menos um ano de atuação profissional.

Assim, sete mulheres negras fonoaudiólogas preencheram o questionário e assinaram o TCLE. Após esse momento, entrei em contato com todas elas por e-mail a fim de marcarmos os *Encontros Narrativos*, também me coloquei à disposição para explicar melhor o processo da pesquisa. Nesse processo, apenas três resolveram realmente participar do *Encontro Narrativo*. As três mulheres negras fonoaudiólogas que participaram, apesar da rotina de trabalho, se dispuseram a estar presentes em outros momentos da pesquisa, caso fosse necessário. Entretanto, em apenas um encontro, foi possível abarcar muitos detalhes significativos sobre as histórias de vida de cada uma. Os encontros realizados ocorreram em horários não comerciais, devido à rotina e a carga horária no trabalho. Compartilho dessa situação, uma vez que conciliar trabalho em ambulatório do SUS, atendimentos clínicos e o mestrado não foi uma tarefa fácil, então, os horários adequados para elas também foram os mais ideais para minha realidade.

Dessa forma, foi realizado um *Encontro Narrativo* individual com cada participante com cerca de 1h de duração. Estes encontros foram realizados virtualmente por meio da Plataforma *Google Meet*. Em paralelo a isso e/ou ao término dos encontros, foram registrados em diário de pesquisa minhas próprias percepções e reflexões sobre as narrativas, uma vez que a proposição deste estudo é, também, que eu esteja implicada enquanto pesquisadora-

pesquisada. As participantes serão chamadas de *narradoras* e a tabela a seguir apresenta uma caracterização dos *Encontros Narrativos* realizados:

Tabela 1 - Caracterização dos encontros narrativos

Participantes	Data do Encontro Narrativo	Plataforma online	Tempo de Encontro Narrativo
<i>Narradora 1</i>	20/12/2022	<i>Google Meet</i>	50 min e 20 seg
<i>Narradora 2</i>	20/12/2022	<i>Google Meet</i>	50 min e 30 seg
<i>Narradora 3</i>	11/02/2023	<i>Google Meet</i>	1h e 12 min

Fonte: Elaboração própria

Devo confessar que no caminho anterior à realização dos encontros, tive muitos medos que me bloqueavam para iniciar. Entendo que nessa fase, os receios e questionamentos podem estar presentes, mas eles me estacionavam. O silêncio estava pulsando em mim. O medo de falar, de estar pesquisadora, de “direcionar” e talvez o medo de apresentar minhas fragilidades estavam presentes. Logo durante o primeiro encontro, percebi que a minha posição ali era outra, estar pesquisadora-pesquisada me trouxe um resgate do que essa pesquisa representa para mim e no diálogo, fui afetada, compartilhei, ouvi, vivi e compreendi o quanto as narrativas se encontraram e me encontraram. O medo foi se transformando em coragem. Durante os *Encontros Narrativos* eu me senti em *casa*.

Assim, a partir deste momento as *tramas narrativas* serão *arquitetadas* assumindo a metáfora da *casa*, o que ajuda a pensar na identidade enquanto *construção*, além de considerar que a *casa* pode representar a intimidade, a subjetividade da pessoa e que pode permitir desconstruções, reparos e transformações ao longo do tempo.

As participantes permitiram minha *visitação* em suas *casas* e ambas se mostraram muito expressivas, sem reservas para falar sobre si, apontando o quanto se sentiram vinculadas ao conhecer a temática da pesquisa. Nesse sentido, desde o início a proposta da pesquisa conferiu a essas participantes uma posição de pertença, “de dentro”, dinâmica que é inteiramente contrária à lógica de objeto da pesquisa. Aqui a *casa* é estruturada coletivamente - com e por mulheres negras, tendo o intuito de pensar a oralidade como um lugar para autodefinição, autonomia e reflexão dos caminhos percorridos na *construção* da identidade. Assim, em certos momentos, no decorrer das narrativas, minha *casa* também será apresentada.

Ao início de cada encontro narrativo, as participantes foram acolhidas, me apresentei para elas e lancei a explicação detalhada dos objetivos da pesquisa, além de trazer o conceito

de narrativa (auto) biográfica para que elas fossem se ambientando. A questão geradora dos encontros narrativos foi: “Eu queria que você me contasse sobre suas experiências, memórias e sua história de vida sendo mulher, negra e fonoaudióloga”. Assim, os encontros fluíram a partir da conversação, em que assumi a posição de pesquisadora-pesquisada, entendendo que é a partir do diálogo que surgem compreensões e novas interpretações sobre a vida, reconhecendo a postura implicativa que rege esse trabalho.

Para seguir a essência (auto) biográfica das narrativas, tive o cuidado de não interromper a fala das participantes e de ser ouvinte para recebê-las de uma forma livre, tendo sido feitas inferências nos moldes da conversa apenas quando percebi espaço e/ou necessidade (Jovchelovitch, Bauer, 2002).

Esse tipo de pesquisa se desenvolve de uma forma diferente das entrevistas convencionais com modelos de perguntas/respostas, uma vez que ocorre por meio da conversação e da narrativa enquanto caminho para compreensão da própria história. Assim, a proposta era de que as participantes falassem de forma livre, sem exigências de percursos temporais, objetivando um relato espontâneo. Uma das participantes aponta a dimensão do que significa falar sobre si, explicando que ao narrar existe um movimento interno-externo que sempre vai provocar novas expressões a partir do reencontro com as próprias experiências e memórias: *“tem muita coisa, né? Eu acho que você deve estar percebendo isso, sempre quando a gente vai contar, a gente vai lembrando [...] é interessante como vai se desdobrando”*.

Nos três encontros narrativos realizados não foram notadas dificuldades para que as participantes se sentissem pertencentes à proposta da narrativa (auto) biográfica. Pelo contrário, elas conseguiram contar ativamente sobre sua própria vida como se já tivessem destreza para “erguer a voz”, como diz bell hooks (2019), falando de si mesmas. Desde o início assumiram a posição de sujeitas, revelando o *terreno* fértil que as narrativas (auto) biográficas oferecem enquanto caminho para consciência da própria trajetória, o que permitiu mobilizações e aproximações da minha história, estando pesquisadora-pesquisada em meio a esse processo.

“Ai! Vai ter um monte de questões para falar...”: Sobre as narradoras

Este tópico possui a pretensão de apresentar a *casa* das *narradoras* da pesquisa, retratando o questionário contextual que foi preenchido previamente por elas e associando-os a uma breve biografia de cada uma, respeitando as narrativas expressadas nos encontros.

As tabelas a seguir foram organizadas de acordo com o questionário contextual. A tabela 2 apresenta informações relacionadas à idade, raça/cor e naturalidade. Duas das participantes apresentaram idades próximas, com uma diferença de apenas 2 anos. Quanto ao critério raça/cor, todas se identificam como pretas e duas delas são da região nordeste do país, naturais do estado da Bahia e apenas uma é da região sudeste, natural de São Paulo.

Tabela 2 – Idade, raça/cor, naturalidade

Participantes	Idade	Raça/cor	Estado
<i>Narradora 1</i>	28 anos	Preta	BA
<i>Narradora 2</i>	26 anos	Preta	BA
<i>Narradora 3</i>	34 anos	Preta	SP

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 3 se relaciona à formação acadêmica, envolvendo dados sobre a instituição de ensino superior das participantes, se entraram na universidade por meio da política de cotas e a região em que se graduaram, além do período em que permaneceram na universidade. Duas das participantes estudaram em IES pública e apenas uma entrou na universidade pela política de cotas. Cada uma se formou em um estado diferente: Bahia, Sergipe e São Paulo. E estiveram na graduação em momentos diferentes: A *narradora 1* esteve de 2013 a 2017, a *narradora 2* de 2016 a 2020 e a *narradora 3* de 2008 a 2011.

Tabela 3 – Formação acadêmica

Participantes	IES	Política de cotas raciais	Estado da graduação	Período universitário
<i>Narradora 1</i>	Pública	Não cotista	BA	2013 a 2017
<i>Narradora 2</i>	Pública	Cotista	SE	2016 a 2020

<i>Narradora 3</i>	Particular	Não cotista	SP	2008 a 2011
--------------------	------------	-------------	----	-------------

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 4 compreende a atuação profissional, incluindo o tempo que atuam como fonoaudiólogas, a região em que realizam a prática profissional, o ambiente em que desempenham suas funções e a área de atuação, se possuem formação adicional, o valor da sua renda mensal e como se organiza seu regime trabalhista. Duas das participantes possuem de 1 a 5 anos de atuação, enquanto uma tem de 11 a 15 anos. As *narradoras 1 e 2* atuam na região nordeste, no estado da Bahia e a *narradora 3* atua na região sudeste, em São Paulo. Ambas possuem ambientes de atuação diferentes: Ambulatório de especialidades, Hospital e Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Possuem áreas de atuação mistas, mas com muita ênfase na área da linguagem e duas delas, na época da pesquisa, tinham pós-graduação enquanto formação adicional. A *narradora 1* apresenta renda mensal de até 2 salários mínimos e as *narradoras 2 e 3* possuem renda de 3 a 5 salários mínimos. As participantes também possuem regimes de trabalho diferentes: Contrato CLT, Bolsista de residência e Servidora Pública.

Tabela 4 – Atuação profissional

Participantes	Tempo de atuação	Região em que atua	Ambiente de atuação	Área de atuação	Formação adicional	Renda mensal	Regime de trabalho
<i>Narradora 1</i>	1 a 5 anos	BA	Ambulatório	Linguagem	Pós-graduação	Até 2 salários mínimos	Servidora pública
<i>Narradora 2</i>	1 a 5 anos	BA	Hospital	Linguagem, Motricidade Orofacial, Disfagia e Saúde Coletiva	Não possui	3 a 5 salários mínimos	Bolsista - residência
<i>Narradora 3</i>	11 a 15 anos	SP	CAPS	Saúde Coletiva	Pós-graduação	3 a 5 salários mínimos	Contrato CLT

Fonte: Elaboração própria.

Essas tabelas foram organizadas para apresentar uma caracterização do contexto de vida das participantes. Agora apresentarei seus perfis biográficos seguindo a ordem cronológica de realização dos encontros, de acordo com as narrativas e memórias que elas expressaram.

Narradora 1

A primeira participante a contar sua história é uma mulher preta, baiana, de 28 anos de idade. Filha de pais negros, provenientes do subúrbio ferroviário. Conta sua história de vida partindo das memórias da sua família. Entre as experiências de viver à margem e ausência de oportunidades, as mulheres da sua família encontram na educação uma forma de transformar a realidade em que viviam e transmitem essa consciência para os mais novos. No entanto, “quebras de ciclo” só começam a ocorrer na geração mais recente, que é a da *narradora 1*.

No decorrer dos seus relatos surgem temas voltados à coletividade e ao incentivo imbricado nos processos familiares.

Entra na universidade pública e se encontra com o movimento estudantil, local onde firma sua consciência política e atravessa o sentido de tornar-se negra. Nesse ponto, sua vida começa a ter significações que a perpassam em todos os contextos, inclusive na graduação em Fonoaudiologia.

É nesse momento que percebe o quanto a Fonoaudiologia estava (e continua) distante das questões étnico-raciais e busca alternativas para aproximá-las, mesmo que individualmente e atravessada por silenciamentos impostos. Diante disso, se movimenta para desbravar um fazer fonoaudiológico diferente do convencional, escrevendo sua própria história enquanto fonoaudióloga negra, compartilhando uma identidade negra positiva no seu fazer, tanto no ambiente de atuação, quanto nas redes sociais.

Narradora 2

A segunda participante a contar suas vivências é uma mulher preta de 26 anos, baiana, mas que teve vivências em boa parte de sua vida em outro país.

Conta sobre sua infância vivendo em um ambiente cultural diferente e o quanto isso influenciou na formação da sua identidade, uma vez que o país em que vivia era predominantemente composto por pessoas pretas, se deparando com questões raciais apenas ao voltar para o Brasil.

Em suas falas, evidencia o quanto seus pais sempre se mostraram atentos para protegê-la do racismo. Desde a busca por escolas que possuíam melhor aceitação, até ir à escola para conversar com a direção quando episódios racistas aconteceram. A *narradora 2* percorre o período escolar sendo confrontada por situações que a faziam depositar muita energia nos estudos, a fim de elevar sua autoestima intelectual.

Ao ingressar em uma instituição de ensino pública para cursar o ensino médio/técnico, começa a ter contato com movimentos políticos e passa a aceitar sua identidade de mulher negra.

Para cursar a graduação, muda para outro estado. Aos poucos vai se encontrando em outros ambientes que fortaleceram sua identidade negra, compartilhando vivências com seus semelhantes e, assim, afrocentrando as suas relações interpessoais em detrimento dos episódios racistas experienciados.

Assim, com um incômodo muito latente por sentir-se sozinha na área da Fonoaudiologia, se movimenta para compreender as vivências de outras pessoas negras na graduação e atuação fonoaudiológica, construindo um coletivo para que as vozes possam ser erguidas e ouvidas. Em busca, também, de criar espaços e narrativas negras dentro da Fonoaudiologia e encontrar formas de transformar a realidade vivenciada coletivamente. Nessa busca, ela passa a se construir, se envolver e se identificar.

Narradora 3

A terceira participante a contar sobre sua vida é uma mulher preta, paulista, de 34 anos de idade. É filha de um casal afrocentrado e proveniente de uma família negra em que sua mãe e tias foram universitárias.

Sua história de vida é completamente atravessada pela importância dada ao estudo e ao trabalho, uma vez que, mesmo diante dos desafios, a realidade da sua família foi transformada pela experiência universitária que trouxe boas oportunidades de emprego e melhorou a condição socioeconômica familiar tornando-a estável.

Esses atravessamentos influenciam de forma muito significativa nos seus modos de estar no mundo e fazem com que esta participante esteja conectada a estudar e a trabalhar, a ponto de sentir-se sobrecarregada, cobrada, e com dificuldades para desacelerar, aspectos que têm sido cuidados na psicoterapia e que ela relaciona, também, à sua identidade de mulher negra.

Por já ter conhecimento prévio sobre a área fonoaudiológica, a *narradora 3* envereda suas escolhas pela área da saúde, e resolve cursar Fonoaudiologia contando com o apoio da sua família.

Inicia o período universitário conciliando com o trabalho durante 2 anos, mas depois passa a dedicar-se exclusivamente ao curso. Relata que nesse momento da sua vida, convivia num ciclo embranquecido, visto que só havia 3 mulheres negras na turma e sua consciência racial ainda estava dando passos para construção.

Nesse momento, começa a observar disparidades entre suas vivências e as dos demais colegas e isso repercute na sua forma de atuar profissionalmente. É assim que começa a se perceber hipervigilante. A *narradora 3* entende que elaborar a sua consciência racial foi um processo doloroso e libertador. Nesse caminho de auto compreensão, percebe-se mais fortalecida e mais inteira.

A Interpretação e a Experiência Em Diálogo

Os *Encontros Narrativos* foram gravados em vídeo/áudio e posteriormente, assistidos e estudados exaustivamente até chegar à transcrição, na íntegra, das expressões colhidas, a fim de que fossem realizadas as análises. Para análise, codifiquei todas as histórias narradas pelas participantes, evidenciando os elementos significativos que se relacionam com os objetivos específicos do estudo. Para facilitar a compreensão dos movimentos dessa pesquisa, foi organizado um quadro de análise no *Word*, composto por três colunas que foram esquematizadas a partir de cada tema/subtema. A saber:

1ª coluna - Foram dispostos os fragmentos das narrativas das participantes, aqui seus relatos foram elencados de acordo com cada eixo temático: identidade, família, formação acadêmica, escolha do curso, atuação profissional e mercado de trabalho.

2ª coluna - Foram elaboradas descrições breves sobre cada trecho das narrativas das participantes.

3ª coluna - Foram construídos sentidos e significações sobre cada trecho e descrição, bem como, houve a inserção da fundamentação teórico-interpretativa, como parte final do processo de análise.

Após o momento de transcrição e leitura exaustiva do material colhido nos encontros, as narrativas das participantes foram organizadas em categorias temáticas com seus respectivos subtemas. Foram definidos os eixos temáticos: Identidade, que se relaciona ao contexto racial e familiar; formação acadêmica, incluindo as experiências na graduação, o ingresso na universidade e a escolha do curso; e atuação profissional com histórias sobre prática fonoaudiológica e o mercado de trabalho.

Assim, foram extraídos fragmentos do *corpus* narrativo a fim de valorizar a oralidade das participantes, sendo inseridos no texto de acordo com a variação de cada temática. Grada Kilomba (2019) chama essa organização de análise episódica. Assim, selecionei os episódios e associei-os aos eixos centrais da pesquisa, como uma forma de recriar cenas das histórias de vida das participantes.

Dessa forma, os capítulos a seguir retratam as descrições e as análises das informações colhidas nos *Encontros Narrativos* a partir de fragmentos/episódios do *corpus* narrativo, associando-os a possíveis interpretações e à fundamentação teórica escolhida para esse estudo.

Esse capítulo se organiza por meio dos eixos temáticos definidos por meio dos objetivos e da análise da pesquisa. A maioria dos títulos foi retirada de citações das próprias participantes, como uma forma de dar sentido ao texto e de reafirmar o protagonismo das participantes.

O diagrama a seguir, representa a composição dos eixos temáticos desta pesquisa, evidenciando uma circularidade entre os temas e a forma como eles se relacionam entre si. Assim, mesmo que cada subcapítulo seja trabalhado com um tema específico, por vezes, um pode fazer referência ao outro.

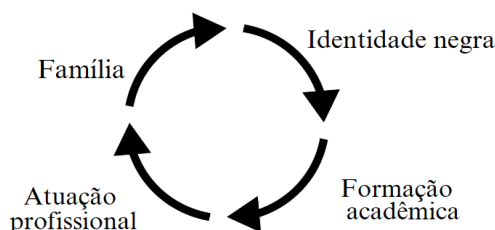


Figura 2. Eixos temáticos
Fonte: Elaboração própria.

O primeiro eixo temático trabalhado foi intitulado: “Para falar de mim, eu tenho que falar de quem vem antes de mim”: Famílias negras e identidade racial. Escolhi iniciar com esse tema, justamente, instigada por essa frase da *narradora 3*, em que ela considera fundamental refletir sobre as histórias dos mais velhos para depois falar de si. Neste tópico, as participantes retratam as experiências dos seus familiares associando-as à sua própria subjetividade. Aqui, há discussões sobre ancestralidade, estratégias de sobrevivência, racismo e rede de apoio.

Logo após, se apresenta um eixo temático voltado à identidade racial: “Foi o início de começar a me aceitar como uma mulher negra. Porque tem muito isso de se aceitar, se tornar uma pessoa negra”: Mulheres negras e a construção da identidade racial, caminhando para o *lar*”. Aqui, as narradoras expressam os caminhos de construção da sua identidade racial, explicitando os processos que vivenciaram até tornarem-se negras.

O próximo eixo foi intitulado: “Conseguimos quebrar esse ciclo”: De *casa* à universidade. Neste ponto, as participantes narram sobre como aconteceu o processo de escolha do curso de Fonoaudiologia, sobre o período em que foram aprovadas no vestibular e, brevemente, sobre a rotina do ensino superior.

Em seguida, foi elaborado o título “As experiências de ser mulher negra no curso de Fonoaudiologia”. As narradoras retratam as histórias que vivenciaram no período universitário, em associação às questões étnico raciais.

O próximo eixo foi nomeado: “Pelos caminhos da atuação profissional: chegando ao mercado de trabalho”. Com descrições e episódios muito particulares sobre a chegada de cada uma das participantes no mercado de trabalho, os desafios que se apresentaram nessa jornada e as possibilidades que surgiram ao longo do tempo.

“Racializando a atuação fonoaudiológica”. Nesse ponto, as narradoras apresentam histórias voltadas ao racismo no ambiente de trabalho, reflexões sobre a própria atuação profissional e o interesse de modificar a realidade existente.

O último eixo foi denominado: “É um lugar que ainda precisa ser ocupado, na verdade, ser criado”: Narrativas negras na Fonoaudiologia. Aqui, duas das participantes revelam as reverberações da sua consciência política, social e racial no seu fazer fonoaudiológico. Afirmando que ser mulher negra fonoaudióloga implica diretamente na sua atuação profissional, em que buscam um fazer diferente do eurocêntrico.

“Para falar de mim, eu tenho que falar de quem vem antes de mim”: Famílias negras e identidade racial

As três participantes começaram a narrar sobre suas histórias de vida partindo do mesmo princípio: suas famílias. A *narradora 3* destaca a importância de considerar as experiências dos mais velhos da sua família, colocando em evidência a coletividade familiar enquanto movimento ancestral que repercute na sua individualidade: “Mas a minha família tem uma história, né? Porque acho que pra falar de mim, eu tenho que falar de quem vem antes de mim. Não tem como”. De forma semelhante, refletindo sobre sua história, a *narradora 2* diz: “não começa só em mim”.

Esses trechos denotam uma íntima ligação à *ancestralidade*. Falar de si, mas ao mesmo tempo falar dos seus, é também uma forma de resgatar memórias e raízes. É “recuperar a consciência sobre a própria linhagem, impedindo que nossos laços de parentesco permaneçam apagados nas nossas histórias de vida” (Araújo, 2015, p. 95). Recordei aqui de uma entrevista que concedi a um *podcast*, na qual o primeiro questionamento que me fizeram foi “quem é você?”, uma pergunta que achei completamente difícil de responder, mas que para mim, fez muito sentido começar falando sobre os meus laços familiares. Não que somente eles me definem, mas acredito que falar dos nossos, sendo pessoas negras, é uma forma de viabilizar nossas origens, reafirmando direta ou indiretamente que não aceitamos mais a invisibilização das nossas histórias.

Assim, neste capítulo a proposta é adentrar a *sala de estar* da *casa* das participantes. Pressupondo que esse *cômodo* é um lugar de encontros e reencontros, é onde geralmente a família costuma se reunir para compartilhar momentos. Nesse local, discutirei sobre histórias relacionadas às famílias das participantes e sua correlação com os processos de *construção* da identidade e formação.

As participantes provêm de contextos familiares que se conectam em alguns aspectos e se distanciam em outros. Duas delas retrataram as histórias de vida desde os seus avós, até a sua própria geração, ou seja, linhagens mais recentes. Pode-se atribuir uma inferência sobre isso, uma vez que a colonialidade se constitui também no apagamento subjetivo e histórico das origens de famílias não brancas, por isso, “no Brasil é vasta a quantidade de histórias de vida órfãs de suas linhagens raciais. Poucas foram as famílias que conseguiram preservar suas memórias em seus seios familiares” (Araújo, 2015, p. 116). Sobre isso a *narradora 1* relata: “eu sei da minha linhagem da minha avó [...] e pra lá de minha bisavó é que eu não conheço mesmo”.

Contando sobre histórias de seus avós, a *narradora 1* diz que eles enfrentaram muitos percalços no que diz respeito ao acesso a direitos básicos, em associação às lacunas relacionadas à condição socioeconômica. Ela relata que, por esse motivo, seu avô, homem negro, pescador, teve a pretensão de tirar os filhos da escola para que eles fossem trabalhar, visto que havia necessidades que não conseguiriam ser supridas apenas com o trabalho dos adultos.

Nesse contexto, sua avó insistiu para que as filhas mulheres continuassem estudando. Todas elas estudaram o ensino fundamental, médio e fizeram curso técnico de enfermagem, uma vez que, na época, as barreiras de acesso à universidade eram muito mais latentes:

Tinha a UFBA, só que naquela época federal sem cotas, então era uma faculdade só pra brancos privilegiados e uma particular que era a UCSAL, a Universidade Católica de Salvador, que também só era pra brancos que tinham condição de pagar.

(Encontro Narrativo - Narradora 1)

A *narradora 1* relata que seus tios não puderam continuar seu percurso escolar e desde muito cedo ingressaram subempregos, lugares que continuam ocupando atualmente. Aqui, é possível perceber que, aparentemente, a questão do gênero foi marcada para determinar quem continuaria na escola e quem seguiria para o trabalho. O fato de serem homens fez com que seus tios começassem a trabalhar ainda na infância, o que gerou, entre outras questões, a falta de oportunidades ao longo do tempo. Essas informações vão ao encontro dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) que afirmam que meninos negros continuam sendo a maioria entre as vítimas do trabalho infantil.

Quando fala sobre sua família, a *narradora 3* também rememora as vivências dos seus avós, que, na época da industrialização, precisaram migrar para outro estado em busca de oportunidades de trabalho ainda na adolescência. Ela relata que sua avó era empregada doméstica e tinha o costume de dizer para suas netas: *“Eu não tô educando vocês pra limpar privada de branco! Eu tenho que fazer isso porque eu não tive oportunidade de tudo, mas vocês terão, com vocês é diferente”*.

Essa fala tão enfática demonstra a preocupação com o futuro dos filhos e netos, como uma forma de driblar as estatísticas, a procura de novos horizontes para o crescimento dessa família negra. Além da consciência racial imbuída nessa frase, visto que é sabido que, historicamente, mulheres negras têm a maior probabilidade de estarem em posições desfavorecidas e serviçais no trabalho (Carneiro, 2020).

Nessa busca, a *narradora 3* fala que em sua família sempre houve incentivo quando o assunto era educação, estudo e trabalho, trazendo isso de uma maneira muito contundente no seu relato:

A minha mãe, minhas tias, todas são formadas, as cinco, todas as cinco trabalharam em boas empresas, se apresentaram bem, tem uma condição socioeconômica boa, estável. Tem casa própria, carro, viaja. Então nós somos uma família preta que, infelizmente, ainda não é comum de se ver, a gente luta muito para que seja. E a gente entende que, a partir dos estudos que a gente alcança e das oportunidades, de políticas públicas e tudo mais, porque não foi fácil. Não é fácil para elas estarem na condição em que estão hoje e quando se vê mulheres brancas da idade delas que estão na faixa de 60 a 65 anos, você vê essas mulheres com uma posição social ainda mais alta. (Encontro Narrativo - Narradora 3)

Nesse excerto da narrativa, ela faz uma análise relacionando a condição socioeconômica atual da sua família à formação universitária que trouxe melhores oportunidades trabalhistas e uma qualidade de vida mais significativa, no entanto, enfatiza que mesmo em condições mais ideais, a desigualdade entre vivências de mulheres negras e brancas ainda permanece. E diz:

Mas essa disparidade persiste mesmo quando a gente se percebe com uma estabilidade social, econômica [...] Você vai ver que o outro está passos à frente. [...] o caminho... não dá, não pode nem se dizer que foi o mesmo, porque o nosso, a gente sabe que é muito mais tortuoso, mas a gente consegue, a gente chega lá. (Encontro Narrativo - Narradora 3)

Essa reflexão continua remetendo à desigualdade e à particularidade do processo de cada indivíduo e/ou grupo. Mesmo que pessoas possuam a mesma formação e profissão, o caminho até chegar ao propósito será diferente e, quando se trata da população negra, esse caminho pode ser ainda mais desafiador (Carneiro, 2020). Viver todas essas dinâmicas sociais faz com que os pais e avós da *narradora 3* adotem uma postura de proteção, que é evidenciada por aconselhamentos voltados à necessidade de extrema dedicação: “*A minha vida toda eu ouvi que não tem que depender de homem, tem que ter autonomia, tem que ter independência, tem que estudar, para ser alguém na vida, tem que estudar. Já sou alguém, né?! Já nascemos alguém!*”.

Nesse excerto, há um enfoque na questão de gênero, dando a entender que ser uma mulher independente financeiramente, confere autonomia e liberdade em outras situações da vida. E no final da frase a reafirmação de que “já nascemos alguém”, é interessante pensar sobre isso porque as infâncias são atravessadas por sonhos futuros do que se pode ser, algo inclusive, estimulado culturalmente pelos adultos, como se só nos tornássemos alguém na vida adulta. Quando na verdade, o sentido de “ser” é muito mais amplo do que apenas se formar e ter uma profissão, é toda construção da nossa história e das nossas relações, em um espaço-tempo que não se refere somente ao futuro, mas também ao passado – presente.

Corroborando com essa narrativa, a *narradora 1* conta o quanto se dedicar foi algo intensamente presente na sua jornada, algo que sempre foi incentivado por sua mãe:

Mainha sempre dizia que a gente tinha que ser melhor do que eles e de que a gente, pra ser respeitada, tinha que ter essa educação e de que a educação ia salvar. Mainha também sempre dizia assim “quando estiver usando jaleco e com diploma, os médicos vão te respeitar”. (Encontro Narrativo – Narradora 1)

Compreendo que essa preocupação diz muito sobre a necessidade de buscar uma realidade diferente para as próximas gerações como um modo de sobrevivência, justamente, por ter compreensão da existência das desigualdades sociais. A *narradora 3* reflete sobre isto interpretando que essas falas são provenientes das experiências que os mais velhos passaram e que esse receio se torna presente pelo medo de perpetuar uma mesma história na família.

Eu entendo totalmente essa postura tão enérgica vinda dos meus avós, porque foi tudo muito pesado o que eles passaram. Então, da maneira deles, é a forma de dizer que ama, é a forma de demonstrar afeto, é “Eu não quero que se repita, não quero que vocês passem pelo que eu passei”. (Encontro Narrativo - Narradora 3)

bell hooks (2010), no texto *Vivendo de Amor*, traz toda uma elaboração sobre o quanto as famílias negras se preocupam em garantir a sobrevivência dos seus filhos como uma forma de proteção e, em consequência disso, as expressões diretivas de amor se firmavam em segundo plano. Ela considera que esse cenário é uma herança social do regime escravocrata, dada a necessidade de resistir, ser forte e sobreviver diante das barreiras que assolam, historicamente, a população negra e elucida: “[...] a luta pela sobrevivência não significava somente a forma mais importante de carinho, mas estava acima de tudo. Muitos negros ainda pensam assim. Suprir as necessidades materiais é sinônimo de amar” (hooks, 2010 p. 4).

Sobre sua família, a *narradora 3* continua relatando: “*Eles têm o receio para nos blindar, para tentar nos blindar*”. Em seu depoimento, a *narradora 2* fortalece esse argumento quando diz que ao voltar para o Brasil, seus pais tiveram o cuidado de observar escolas que tinham uma melhor aceitação relacionada à negritude para que pudessem matriculá-la, justamente pelo medo de que ela sofresse racismo e na esperança de inclusão. E diz: “*E aí nesse período que eu estou nessa escola acabo me confrontando, mesmo com toda preocupação que meus pais tinham tido, eu acabo me confrontando com a primeira noção de ser uma pessoa negra*”. A noção retratada nesse excerto decorre de episódios racistas vivenciados na escola ainda na primeira infância: “*quando eu conto para minha mãe ela fala que era racismo. Volta para escola, a gente tem uma conversa com a diretora e aí é que eu vou entender [...]*”

É possível perceber por meio dos relatos que, no seio de sua família, a *narradora 2* encontra acolhimento, em contrapartida, quando estava em ambientes externos à sua casa sofria com a rejeição do racismo. Fica muito nítido compreender a palavra “tentar” na frase da *narradora 3*, porque mesmo estando atentos a prevenir esses episódios, os pais da *narradora 2* não conseguem evitá-los, assim como é impossível esquivar-se do sofrimento causado pelo racismo, uma vez que ele está alicerçado na estrutura social (Almeida, 2019).

Desse modo, seus pais possuem o papel de proteção, amor, cuidado e suporte inerente à responsabilidade própria de qualquer família na criação de uma filha, mas com um adendo muito importante, no caso da família negra, que é o fator raça. E neste caso, passam a assumir a função de mediadores, pensando em estratégias para uma melhor socialização da sua filha, além de realizarem enfrentamentos quando a situação racista aconteceu na escola. Demonstrando entender os atravessamentos de ser negra no crescimento e desenvolvimento da *narradora 2*.

***“Foi o início de começar a me aceitar como uma mulher negra. Porque tem muito isso de se aceitar, se tornar uma pessoa negra”*: Mulheres negras e a construção da identidade racial, caminhando para o lar**

Eu sempre me surpreendo que a jornada para o *lar*, aquele lugar na cabeça e no coração onde nos recuperamos no amor, está constantemente ao nosso alcance, dentro de nós, e, no entanto, muitas pessoas negras nunca encontram o caminho. [...] Contudo, se ousarmos despertar, o caminho está logo ali (hooks, 2019, p. 61).

As participantes se referem à identidade racial enquanto uma *construção* que foi se desenvolvendo ao longo das suas vidas. Inicialmente, percebida e internalizada por experiências negativas, mas depois como um processo de legitimação e afirmação da negritude a partir das experiências vividas em movimentos coletivos. Nesta seção, entraremos em contato com o *espelho* da nossa *casa*, trazendo a essência de nos olhar - para refletir sobre nós - buscando nos compreender, enquanto mulheres negras. É notável perceber que nesse caminho de compreensão, a *casa* vai se tornando *lar*.

A *narradora 2* relata que passou a se ver enquanto uma pessoa negra quando era criança, na época que voltou para o Brasil, no entanto, essa percepção ocorreu por meio de situações racistas vivenciadas na escola particular em que foi matriculada, lugar onde convivia em um ciclo muito embranquecido e que foi cenário de muita discriminação no viés da raça, mas que ela só foi compreender o que isso significava após uma conversa com sua mãe. “*Eu marco isso como o início mesmo da minha consciência racial, apesar de ter ainda 7 a 8 anos, que era o que eu tinha, mas é quando eu começo a entender ali o meu lugar dentro daquele cenário [...]*”. Ao ouvir essa narrativa me transportei diretamente para minha infância. A escola que estudei quando era criança até chegar à adolescência foi o primeiro espaço em que senti diferenças de tratamento. Nessa época o incômodo já existia, mas a compreensão do fator raça nesse contexto, só veio muito tempo depois com o amadurecimento dos meus processos de consciência racial.

No livro *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil* Sueli Carneiro (2011) aponta para presença do racismo na educação infantil, ela comenta sobre a dissertação de mestrado da Professora Eliane Cavaleiro (2000) que identificou hierarquizações raciais entre crianças ainda na primeira infância dentro do ambiente escolar e explicitou a neutralidade assumida pelas professoras ao encontrarem estereótipos impostos à crianças negras.

As experiências negativas também aparecem nas narrativas da *narradora 3*, quando diz que começou a acessar sua identidade racial, por meio de experiências com o preterimento em relacionamentos e considera que tomar consciência de sua identidade foi uma construção

“dolorida, mas extremamente necessária e libertadora”. A narradora 2 também traz discursos sobre o preterimento, dizendo: *“eu não tive muitas experiências amorosas, nada disso na adolescência eu tive, ficava tudo no campo do imaginário e muito do que as minhas amigas me contavam, e as minhas amigas, a maioria branca, tinha uma ou duas negras, que passavam pelas mesmas coisas que eu”*.

Nesse sentido, essas vivências começam a moldar o modo de viver dessas mulheres, provocando o distanciamento da negritude, como o desejo de se encaixar no padrão estético, que, no nosso caso (meu e das participantes), se intensifica na questão de ter alisado o cabelo crespo. Além disso, em todas as histórias surgem discursos voltados à busca pela autoestima intelectual, à perpetuação do esforço e a dedicação extrema no período escolar, aspectos que se mantêm em continuidade na universidade e na atuação profissional, como dizem os fragmentos a seguir:

“eu desde sempre, ocupei o lugar de ser uma boa aluna, tinha as melhores notas na escola”. (Encontro Narrativo - Narradora 1)

“eu era uma aluna sempre muito exemplar [...] em relação aos processos de estudo e tudo mais, sempre impecável”. (Encontro Narrativo - Narradora 3)

É pertinente o quanto a *narradora 2* consegue correlacionar esses elementos com a identidade racial quando relata: *“eu estava muito preocupada em ser estudiosa, ser inteligente, em conseguir um destaque através desse estudo, do intelectual, para poder compensar, de certa maneira, o que não era visto como bonito”*. É possível perceber aqui, que todas elas entram em uma dinâmica de “performance da perfeição”, conceito apresentado por Grada Kilomba (2019), como uma forma de alcançar inclusão. Isto também surge em outros contextos da vida dessas mulheres negras, que discutirei com detalhes mais específicos nos próximos capítulos.

Neusa Santos (1983) escreve sobre a complexidade da constituição da identidade negra, colocando o sentido de distanciamento da negritude a partir de experiências negativas para depois chegar à transformação da própria história.

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (Santos, 1983, pp. 17-18).

Em *Memórias da Plantação*, Grada Kilomba (2019), nos ensina que pessoas negras passam por uma sequência de “*mecanismos de defesa do ego*” até chegar à consciência da negritude. O primeiro mecanismo é a *negação*, segundo a autora, vivenciar o racismo gera

tanta ansiedade que sujeitos negros passam a negar a própria realidade do racismo; em sequência vem a *frustração*, onde se percebe uma decepção ao ver que as desigualdades realmente existem; por conseguinte vem a *ambivalência* onde há a presença de emoções dicotômicas direcionadas aos seus pares negros e à pessoas brancas, é onde se iniciam os questionamentos “com quem me identifico?”; o próximo mecanismo é a *identificação*, no qual o sujeito negro passa a se assemelhar aos seus pares por meio de histórias, experiências e conhecimentos, é o início da identificação positiva com a negritude. E essa sequência resulta na *descolonização*, é o momento em que a pessoa se entende como “eu” e não como “outra”, é a simbologia do tornar-se sujeito, tornar-se negro.

A transformação do olhar de duas dessas mulheres negras sobre si mesmas e a identificação positiva com a negritude ocorreram a partir do envolvimento em movimentos políticos.

Quando eu vou para o ensino médio, que é numa escola pública federal, Instituto Federal, eu começo a ter mais contato com movimentos políticos e movimentos raciais. Eu marco também um outro ponto da minha vida, porque eu comecei a enxergar de uma outra maneira muitas coisas, principalmente, em relação a isso dos aspectos raciais. [...] Ainda não tão empoderada quanto eu sou hoje, mas eu entendo que foi o fato de estar no meio público. Tinha contato com pessoas de todos os tipos, não era aquela bolha que eu estava quando eu estudava no colégio particular. Também foi o início de começar a me aceitar como uma mulher negra. Porque tem muito isso de se aceitar, se tornar uma pessoa negra. (Encontro Narrativo – Narradora 2)

Também participei de movimento estudantil, então esse foi um local muito importante pra mim. Eu entrei na universidade já sabendo que eu era uma mulher negra, mas eu ainda alisava o cabelo, não dava escova, mas alisava o cabelo. Então foi na graduação, a partir do movimento estudantil, já sabendo que era negra, já estudando questões raciais que eu fui e fiz transição capilar. (Encontro Narrativo – Narradora 1)

Esses excertos fazem refletir sobre a implicação desses movimentos na vida das participantes, uma vez que são contextos de coletividade e diversidade, nos quais há o aumento da consciência política, onde, conseqüentemente, vai se firmando um pertencimento que traz possibilidades de reconhecer e afirmar a própria identidade. Por sua vez, essa reafirmação também gera repercussões, em que acontece uma maior valorização e aproximação da própria identidade racial. É nesse contexto de aproximação que a transição

capilar se mostra como um movimento que traz fortalecimento identitário para nós, mulheres negras.

A transição do cabelo também aparece na narrativa da *narradora 3* quando fala sobre o processo de construção da sua identidade e o quanto isso reverberou nas mulheres da sua família: “*E aí, junto com tudo isso, veio a transição capilar e aí depois de mim, veio minha mãe, as minhas tias. Eu abri, puxei a fila. Fazia escova, aquele cabelo liso, comprido. Eu olhei um dia no espelho, eu falei, “gente, porque eu estou com esse cabelo?”*”.

A transição capilar é um processo que objetiva a interrupção da utilização de químicas que modificam a estrutura capilar, a fim de que a pessoa possa assumir o seu cabelo natural. Nilma Lino Gomes (2019) no livro, *Sem perder a raiz: corpo de cabelo símbolos da identidade negra*, explica que “cortar os cabelos alisados é um processo complexo e doloroso, que faz parte de uma transformação que não é só física e estética, mas, sobretudo, identitária” (Gomes, 2019, sp). Compartilho dessa percepção, uma vez que passar pela transição capilar fez com que eu começasse a vivenciar minha identidade negra tanto estética, quanto politicamente. Há uns anos, escrevi em uma rede social que ao cortar o cabelo alisado, cortei também inseguranças. E de fato, esse caminho trouxe inúmeras repercussões: passei a me compreender, a expandir meu ciclo com outras pessoas negras, a buscar minhas raízes, a me fortalecer coletivamente, além de ter representado um resgate da minha autoestima e autoamor. Tudo isso aconteceu na universidade, a partir de espaços de discussão sobre raça, porém fora do círculo da Fonoaudiologia.

Falando sobre políticas de cabelo, Grada Kilomba (2019) traz todo um panorama sobre o cabelo crespo ao longo da história. Ela fala que a crespura era condenada enquanto principal sinal repulsivo da negritude e, portanto, historicamente, o cabelo crespo deveria ser controlado, alisado, apagado, inferiorizado - algo que continua acontecendo. No entanto, o cabelo afro passa a ser assumido e valorizado por africanos e africanas da diáspora, expressando seu caráter identitário político, para além de estético. Assim, aceitar esse cabelo e suas mais variadas formas de ser é, acima de tudo, uma insubordinação à opressão e aos padrões estéticos estabelecidos.

As narrativas das participantes foram me convidando a contatar minhas próprias histórias, a relembrar episódios e resgatar momentos importantes relacionados à construção da minha identidade negra. É interessante o quanto o diálogo possibilita vinculação e identificação, ainda que cada história seja singular e ao mesmo tempo convergente em muitos pontos. Em meio às histórias de vida aqui contadas, é notável perceber o quanto a transição capilar e os espaços coletivos vivenciados se mostraram como mobilizações muito

importantes na dinâmica de tornar-se negra. Como diz Neusa Santos (1983, p. 77) “ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro”.

“Conseguimos quebrar o ciclo”: De casa à universidade

Este capítulo dedica-se a dialogar sobre os *caminhos* que as participantes percorreram na saída de *casa* até chegar ao ambiente universitário. Inicialmente tratarei sobre o processo de escolha do curso, depois abordarei sobre suas memórias e experiências durante a graduação em Fonoaudiologia.

Apenas uma das participantes tinha conhecimento prévio sobre a Fonoaudiologia, as outras encontraram esse curso ocasionalmente a partir de testes vocacionais na internet. Ambas, desde a infância, apresentavam um desejo em comum: estar na área da saúde.

A *narradora 1* relata que pelo histórico da sua mãe, tias e algumas primas trabalharem como técnico de enfermagem, o contexto da área da saúde sempre esteve presente nas suas vivências, e de fato, ela sempre pensou em seguir por esse *caminho* quando se imaginava em uma profissão, mas com a consciência de que não queria fazer curso técnico de enfermagem. E reflete que a saída do subúrbio em que residia foi crucial para que ela e outras primas pudessem “quebrar o ciclo”, destacando:

Outras, como eu, conseguimos quebrar esse ciclo e sair desse local. Permanecemos na área de saúde, mas não só nos lugares de técnico de enfermagem que é o único local destinado para as mulheres negras [...] Mas por que eu e as outras primas conseguimos - não sozinhas - quebrar esse ciclo?! porque as nossas mães saíram desse subúrbio ferroviário. (Encontro Narrativo - Narradora 1)

Essa fala me remete aos estereótipos de gênero e raça e sua relação com os locais sociais que são preestabelecidos para população negra, mais especificamente nesse caso, mulheres negras, colocando em evidência a hierarquização existente quanto às profissões que estão dentro da área da saúde. Almeida (2020) aponta que existe uma divisão social de classe na enfermagem brasileira, apresentando a herança racista que impera no interior dessa profissão. Ela explica que na colonização das Américas, as práticas de cuidado e de cura eram destinadas às mulheres negras, mães pretas. No entanto, mais tarde, ao ser instituída a profissionalização de enfermagem, as mulheres negras foram completamente impedidas de acessar os espaços de formação. O pré-requisito implícito para adentrar as escolas de enfermagem era ser uma pessoa branca. Anos depois, a categoria técnico de enfermagem foi concebida para ser direcionada às pessoas de classes subalternizadas, já que havia barreiras para que elas acessassem o curso de enfermagem no ensino superior. Assim, as desigualdades continuaram permanecendo nesse contexto.

A partir de testes vocacionais e de pesquisas na internet, a *narradora 1* se identificou com temas relacionados à infância, comunicação e escolheu a Fonoaudiologia. Assim, fez um ano de curso pré-vestibular social e passou na universidade pública. Sua escolha foi a uma universidade que se localizava na mesma cidade em que residia. Tal escolha foi motivada pela proximidade do seu bairro e pela grade curricular que considerou muito humanizada.

A *narradora 2* também conta que escolheu a Fonoaudiologia por meio de pesquisas na internet, ao ver que o curso se relacionava às matérias que ela se interessava na escola, como: português e biologia, e por ser uma profissão da área da saúde. Dessa forma, passou na universidade pública, pela política de cotas raciais e precisou se deslocar para outro estado a fim de cursar a graduação.

Já a *narradora 3* teve experiências com a Fonoaudiologia na infância, quando via sua mãe passar por acompanhamento fonoaudiológico. Além disso, ela mesma também foi paciente em outro momento, período que foi crucial para que escolhesse seguir essa profissão. Ela conta sobre a complexidade de escolher uma profissão tão cedo, dizendo que tinha o desejo de ir para saúde, mas que estava em dúvida entre três cursos nesta área. Há uma particularidade no relato da *narradora 3* quando conta que precisou esperar por um período até entrar na universidade, porque sua família precisaria arcar com dívidas na faculdade, uma vez que quando ela terminou o ensino médio, sua mãe estava finalizando o ensino superior. Durante esse tempo de “espera” fez um curso técnico e a por meio desse curso, adentrou no mercado de trabalho.

Quando prestou o vestibular, a *narradora 3* passou pela política de cotas e pelo Prouni em outras universidades, mas decidiu cursar Fonoaudiologia em uma instituição de ensino particular, por ser mais próxima da sua residência e do trabalho, uma vez que ela precisava conciliar estudo e emprego. No entanto, a sobrecarga gerada por essa conciliação passou a ser prejudicial para ela no decorrer do tempo, influenciando na dedicação, autocobrança e trazendo desgastes físicos e emocionais. Nesse processo, ela passa a contar com o suporte financeiro dos seus pais e reafirma o quanto o apoio emocional deles a fortaleceu em todas as decisões.

No seu depoimento, ela comenta sobre sua identificação com a formação: *“Fiz, em nenhum momento me arrependi, cada semestre que ia passando, pensava: “é isso, é isso, é isso - que coisa maravilhosa que é a Fonoaudiologia”*.

A respeito da rotina do ensino superior, a *narradora 1* conta que o curso era diurno na universidade em que estudou, não havendo a possibilidade de trabalhar para associar ao estudo. Ela conta sobre a importância das políticas públicas de permanência na graduação,

dado que, desde o início, pôde receber bolsas que custeavam seu transporte, xerox e alimentação.

As experiências de ser mulher negra no curso de Fonoaudiologia

Falando sobre o período universitário, duas das participantes já iniciaram suas narrativas em contato com as questões étnico-raciais envolvidas nessas vivências. Talvez porque foi nesse contexto que elas se tornaram mais conscientes da própria identidade, uma vez que relataram o acesso a movimentos políticos dentro de espaços públicos (universidade e instituto federal) enquanto pontes para o seu “tornar-se negra”.

A *narradora 1* relata que ao participar do movimento estudantil e após passar pela transição capilar, começou a buscar maneiras de relacionar raça à Fonoaudiologia e relata:

Passei a olhar sobre as questões raciais dentro da Fonoaudiologia, porque a gente não vê isso e eu sempre gostei muito de saúde coletiva e linguagem, então eu sempre quis identificar como eu posso ver raça nesses dois locais né. Na área de saúde coletiva, a gente até consegue ver mais, porque normalmente nossos professores de saúde coletiva não são fonos. (Encontro Narrativo - Narradora 1)

Nessa passagem, é notável perceber as repercussões do tornar-se negra, uma vez que esta participante passou a refletir sobre raça em todos os contextos enquanto demanda própria. Além disso, é perceptível o seu incômodo ao observar o distanciamento de questões étnico-raciais na Fonoaudiologia. Esse movimento me faz lembrar da oitava tese relacionada a Colonialidade e Decolonialidade, proposta por Maldonado-Torres (2018), que é relacionada ao corpo aberto para refletir, questionar e, simultaneamente, criar possibilidades, visto que a *narradora 1* começa a elaborar questionamentos e críticas sobre o currículo de Fonoaudiologia ao qual estava submetida, pensando formas de agir para racializar sua formação.

A *narradora 2* também elabora um relato sobre essa conjuntura na universidade em que estudou dizendo:

Eu tinha muito incômodo de não ver as pessoas, não tinha professor negro fonoaudiólogo, não se falava sobre saúde da população negra nas aulas de saúde coletiva, não tinha uma referência dentro da área da Fonoaudiologia que fosse uma pessoa negra. Então isso tudo ficava me incomodando muito, como se o ciclo estivesse de novo se repetindo, aquele ciclo que tinha começado lá na infância. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Esses trechos demarcam a sustentação do currículo branqueado no curso de Fonoaudiologia e o caráter eurocêntrico das universidades brasileiras. De acordo com o estudo do GAAROA (2020), a Fonoaudiologia é uma profissão elitizada com barreiras que impedem o acesso de determinadas populações (negras, indígenas e racializadas) para iniciarem, permanecerem na formação e serem público dos serviços. Outro dado trazido por esse estudo é que mesmo quando determinadas populações conseguem entrar nessa área, existem obstáculos para chegar à ascensão ou as chances de sucesso são reduzidas. Nessa lógica, observa-se nas narrativas, a informação relacionada à ausência de diversidade e representatividade na docência universitária.

No estudo de Abdelaziz et al. (2021) há uma reflexão sobre as repercussões da ausência de diversidade nos estudantes que estão sub representados na Fonoaudiologia:

Frequentemente, sua própria presença em um programa onde poucos dos outros alunos ou professores pareciam eles, ou compartilharam seu passado era uma fonte de estresse. Isto fez com que se sentissem isolados, desconectados e não pertencentes. Além disso, eram tratados como “outros” porque não se enquadravam nas normas do grupo. Os alunos do estudo relataram várias respostas a microagressões, incluindo estratégias de gerenciamento de identidade, desengajamento e trabalho duro para superar expectativas. Esses alunos não devem ser sobrecarregados com esses estressores psicológicos adicionais para provar que eles são dignos de dignidade ou respeito (Abdelaziz et al. p. 1999).

Não significa dizer que a única solução possível é a representatividade, sabe-se o quanto ela é necessária, no entanto, toda problemática é ainda mais profunda visto que, a presença de uma maior quantidade de pessoas negras naquele espaço, sem refletir sobre mudanças institucionais pode não conferir mudanças significativas (Almeida, 2019).

Refletindo sobre ascensão na profissão, a *narradora 2* conta que observa barreiras para que mulheres negras ascendam na Fonoaudiologia, ela diz que conhece uma ou duas pessoas que estão em processo de ascensão e simultaneamente, tentam levar outras fonoaudiólogas negras para esses lugares e associa essas questões à branquitude: “*vem da estrutura da sociedade e acaba se replicando dentro da Fonoaudiologia*”. No que diz respeito a isso, as participantes continuam questionando: “*A cidade mais negra fora de África, as professoras (de Fonoaudiologia) da UNEB, não são professoras negras*”, frase dita pela *narradora 1* e reafirmada pela *narradora 2*: “*A UFBA que é a universidade que tem uma população negra significativa, mas ainda assim acontecem (situações racistas) dentro da fono, porque a fono ainda é branca dentro da UFBA*”.

No contexto de mudar de estado para se graduar, saindo de casa pela primeira vez, a *narradora 2* conta que, ao entrar na universidade, muitas questões se intensificaram na sua vida e expressa:

Quando eu chego nesse estado, eu chego ainda muito imatura em relação a tudo, então eu já tinha questões de ansiedade antes, desde adolescente, por conta dessas questões de auto estima, por perceber também muitas diferenças de tratamento nos espaços. Então, é por acumular essas histórias lá da fase da infância, de criança que aconteceram quando eu voltei para aqui pro Brasil, então muita coisa ainda vem aqui sendo carregada, que eu não sentia necessidade de tratar de alguma maneira. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Nessa época, a *narradora 2* já se via em um lugar diferente quanto à sua identidade racial, ela conta que já se mostrava mais consciente e estava começando a observar as nuances e disparidades nos espaços em que convivia, devido às experiências vividas anteriormente no Instituto Federal:

Quando eu vou para a faculdade, isso é acentuado. Eu percebo isso de uma forma mais forte, continuo no ciclo muito branco. Tinha aqueles, literalmente a cota da turma, mas também não eram pessoas que conversavam sobre isso. Só que quando começa acontecer episódios racistas na graduação, eu estou muito mais letrada em relação a essas questões raciais, quando começa a acontecer comigo na graduação, eu começo também a identificar. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Nessa passagem, ela retrata a sub-representação de alunos negros no curso de Fonoaudiologia e o silenciamento que pairava quando episódios racistas começaram a acontecer. A *narradora 3* também traz relatos sobre essa sub-representação:

E meninas negras, até dá pra contar! Éramos 4 de uma sala de 27-28, mas assim não tivemos proximidade, hoje eu percebo que com a minha cabeça eu buscaria esse vínculo maior com elas, que eu não busquei na época. A gente sentava em pontos opostos assim na sala, elas de um lado, elas aquilombadas e eu não, isso eu lembro muito. Éramos 4, as 3 ficavam juntas, eu não. Elas eram mais velhas, já eram casadas, já tinham filhos pequenos. Então eu estava com 19, elas deviam ter seus 27-28. Uma delas tinha mais de 30, mas eu não busquei essa interação com elas, isso é algo que eu já parei para pensar assim. Eu ficava junto com as minhas colegas

brancas, mas assim também acho que por conta da consciência racial que ainda estava em construção, eu também não me dava conta disso e ia seguindo. (Encontro Narrativo - Narradora 3)

As *narradoras 2 e 3* estiveram na universidade em momentos muito diferentes, possuem cerca de 10 anos de diferença de atuação, mesmo assim, seus relatos sobre sub-representação na discência e na docência se encontram. Algo que a *narradora 3* evidencia é o distanciamento dos seus pares – mulheres negras – durante o período da graduação e sua reflexão de que atualmente teria buscado uma aproximação, inclusive, porque hoje em dia possui consciência racial, algo que na época ainda estava começando a construir. Isto faz pensar sobre a possibilidade de se distanciar inconscientemente, como um mecanismo de *negação*, que faz parte da sequência de mecanismos de defesa do ego nomeados por Grada Kilomba (2019). Ou talvez houvesse um distanciamento porque os contextos das mulheres negras da sua turma eram muito diferentes do seu, entre: idade, estado civil, família, responsabilidade com filhos.

Considerando os processos relacionados à autoestima intelectual, algo que sempre foi buscado por essas mulheres negras fonoaudiólogas, observo que essa procura, dedicação e esforço também foram constantes no período universitário. A *narradora 1* discorre que na graduação participou de tudo o que pôde: projetos de extensão, grupos de estudo, liga acadêmica, grupo de extensão e foi bolsista. E relata que as pessoas ao seu redor questionavam o fato dela ser militante, mas ao mesmo tempo ser uma boa aluna, como se não fosse possível ocupar esses três locais: ser negra, militante e inteligente. E relata no trecho a seguir:

Era como se eu desconstruísse a ideia do que é ser militante, porque eu era uma boa aluna. Então, ao mesmo tempo em que eu estava em manifestação, eu estava tirando nota boa. Então, as pessoas reconheciam “olha! Ela é negra, mas é nerd”. (Encontro Narrativo – Narradora 1)

A *narradora 1* conta que durante toda a graduação foi identificada enquanto “*aquela militante que vai falar de raça*” e continua: “*então os professores já estavam me identificando como isso. Mas me respeitavam por ser uma aluna que tirava nota boa, que ia bem*”. Nesse ponto, lembro-me de Grada Kilomba (2019) quando discute a “*performance da perfeição*” relacionada à negritude. Ela explica que, como as pessoas negras geralmente estão sub-representadas nos espaços, elas tomam o papel de representantes da raça e por isso acabam tendo a necessidade de serem excelentes no que fazem, não só por si mesmas, mas porque findam por simbolizar uma raça, um povo, uma história.

Esse movimento gera inúmeras reverberações negativas, visto que retira as particularidades do indivíduo como uma negação da própria subjetividade, fazendo com que o sujeito seja “o todo”. Outra dimensão apontada por Kilomba (2019) é a de impossibilidade da negritude ser concomitante a uma característica considerada positiva, reconhecida no trecho da *narradora 1*: “*Ela é negra, mas é nerd*”, esse “mas” traz a significação de que negritude e inteligência são opostos e não podem coexistir, segundo o imaginário da branquitude. Simultaneamente, coloca a raça enquanto primária na frase e logo depois desvincula a raça quando se fala sobre inteligência.

Seguindo esse tema, a *narradora 3* traz uma história vivida na universidade em que houve um trabalho de final de semestre, em grupo, onde cada pessoa ficou responsável por um tema para pesquisar, escrever e apresentar. Ao se aproximar da data de apresentação uma integrante do grupo começou a se esquivar da responsabilidade, algo que já trouxe desgastes para a *narradora 3* e no dia da entrega do trabalho, essa integrante, mulher branca, entregou apenas uma folha retirada do site *Wikipédia*. Ela aborda toda essa situação explicando o nível de estresse que se sucedeu até chegar a uma discussão e explica:

Mas aí você entende o senso de responsabilidade, de comprometimento. Os pais dela, a mãe tinha uma franquía de uma agência de viagens, o pai tinha outra, é como se a faculdade não tivesse assim tanta importância [...] mas é porque pra mim tinha um peso diferente realmente de uma vida toda. (Encontro Narrativo - Narradora 3)

A *narradora 3* relembra esse episódio trazendo reflexões sobre as desigualdades que estão presentes em nossas vidas enquanto população negra e o quanto o privilégio branco é escancarado. Independente do contexto em que se encontram, mulheres negras vivenciam uma realidade muito diferente de mulheres brancas e isso implicará completamente nas formas de ser e de agir. Mesmo sem uma consciência racial estabelecida, na época, a *narradora 3* já entendia qual deveria ser o seu movimento e conta:

Isso a gente vai percebendo, essas questões raciais que elas estão nessa camada. A gente abraça, a gente agarra a oportunidade, fala: “não vou soltar, não posso soltar, é minha. Eu estou aqui, eu vou honrar, eu vou fazer direito”, enquanto para o outro lado as coisas fluem de uma outra maneira, “então eu me permito imprimir uma folha do Wikipédia e tudo bem, no próximo, quem sabe eu me dedico.” Tem chance! A gente não tem, a gente sabe que não tem, é o aqui e o agora, então ou eu agarro ou esquece, perdi. Não tinha esse nível de consciência, mas a gente tem essa tendência de mergulhar, de ser intenso, de abraçar, justamente, porque nós sabemos que são mais

escassas as oportunidades e os olhares também estão voltados para a gente. Ela levar uma folha do Wikipédia tem um olhar, tem um peso, tem uma interpretação, eu fazendo isso, eu tô expulsa do grupo, eu não faço trabalho com essa galera nunca mais, o professor chama, vira um rebuliço porque o peso é diferente.

E a *narradora 3* reforça: “*Os olhares estão voltados para gente*”. Essa frase me faz pensar sobre quais significados podem ser atribuídos a esses olhares, uma vez que pessoas negras costumam ser apontadas como diferentes, olhadas para serem descobertas, observadas para identificarem erros (Kilomba, 2019). É nessa dinâmica que Audre Lorde aponta a existência de uma intensa contradição: “as mulheres negras, por um lado, sempre foram altamente visíveis, assim como, por outro lado, foram invisibilizadas pela despersonalização do racismo” (Lorde, 2019, p. 53). Sabendo disso, observo que ambas as participantes trouxeram relatos de episódios racistas que aconteceram na época da graduação.

A *narradora 1* discorre sobre a frequência de falas racistas e elitistas expressadas por uma professora em sala de aula e o quanto isso era visto como “brincadeira” pela maior parte das pessoas de sua turma. Ela aponta que, por vezes, se sentiu muito sozinha por ser a única a perceber e por não ter com quem compartilhar suas percepções no contexto de sala de aula e comenta: “*o surreal é que tipo, nem todo mundo percebe o que está acontecendo, todo mundo acha que é brincadeira e aí eu fico assim: “meu Deus, será que só eu estou percebendo o que está acontecendo?”*”. Sentimento também vivenciado pela *narradora 2* no decorrer da vida universitária: “*Em vários processos que aconteceram dentro da graduação, um deles foi a falta de ter outras pessoas para falar sobre isso*”.

Fatores que também foram observados em um estudo realizado nos Estados Unidos sobre histórias de estudantes sub-representados na Fonoaudiologia. Nesse estudo, foi constatado que esses estudantes apresentavam sentimentos muito intensos de deslocamento, solidão, não pertencimento e isolamento, como se não se encaixassem na dinâmica da sua formação, justamente, porque eram espaços dominados pela branquitude (Abdelaziz, et al. 2021).

A *narradora 2* relata que conseguia identificar o racismo na época da graduação, mas que só passou a nomear os episódios racistas quando começou a fazer terapia com uma psicóloga negra, que a auxiliou inclusive nos processos de *construção* da sua identidade negra. E traz o depoimento a seguir:

“Eu sabia que estava acontecendo, mas eu não chamava de racismo, eu achava que era algo comigo mesmo, perseguição, enfim, ainda tinha essa dificuldade. E

aconteceu de uma forma até muito explícita, não era aquele racismo velado, mas ainda assim, eu não conseguia nomear”. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Nesse trecho há um elemento muito simbólico que é a individualização do sofrimento, tratado como perseguição pessoal. A perseguição também aparece no relato da *narradora 1*, mas em um viés do “outro”, quando ela contou que sofreu racismo para uma colega: *“quando eu falei de uma situação racista com um professor, ela falou assim: “ai, não, mas você tem mania de perseguição”*. Esse excerto aponta para uma negação da realidade e para desqualificação da fala da *narradora 1*, que de acordo com Kilomba (2019), também são repercussões do racismo, visto que vozes negras são, constantemente, invisibilizadas e desconsideradas. A *narradora 1* continua seu depoimento: *“E aí começou aquela discussão do tipo “ai, você vê racismo em tudo”. Não é que eu vejo racismo em tudo! Se o racismo é estrutural, é óbvio que vai ter racismo em tudo e quem tem o mínimo de estudo consegue entender sobre isso”*.

Aqui a *narradora 1* deixa bem explícito que a nossa sociedade é racista. A dinâmica das relações de poder e o funcionamento das instituições são fundados estruturalmente para que um grupo tenha privilégios e poder sobre o outro. É impossível não enxergar o racismo, porque ele está na vida de mulheres negras sistematicamente, nas nossas vivências do cotidiano, não que seja incontornável, mas pensar que ele não existe é uma maneira de negar a realidade (Almeida, 2019).

Diante dessas situações a *narradora 1*, entendia a necessidade de “erguer a voz” e levava discussões étnico- raciais para sala de aula, no entanto, diz: *“foi muito doloroso levar essas questões, porque eu era a única pessoa que falava sobre isso”*. Essa fala traduz o desconforto de falar de raça em espaços ditos brancos. Nesse sentido reflito sobre um escrito de Kilomba (2019, p.42), onde ela diz: *“Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida”*. A desconsideração das falas da *narradora 1* e o não-ouvir do “outro”, passaram a reproduzir silenciamentos em múltiplos contextos dentro da graduação. Assim, ela começou a selecionar lugares possíveis para adentrar essas discussões:

E aí, então, eu fui me calando muitas vezes. Só que às vezes, esse eu me calar também foi muito ruim, porque as professoras perceberam, porque eu não sou calada, então chamou atenção também. E de alguma forma eu sofri por causa disso, mas eu preferia permanecer calada porque eu não tinha para onde correr. Se falasse ia sofrer, se não falasse também ia sofrer, então eu preferi ficar calada, eu acho que desgasta menos a minha saúde mental. E aí eu parei também de levar essas questões para a sala de aula, porque senão ia ficar naquele lugar da militante raivosa, da mulher preta,

raivosa, barraqueira. Infelizmente eu acabei... Eu não! As pessoas acabaram colocando os estereótipos em cima de mim. (Encontro Narrativo - Narradora 1)

A *narradora 1* descreve o silenciamento ao qual foi imposta, retratando que isso a distanciou da sua própria personalidade, sendo possível perceber o impacto do racismo na sua subjetividade. Nesse depoimento, ela traz que ao tempo que silenciar levou-a ao sofrimento, falar também levava para um mesmo lugar de sofrimento e desgaste emocional, como se não houvesse saída para essas situações e acabou “decidindo” calar.

Aqui eu rememoro minhas vivências que também foram e são atravessadas por silêncios em momentos muito específicos, inclusive, no ambiente acadêmico. Ao tempo que silenciar era incômodo, passei a tratar a fala como uma não opção. Esses sentimentos começaram a se enraizar de uma forma tão concreta, que levei à psicoterapia. Em meio a reflexões e questionamentos, minha psicóloga, mulher preta, me contou a história da máscara do silenciamento que Anastácia, princesa Nagô, na situação de escravizada, era obrigada a usar. Eu nunca me esqueci. Enquanto abria o livro *Memórias da Plantação* de Grada Kilomba, me contava a história que se apresenta exatamente no primeiro capítulo.

Essa máscara de metal era de obrigatória utilização para africanos escravizados como uma forma de controlar seus corpos, impedindo que se alimentassem enquanto trabalhavam em plantações e, em outros termos, representava também a tortura, a posse e o silêncio, principais formas de dominação do colonialismo. Na conjuntura em que vivemos, a máscara do silenciamento continua existindo e operando de outras formas, sobretudo por meio da negação das opressões, que funciona justamente para manter as estruturas racistas (Kilomba, 2019). Nesse sentido, Kilomba (2019) enuncia que a boca é um órgão estritamente relacionado à opressão, uma vez que o silêncio e a censura são mecanismos de controle e punição.

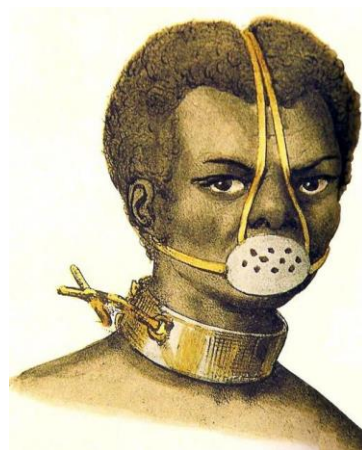


Figura 3. Jacques Etienne Arago, Castigo de Escravos, 1839.

Fonte: Anastácia – princesa bantu (mncr.org <https://www.mncr.org.br/biblioteca/formacao-e-conjuntura/martires-da-luta/anastacia-2013-princesa-bantu.br>)

As palavras da *narradora 1* tocam nesse lugar de punição, quando reflete sobre o que acontece quando falamos e denunciemos nossas próprias dores. Nesse último trecho ela descreve que além de ser silenciada, também foi exposta ao estereótipo da mulher preta raivosa enquanto consequência do seu falar. Esse estereótipo tem a função de descredibilizar mulheres negras, colocando-as como descompensadas, precisamente, para justificar o ódio, a violência e exploração do racismo, como se não fosse legítimo se indignar nesses contextos. A *narradora 3* também traz um trecho sobre esses estereótipos quando fala sobre a discussão que teve com outra pessoa do seu grupo universitário em um momento de trabalho: “*Eu saí como a raivosa como nós sempre somos colocadas.*”.

Diante desses contextos, a *narradora 1* conta que começou a selecionar lugares possíveis para discussões étnico raciais, onde não se sentisse tão silenciada:

Em outros locais, por exemplo, num grupo de extensão que eu fazia em uma escola, em uma favela, aí sim! era o local que a gente conseguia, até porque a professora trazia esse debate, né? Então, assim, nas disciplinas de fono não tinha nada de questões de raça. Eu consegui ver questões raciais em projeto de extensão, nos outros pés do tripé da universidade que não fosse o ensino - na extensão e na pesquisa e no movimento estudantil. (Encontro Narrativo - Narradora 1)

Aqui ela evidencia que se sentia mais confortável para embarcar nas questões de raça, por causa do local - fora do contexto de sala de aula - e porque eram levadas pela professora, demarcando que não era disciplina do curso de Fonoaudiologia e que a professora não era fonoaudióloga, enfatizando essa distância entre raça e Fonoaudiologia e o quanto tal distanciamento a silenciou.

A busca pela associação entre negritude e Fonoaudiologia foi relatada indiretamente pela *narradora 3*, quando contou sobre os processos de escolha para o tema do seu TCC (trabalho de conclusão de curso) na área da Voz, que era o campo da Fonoaudiologia que ela mais se identificava. Ela pensava em pesquisar a voz do carnaval com intérpretes do samba enredo: “*Não teria tanta dificuldade, porque eu tenho um primo aqui, outro ali, os conhecidos em escola de samba que eu conseguiria chegar até essas pessoas*”. No entanto, não teve tempo hábil para continuar com essa ideia. Ao final, a temática escolhida para sua pesquisa continuou sendo a voz cantada no gênero samba, porém com cantores de barzinho: “*E aí eu coloquei a cada capítulo que abria, eu coloquei uma frase de uma música do Fundo de Quintal que tinha a ver com o tema. Li muito sobre e foi muito rico pessoalmente porque o samba te faz aprofundar. Você entende o porquê das coisas, é muito bacana*”. Aqui ela

compõe essa associação como demanda própria na sua pesquisa. O samba é um ritmo da cultura negra que simboliza resistência. Em suas palavras, a *narradora 3* demonstra o quanto foi simbólico estudar um contexto conhecido e vivenciado culturalmente por ela.

Falando sobre a dinâmica da sua formação, a *narradora 1* aponta que tinha professoras de outras áreas, mulheres brancas, de esquerda, que demonstravam preocupação em racializar os debates, mas que observava certas lacunas nas discussões:

Eu tive muita professora assim de esquerda e aí elas traziam muito esse debate - mulheres brancas, mas também, até onde elas conseguem ir - e aí elas traziam muito esse debate de “vamos olhar essa questão por outra perspectiva”[...] só que quando eu participava dessas discussões, eu sempre sentia que tava faltando alguma coisa, sabe?! [...] “nossa, está faltando alguma coisa nessa discussão. Eu acho, eu acredito que tem mais!”. Onde é que eu encontrei esse mais? No movimento estudantil, com minhas colegas fonos, estudantes negras, com outros colegas de outras áreas. (Encontro Narrativo - Narradora 1)

Aqui ela trata sobre o quanto vivenciar espaços de pertencimento e aquilombamento tornou mais enriquecido o seu conhecimento, além de ser uma estratégia de resistência, aspecto relatado pela *narradora 2*, quando diz que passou a se sentir mais fortalecida ao conhecer um coletivo de jovens negros em 2020, ano em que terminou a graduação, história que abordarei mais adiante.

Essas mulheres negras contam outros episódios que se sucederam durante o período universitário:

Quando ela falou humor, todo mundo olhou para mim esperando. Aí a professora passou 2 segundos, foi bem rápido, “ai que humor... roxo”. Então assim, parou na hora, porque eu estava ali, se eu não tivesse ali, ela iria falar do humor negro, entende? (Encontro Narrativo - Narradora 1)

Então tiveram ocasiões de professores fazendo piadas racistas só depois de eu sair do local e outro amigo negro me contar e dizer como ficou incomodado. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Esses dois excertos dão conta de compreender o quanto os sujeitos brancos dessas histórias tinham a consciência do racismo, dado o receio contido no primeiro trecho, quando a professora modifica sua frase ao olhar para a *narradora 1*, bem como no segundo trecho, em que a fala racista só acontece a partir da saída da *narradora 2* da sala de aula.

No primeiro trecho é possível ainda refletir sobre os olhares da turma. Por que todos esperavam que a *narradora 1* falasse alguma coisa? Por que ela se torna a única pessoa passível de contestar? Muitas respostas pairam sobre essas questões, uma vez que dá a entendê-la como a representante negra em espaços brancos, bem como, a identificação de ser uma mulher negra que fala de raça.

No segundo trecho, a *narradora 2* reitera que só soube da fala racista direcionada à ela a partir do incômodo do seu amigo, também, negro que estava na sala de aula e chegou a contar o que aconteceu, ela reflete:

Já no final da graduação, eu começo a ter muito incômodo dessas coisas não serem conversadas. E aí eu começo conversar com um amigo ou outra que também era negra, eram negros. No caso, tinha dois amigos: um amigo negro que hoje também é fonoaudiólogo e uma outra amiga, também negra, fonoaudióloga, que ela entendia o que estava acontecendo, mas todo mundo, a gente se sentia muito... [expressão de tristeza] não tinha nenhum dispositivo assim para você chegar e dizer “ah eu vou denunciar” e também faltava muito coragem que é algo que ainda me falta até hoje, por conta da própria estrutura mesmo, que a gente acaba se inserindo quando a gente é um profissional da saúde. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Essas palavras são expressas corporalmente com uma dor visível, as expressões faciais, para além da fala, dizem muito sobre o processo de se sentir invalidada e buscar alternativas para resolução dos problemas. Nessa configuração, a *narradora 2* começa a compartilhar suas vivências com seus pares, entendendo que eles também passavam por situações parecidas, fomentando lugares seguros para se expressar sobre o que estava acontecendo. Além disso, ela reflete sobre a questão da denúncia do racismo na universidade até chegar ao ambiente profissional e sua relação com a “coragem”, considerando que, em virtude das relações de poder imbuídas nesses sistemas, a denúncia pode causar repercussões negativas para a própria vítima, o que traz muitos receios. Ademais, na universidade em que se formou não havia dispositivos para denúncia.

Pelos caminhos da atuação profissional1: Chegando ao mercado de trabalho

Nesta seção, falarei sobre a continuidade do *caminho*, saindo da universidade até à inserção dessas mulheres negras no mercado de trabalho. Quanto a isso, as participantes trouxeram histórias muito particulares, duas delas falaram sobre a questão da indicação, visto que muitas vezes é comum iniciar em empregos por meio da recomendação de “outros”. A *narradora 2* recorda que ao finalizar a graduação, no auge da pandemia da COVID 19, retornou para sua cidade natal, no interior e conta:

Eu não consigo tantas oportunidades na minha cidade. E aí, eu não tenho tantos contatos, nada nesse sentido, ninguém da minha família é da área da saúde. eu fui a primeira pessoa a formar no Ensino Superior da minha família materna e da minha família paterna fui uma das primeiras também. E aí isso tudo acaba dificultando, também, sua inserção no mercado de trabalho, porque você não tem aqui o famoso quem indica. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Nessa passagem ela reflete sobre a ausência de contatos possíveis para lhe indicar e relaciona essa situação à sua família, uma vez que por não estarem no meio da saúde e/ou de formação universitária, confere a eles uma posição de estar de “fora”.

Já a *narradora 1*, ao se formar, continuou na capital baiana e relata não ter tido dificuldades para acessar trabalhos, no entanto, também traz o fato de não ter indicações, quando diz que conseguia empregos, mas não conseguia chegar a oportunidades de trabalho com uma melhor remuneração porque estes ficavam com pessoas que eram indicadas e descreve essa situação:

Foi tranquilo porque eu formei em dezembro, aí em janeiro eu participei de um processo para esse ambulatório e passei, porque o nome UNEB faz muito peso, uma instituição pública. E aí, como eu fiz de tudo na universidade, o meu currículo estava muito grande e quando eu fui participar da entrevista isso chamou muita atenção. [...] Aí não teve dificuldade, só que eu continuei fazendo outras provas pra ver se conseguia um salário melhor e aí a maioria das outras provas eu não passei... por várias questões, às vezes tinha um colega que tinha sido indicado. (Encontro Narrativo - Narradora 1)

Aqui ela explica que alcançava oportunidades de trabalho devido à sua competência quando estava na formação em Fonoaudiologia, dado o currículo bem estruturado, ao tempo que mesmo assim, não chegava a posições de trabalho mais valorizadas por não conhecer pessoas que pudessem indicá-la. Nesse sentido, é preciso apontar questionamentos sobre o

fator indicação, uma vez que Cida Bento (2022) fala sobre os “pactos narcísicos” da branquitude, que são mecanismos implícitos que operam para que pessoas brancas continuem tendo privilégios, acesso a direitos e maiores possibilidades de ascensão, como uma aliança silenciosa entre elas para impedir que pessoas negras também cheguem a esses lugares.

Essas histórias me fizeram lembrar do período que finalizei a graduação. Entre tantas dúvidas, o meu objetivo era entrar no mestrado na mesma universidade que formei, no estado de Sergipe. No entanto, não consegui aprovação e precisei retornar para minha cidade, Cabrobó, no interior de Pernambuco. Não era algo que eu havia planejado, dado o meu planejamento de seguir na formação acadêmica, mas que ao mesmo tempo me fez pensar nas possibilidades que eu poderia ter e a felicidade que seria voltar ao seio da minha família. Quando retornei à minha cidade, não tive oportunidades de trabalho, ainda que, na época, tivesse apenas uma fonoaudióloga para abarcar toda a cidade. Assim como as participantes, eu também não tinha contatos ou indicações. Foi necessário, então, mudar para uma cidade próxima com o propósito de começar a trabalhar.

Lembro-me dos percalços que esse turbilhão de mudanças trouxe. A ruptura entre o ambiente universitário e o profissional provocou inúmeras afetações, mesmo porque, nesse período, minhas descobertas estavam muito latentes e já havia encontrado espaços de pertencimento nos corredores e de forma externa à universidade. Lembro que adentrar no ambiente profissional me levou a sentimentos um tanto contraditórios, ao tempo que sentia orgulho por estar “ocupando” aquele espaço, sentia também que estava fora do lugar. “Estar fora do lugar” para além de representar as duas mudanças de cidade que passei em um curto período de tempo, se direcionava também aquele lugar – ambiente clínico. Recordo que os códigos do imaginário social sobre ser profissional de saúde me impactaram. No início, tinha muito cuidado com o tipo de vestimenta que usaria e, principalmente, com o meu cabelo, que é crespo, volumoso e costuma ser alvo de olhares e racismo. Lembro que na minha primeira entrevista de emprego, arrumei meu cabelo de uma forma diferente, com o intuito consciente de “chamar menos a atenção” e buscar aceitação.

Falando sobre processos de seleção para adentrar no mercado de trabalho, a *narradora I* conta um episódio que aconteceu em uma entrevista de emprego:

Teve uma entrevista que foi muito engraçada, eu tenho um artigo publicado. E aí a moça fez assim: “nossa! você tem um artigo publicado”, eu falei assim “é! sim”. E aí ela fazia uma outra pergunta e voltava “nossa! Você tem um artigo publicado”, tipo assim? É na revista baiana de saúde pública, uma revista publica, de boa qualis. Aí daqui a pouco ela fazia outras perguntas e: “você tem um artigo publicado”... Meu

Deus, aí está muito estranho para ela, eu ter tido um artigo, tipo uma mulher negra, publicou em uma revista boa. Foi a entrevista inteira ela falando sobre isso. Eu até pensei assim “pronto, eu ganhei a vaga agora só por ter um artigo publicado”. Porque a mulher achou tão surpreendente e acabou que essa vaga eu nem ganhei, mas chamou muita atenção eu ter tido um artigo publicado e não era qualquer revista. (Encontro Narrativo - Narradora 1)

Observa-se aqui o estranhamento do “outro” ao ver uma mulher negra em um local de progresso e a forma como isso chega à *narradora 1*, uma vez que a consciência da sua própria negritude já estava formada.

A *narradora 3* conta que ao se formar tinha muito interesse em ir para área de Voz, mas isso se modificou completamente quando ela começou a trabalhar em uma Escola Especial para tirar licença maternidade de uma outra fonoaudióloga e permaneceu, até hoje, trabalhando com o público de pessoas com deficiência, mas com diversas mudanças de ambiente de trabalho nesses últimos anos. Depois de 15 anos de atuação fonoaudiológica, ela conta:

O meu momento atual é esse, eu sou inquieta, acho que nem é da minha geração - Assim com a minha mãe, que está 30 anos na mesma empresa, na minha geração, ninguém fica 30 anos em lugar nenhum mais. Eu acho que a gente tem um olhar muito mais para nossa trajetória do que aquela coisa de vestir a camisa da empresa. Não que a gente não vista, mas a gente olha muito mais para a gente, é uma coisa muito mais individualista [...] então, a partir do momento que atingiu o limite, fechou o ciclo “beijo, muito obrigada, enquanto estive aqui eu me dediquei e agora uma nova história vai começar.” Eu acho que é mais fácil para a gente esse desapego, porque na verdade a gente pensa na nossa carreira, na nossa trajetória e não na empresa, a empresa não está à frente. Então sou bem inquieta, até falei para a minha mãe hoje, falei “ai, me inscrevi numa vaga lá” e ela “ai Narradora 3, você não sossega!” . Eu tenho LinkedIn, a vaga apareceu, eu li, eu estou dentro, por que não?. Então não estou desesperada, eu acho que o principal é esse, porque quando se está desempregada o nível de ansiedade e a urgência é muito grande. (Encontro Narrativo - Narradora 3)

A *narradora 3* traz uma percepção voltada à sua realidade na região Sudeste do Brasil: “na nossa área as coisas acontecem muito rapidamente, porque não tem fono no mundo, então todo mundo quer a gente”.

Para *narradora 2*, essa realidade aconteceu de uma forma diferente, ela conta que nos encontros do coletivo de fonoaudiólogos negros, aparecem depoimentos relacionados à ausência de oportunidades na profissão, apesar da escassez de fonoaudiólogos. Primeiro ela fala sobre como aconteceu o seu processo de inserção no mercado de trabalho na região Nordeste do Brasil:

Tive um pouco de oportunidade com uma outra colega negra que acabou cedendo um pouco dos pacientes para eu conseguir atender, ela precisou sair de licença, de férias, me colocou no lugar dela, no consultório dela e eu atendia. Mas assim, de uma forma muito difícil, mesmo - como eu imagino que é para todo fonoaudiólogo - mas como eu percebo, que eu sempre gosto de entender também o fator raça nesse sentido. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Depois resume um pouco do que compartilharam com ela nas reuniões do coletivo, problematizando a inacessibilidade da formação continuada, e o quanto isso repercute no acesso ao trabalho:

Quando eu vou conversar com outros colegas nesse espaço já do Coletivo de fonoaudiólogos negros, eu percebo que outras pessoas também estão com essa dificuldade, até pela falta do acesso aos cursos, as especializações, tudo isso que acaba também abrindo portas pra uma maior demanda. Quando você sai da faculdade, você sai muito generalista, se você já consegue pagar algum curso, alguma especialização, isso vai afinando seu fazer técnico, seu fazer fonoaudiológico. Então acho que isso acaba ajudando e quando você não tem essas oportunidades, isso acaba impactando também na sua inserção no mercado de trabalho. Então eu fui bombardeada com tudo isso logo quando eu saí da faculdade, mas consigo passar na residência. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

A *narradora 1* lembra que começou a trabalhar no serviço público em um ambulatório de saúde mental, com o público de pessoas com deficiência e traz um breve resumo sobre os locais que trabalhou e os caminhos que percorreu na sua trajetória enquanto fonoaudióloga, dizendo:

Era pelo SUS e aí eu fazia 20 horas, então, eu era a única fono do turno. Eu atendia mais de 100 pacientes lá. Era tão cheio que o atendimento era em grupo. Era surreal a demanda que tinha e o valor não compensava o salário. Então eu comecei a trabalhar no particular e aí eu locava uma sala também numa clínica e depois comecei a atender domicílio também. E aí teve um momento que eu estava fazendo essas três coisas, eu estava atendendo em domicílio, locando uma sala e atendendo no

público. E aí foi muito desgastante para mim e eu saí de tudo e fui trabalhar 40 horas só na rede privada, numa clínica particular. Aí nessa clínica particular, eu continuei só a domicílio. Foi 3 anos no SUS, 1 ano nessa clínica particular e agora 1 ano aqui, que eu tô só no SUS também, só que agora são 40 horas, então não consigo também estar no particular. Mas sempre teve esses 2 vínculos. (Encontro Narrativo - Narradora 1)

Nesse sentido, há aqui demarcação da sobrecarga no sistema público de saúde que acaba se voltando para um desgaste na profissional, haja vista a imposição de atender ao máximo para suprir as exigências da demanda intensa, em detrimento da desvalorização salarial. A *narradora 1* também aponta a necessidade de ter mais de um vínculo profissional como uma forma de atender suas demandas individuais, já que a remuneração não era o suficiente, o que gera cansaço enquanto consequência da carga horária excessiva.

Racializando a atuação fonoaudiológica

Ao falarem sobre suas vivências enquanto mulheres, negras e fonoaudiólogas surgem diálogos voltados ao não pertencimento. É notável que a Fonoaudiologia apresenta-se enquanto sinônimo da branquitude. A *narradora 2* conta que desde o período de estágios na universidade sentia a necessidade de “tentar sempre fazer o melhor”, exigia de si mesma uma excelência de desempenho nas práticas que executava e essa dinâmica se consolidou na sua atuação profissional.

Eu comecei a ver na prática também: pais de paciente questionando o meu trabalho, eu precisando, literalmente, ter uma dupla personalidade... então, eu até brincava com a minha psicóloga que quando eu entrava na sala, no setting terapêutico, eu tinha uma outra posição, até postural mesmo, eu sabia que eu precisava meio que vestir uma capa ali, e já ser um pouco diferente. Aí você já começa a se resguardar em relação a técnica, por você já saber que vai ser mais cobrada, você já começa sempre a se assegurar da teoria, tentar sempre fazer o melhor. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

De modo semelhante, Narradora 3 narra sobre a hipervigilância que atravessa sua identidade profissional de fonoaudióloga sendo uma mulher negra:

A gente não se permite errar e isso é muito grave. É muito grave porque primeiro que a gente erra, né? Mas a gente tem essa essa hipervigilância e tem que dar conta, tem que ser competente e tem que fazer, tem que dar certo. E isso faz com que a gente seja mais responsável, mais dedicado, mais mais, mais mais... mas a gente tem que perceber também que isso traz um adoecimento. Então, é muito complicado achar o ponto de equilíbrio nisso tudo, porque deixar de ser, nós não vamos deixar de ser, né? [...] é algo que eu percebo que faz com que nós sejamos diferentes sim na nossa atuação, porque a entrega é mil vezes maior. É uma coisa assim absurda tudo que a gente faz pra gente se adequar ao trabalho, e não ao contrário, como em alguns momentos. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Ambos os sentidos desses relatos estão presentes desde muito cedo na vida dessas mulheres negras, perpassando a vida escolar, acadêmica e profissional. Frantz Fanon, falando de sua realidade de médico preto, elucida que não havia a possibilidade do erro para si, que o erro seria considerado seu fim e o dos próximos médicos negros que surgissem. Uma vez que o sujeito negro, quando em espaços brancos, torna-se o representante da raça, sem subjetividade, como dita a colonialidade (Fanon, 2008; Maldonado-Torres, 2018).

Todo esse mecanismo é introduzido no inconsciente coletivo de toda uma raça, que historicamente é inferiorizada e passa a ser também subjugada. No colonialismo, a raça é determinante para que pessoas negras sejam desacreditadas, questionadas e classificadas negativamente, enquanto a “excelência e a competência passam a serem percebidas como atributos naturais do grupo racialmente dominante” (Carneiro, 2020, p. 280). Fanon ainda explica que, como uma forma de confrontar a lógica da branquitude, o sujeito negro se envolve na perfeição como uma estratégia. Intrusivamente se entende que é a partir da fantasia da perfeição que encontraremos aceitação ou até evitaremos o racismo. No entanto, não é o que acontece (Fanon, 2008; Kilomba, 2019).

Contexto corroborado por Kristoffersson e Hamberg (2022) que, em seu estudo sobre estudantes de medicina de origens culturais/étnicas minoritárias, observam que os participantes da sua pesquisa sentiam necessidade/obrigação de demonstrar o conhecimento que possuíam e se esforçar exaustivamente, com a esperança de se sentirem protegidos das discriminações e de reconhecerem sua dignidade e capacidade.

A *narradora 2* recorda seus processos na residência, narrando o estranhamento do “outro” quanto a sua presença naquele espaço. Ela conta que mais uma vez o sentimento de não - pertença e não - lugar lhe invadiu:

Quando eu passo na residência, eu percebo no primeiro dia que o meu corpo ali está incomodando. Então as pessoas que já estavam ali, eu vejo como se tivessem realmente se espantado. Eu fui a única que passou logo de cara no programa [...] E eu acabo caindo nessa residência, que já é um processo difícil para todo mundo, mas naquele setor em especial, eu percebo nesses outros fonoaudiólogos que são brancos, esse desconforto com a minha chegada. De início, eu me questionei muito em relação à minha permanência, à minha capacidade, na verdade, se iria dar conta. Ocorreram inúmeros episódios de assédio na primeira semana da residência. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Aqui ela explica que esse estranhamento projetou questionamentos em si mesma. De acordo com Cida Bento (2022), esse “incômodo” relatado se direciona ao sentimento de ameaça que invade a pessoa branca, quando percebe que o “diferente” adentrou o espaço do “universal”. Essa configuração trouxe, por consequência, inúmeros sentidos para a *narradora 2*: ser desacreditada, questionada, além de sentimentos de incapacidade e auto cobrança. Sobre isso, Sueli Carneiro aponta que há “dificuldades adicionais que espreitam mulheres negras quando ousam romper portas e adentrar lugares para os quais não foram destinadas” (Carneiro, 2020, p. 281). Nesses fragmentos, é possível perceber que uma mulher negra

posicionada em um lugar sistematicamente negado a ela ao longo da história causa receios no “outro”. Esse estranhamento também aparece no discurso da *narradora 1*, quando diz que constantemente é questionada sobre o seu lugar de fonoaudióloga, até mesmo no seu *setting* terapêutico e conta um episódio ocorrido:

Eu estava atendendo em Salvador, recém-formada, aí a diretora da instituição ela não me conhecia ainda e ela abriu a porta, era a sala da fono, eu estava de jaleco e os pacientes estavam na mesa sentados [...] Aí ela olhou para mim, olhou para os pacientes e perguntou: “cadê a fono?”, aí eu falei assim: “sou eu a fono!” e ela falou: “Ah, é porque você é tão nova” e eu falei assim, “é, mas sou eu a fono”. Então, tipo assim, ela usou o ser nova para encobrir o racismo, né? Por que eu estaria de jaleco na sala de fono, num jaleco que estava escrito: Fonoaudióloga - Nome completo. (Encontro Narrativo - Narradora 1)

Nesse trecho a *narradora 1* elucida que não foi reconhecida enquanto profissional e ainda surge a justificativa relacionada à sua jovialidade, como uma forma de tirar o foco da situação racista. De acordo com Grada Kilomba (2019, p. 115) “ser observada e questionada são formas de controle que, certamente, incorporam o poder [...] esperam que ela justifique sua presença em território branco”. Esses papéis se referem ao lugar de outridade conferido à pessoas negras por pessoas brancas, como se coubesse às pessoas negras a conduta de se explicar e se justificar, criando-se um imaginário de que *narradora 1* não deveria estar ali e ainda esboça-se uma *fantasia colonial* de onde ela deveria estar e o que ela deveria ser (Kilomba, 2019).

A *narradora 1* fala sobre outro episódio ocorrido, em que foi desacreditada quando disse que era especialista em Linguagem, título conferido pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia por meio de um processo, considerado prova de títulos, que requer certificações, produções e comprovação de anos de experiência na profissão. Um descrédito muito simbólico visto que a *narradora 1* ascendeu na profissão, como se não fosse provável que ela pudesse chegar àquela posição:

Falei para uma colega que eu sou especialista e ela: “Olha! especialista é só a pessoa que fez a prova do conselho federal, não é só quem fez a pós graduação”. Tipo assim me deu uma aula e eu falei: “Eu sei! Eu sou especialista com o título pelo conselho federal, eu fiz a prova de título do conselho e tenho o título. Aí ela: “Ah, é?” e eu falei “é”. Ela ficou toda sem graça, porque pensou que eu estava dizendo que era especialista só com a pós, mas não. Quando eu tinha só a pós, eu dizia que era pós-graduada, agora que eu tenho o título eu falo que sou especialista. Teve essa questão,

tipo “ó essa pessoa negra dizendo que especialista, não tem como”. (Encontro Narrativo - Narradora 1)

Mas assim os olhares, principalmente, antigamente que eu me formei com 23 anos, eu sou baixinha, era bem mais magrinha, hoje não tô mais, mas assim como o jaleco, todo mundo ficava “nossa, mas essa mocinha que é fono?”. Hoje já não tem mais essa coisa de mocinha, já foi, mas é aquela frase que viralizou muito na semana passada com a passagem da Glória Maria, na entrevista dela no roda viva: “Nada blinda preto”. Ou a gente está nos espaços sabendo, mas em algum momento ou outro terão olhares, comentários. Nada blinda. Então se nada blinda estamos aqui, lidem com isso. (Encontro Narrativo - Narradora 3)

O depoimento da *narradora 3* também traz o estranhamento e os olhares do “outro” em ver uma mulher negra fonoaudióloga, com o embate da justificativa do ser “jovem”. Grada Kilomba enuncia que “No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer” (Kilomba, 2019, p. 56). Compreendo que essa forma de enxergar mulheres negras é fruto de uma história colonial, como se apenas os lugares de subserviência estivessem reservados para nós. No entanto, aqui, além de retomar o seu lugar, a *narradora 3* se retira da posição de outridade.

Ambas as participantes narram que seus espaços de atuação profissional são ocupados predominantemente por pessoas brancas. A *narradora 2* conta:

Essa questão de eu ser uma fonoaudióloga negra e hoje que eu estou fazendo a residência, estou também inserida num ambiente 70% branco, que não discute questões raciais dentro do fazer fonoaudiológico, nem dentro do ambiente de saúde, então, eu acabo me incomodando todos os dias com esse tipo de prática. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Nesse trecho, irei elaborar algumas discussões. Primeiro, ela discute sobre a subrepresentação de pessoas negras no ambiente de trabalho, demarcando a Fonoaudiologia enquanto espaço de perpetuação da branquitude, uma vez que há a possibilidade de pensar em uma manutenção de privilégios para pessoas brancas que continua fazendo com que pessoas negras sejam consideradas como não pertencentes à esse contexto (Bento, 2022). E afirma: “A gente já sabe todas as nossas questões, e quem não sabe está tentando descobrir, mas é muito difícil você ver alguém que discute branquitude e eu acho que isso na fono está muito longe de acontecer”.

Mais adiante ela reflete sobre o seu incômodo de observar práticas que invisibilizam questões étnico raciais na atuação, que gera consequências negativas para o público dos serviços e, novamente, faz com que ela adote uma postura de representante da raça no seu ambiente de trabalho.

Sobre as discussões do parágrafo anterior, em sua narrativa, a *narradora 2* expressa dados muito importantes para pensarmos sobre a população negra enquanto público no serviço de Fonoaudiologia e enuncia “*meus pacientes também são afetados por essa Fonoaudiologia branca*”, observando que, dentro da Fonoaudiologia, independente da posição que a pessoa negra está - paciente ou profissional - haverá desdobramentos, dado o caráter eurocêntrico e elitizado da profissão (GAAROA, 2020).

Na sua experiência profissional em contexto hospitalar, a *narradora 2* analisa que havia inúmeras disparidades entre famílias negras e brancas enquanto pacientes do serviço público de saúde e observa o quanto pessoas negras tinham dificuldades relacionadas à falta de rede de apoio, de informações básicas, de acesso ao atendimento fonoaudiológico, dificuldade de manter a reabilitação fora do hospital e de ter um atendimento de qualidade, além dos episódios de violência obstétrica voltada à mulheres negras. Ela elucida que essas situações são provenientes dos determinantes sociais e de raça, visto que as iniquidades vivenciadas pela população negra impactam significativamente nas condições e no acesso à saúde.

Ademais, de acordo com o estudo do GAAROA (2020), é importante intencionar reflexões para além do acesso ao atendimento fonoaudiológico. Há a necessidade de garantir que o serviço tenha qualidade, que atenda as demandas da população, que esteja atento às necessidades específicas e à configuração em que o paciente vive, pensando também na adequação da avaliação para determinadas populações, com vistas a considerar as particularidades culturais e oferecer o serviço de forma contextualizada.

Por ter sua consciência de classe e de raça bem estabelecida, a *narradora 2* passa a entrar em sofrimento devido a essas situações institucionais, nas quais a mudança não depende unicamente dela, a observação de todas essas barreiras para população negra na Fonoaudiologia leva à uma angústia contínua: “*Então isso acabou em uma coisa atual mesmo, que acaba me angustiando muito ainda. Como a gente não consegue democratizar o nosso trabalho, ele acaba ficando ainda muito elitizado*”.

Diante desses sentimentos, ela passa a compartilhar esses debates com seus colegas de trabalho, mas não observa tanta abertura: “*E eu tenho trazido para esses outros colegas que são brancos, mas eu ainda percebo um pouco de resistência, principalmente quando o*

assunto é eles debaterem sobre esses episódios e o racismo em si. Fica muito sempre entre a gente mesmo, nós, fonoaudiólogas negras, nós, mulheres negras”.

A narradora 2 se coloca falando sobre as reverberações de ser mulher negra, profissional de saúde que leva em consideração as questões étnico-raciais e os determinantes sociais no seu fazer, explicando que o que a sobrecarrega é ser a representante negra em espaços ditos brancos e a lógica do “outro” de que só ela é capaz de debater raça. E relembra uma situação incomum em que uma pessoa branca se colocou em uma discussão racial:

E aí, nesse dia do questionamento dessa colega branca, um dos meninos brancos falou por mim. Digo assim por mim e pela gente porque estavam as outras também lá, porque a gente ficou calado (Narradora 2 e outra colega negra) e eles estavam esperando a gente falar alguma coisa. Porque se direciona olhar, olham para a gente solicitando aprovação, então isso é bem comum, se a gente for conversar com outras pessoas, isso acaba acontecendo em outros contextos. E aí nesse dia eu achei engraçado que, para surpresa deles, quem estava tomando esse lugar de raça foi uma outra pessoa branca e é como tem que ser, né? O debate tem que ser deles com eles mesmos. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

A narradora 2 traz uma narrativa relacionada à uma parceria que firmou no período da residência, com sua tutora, mulher branca, afirmando o quanto foi potente estarem juntas para pautar as necessidades da população negra na atuação fonoaudiológica. Ela conta o quanto essa parceria foi importante para incentivá-la nos caminhos que desejava percorrer “*eu consigo ter um pouco mais de fôlego nesse período, justamente, por conseguir ver outros pares ali, que estavam meio que me incentivando e tentando também de alguma maneira me ajudar nesse processo”.*

Aqui ela explica o quanto essa dinâmica trouxe mais motivação para ela, visto que dentro do serviço se sentia “*a mais cobrada, hostilizada, visada e com maiores problemas de relacionamento”* (Encontro Narrativo - Narradora 2) e aos poucos, passa a compreender que esses sentimentos eram provenientes de situações racistas vivenciadas nesse período da residência.

Quando eu entro na residência, eu já entro com uma maior base de fortalecimento, nesse sentido, mas que ao mesmo tempo não deixa de machucar. Então aconteceram várias coisas que eu não sabia se era pelo fato de eu ser uma residente, que é uma coisa que é bem comum - todo mundo estava ali sofrendo pela carga horária, pela pressão, e pelas outras demandas que acabam sendo exigidas nesse processo - ou se também tinha muito do aspecto racial e aí ao longo desses dois anos - que eu estou

terminando agora - com essa minha psicóloga e com outros encontros que eu também tive nesse processo da residência eu começo a entender que, realmente, existiram vários episódios racistas. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Narradora 1 também conta episódios racistas que viveu na sua atuação profissional: *uma vez uma mãe de um paciente que tem um comportamento muito disruptivo [...] eu fui de turbante e ela disse que o meu turbante estava deixando o paciente nervoso e aí eu falei que não, que nas outras sessões ele também estava nervoso da mesma forma, então o turbante não fez diferença alguma no comportamento da criança. Ela era mulher branca, mas o marido era negro. Essa situação só aconteceu entre eu, ela e a criança na sala, então, tipo assim, eu não nem relatei para ninguém, porque se eu dissesse isso, não iam fazer nada [...] E aí ficou muito difícil a relação minha com a mãe. Ela, inclusive, foi reclamar de mim para a coordenadora. Aí eu falei assim, “ótimo, tá? Ela reclamou, tem um caminho que a gente ia fazer, tem outra fono na instituição, passe esse paciente para outra fono, pelo amor de Deus”. Foi um alívio muito grande porque ela passou e eu saí como a errada da história, até hoje é como se esse fosse um ponto negativo da minha vida aqui, né? [...] Ele continua com o mesmo tipo de comportamento, foi para outra fono, tá a mesma coisa. Eu até falei, “que bom, porque para ela ver que não sou eu, que não é o meu turbante, não é a cor da terapeuta [...]”. (Encontro Narrativo – Narradora 1)*

Nesse excerto fica notável perceber que a denúncia de situações racistas ainda é uma barreira. A *narradora 1* descreve que guardou isso para si mesma, porque imaginou que se falasse não adiantaria ou não resolveria e, novamente, se envolve no silêncio. De forma semelhante, lembrando outro episódio, onde ordenaram que ela prendesse o cabelo no ambiente de trabalho como uma forma de “aconselhamento”, mas que na verdade foi direcionado apenas à ela e não às outras mulheres de cabelos lisos e longos que também eram profissionais, ela diz: *“Então assim, foi uma situação escancarada de racismo, mas eu não respondi nada na época, até porque também não valia a pena.”*

Como disse anteriormente, o cabelo crespo é um dos principais marcadores da identidade negra, dado o caráter político que ele apresenta. Assim, nas suas vivências a *narradora 1* relata: *“o cabelo sempre foi uma questão muito forte no ambiente de trabalho, porque meu cabelo chama muito a atenção e aí quando eu coloco trança, piorou, quando eu coloco twist, também, qualquer coisa que eu fizer no cabelo chama atenção e turbante nem se fala”*.

Aqui, observa-se o quanto a insubordinação ao padrão estético gera repercussões. Observa-se o quanto o cabelo crespo continua sendo visto negativamente. Aqui ele é considerado como algo público, que as pessoas tendem a invadir, marcar como diferente e errado, fugitivo à norma (Kilomba, 2019). A *narradora 1* fala sobre outro episódio racista direcionado ao seu cabelo no ambiente de trabalho:

E aí uma paciente estava com piolho e a gente tinha comentado que era para ter cuidado, aí a diretora fala assim, na frente de todo mundo - a gente usava touca porque foi lá no ápice da pandemia, a gente não parou de trabalhar na área de saúde e a gente usava touca, máscara, luva - “Narradora 1, cuidado pra você não trazer piolho com seu cabelo aí”. Não era só eu que atendia essa paciente, tinha outras meninas também que atendiam, inclusive, tinha uma colega que o cabelo dela é cacheado, uma mulher branca de cabelo cacheado, grandão o cabelo, então não foi só questão de ser um cabelo cacheado foi a questão de ser um cabelo crespo e de uma mulher negra, não é? Então o cabelo sempre teve essa questão de tocarem, de perguntarem. (Encontro Narrativo - Narradora 1)

Discutindo sobre o cabelo no mercado de trabalho, Nilma Lino Gomes (2019) retrata que historicamente nos anúncios de emprego havia a demarcação da “boa aparência” enquanto exigência para o trabalho. Aqui a “boa aparência” refere-se ao padrão estético vigente. Após denúncias do movimento de mulheres negras essa demarcação deixou de existir por escrito, mas se perpetuou assumindo formas veladas, a partir da designação do tipo de penteado a ser utilizado, por exemplo. Por meio das narrativas pode-se inferir que mesmo não havendo códigos escritos do que se deve seguir, o imaginário da branquitude afirma como deveria ser o profissional adequado, visto que frequentemente interpelam a *narradora 1* enfatizando seu cabelo crespo (Yu et al. 2022).

Sobre as possibilidades do cabelo crespo, a *narradora 3* lembra da primeira vez que colocou tranças, penteado que representa uma forte valorização da história e da estética negra:

Eu lembro que o meu pai olhou, “tá bonito, mas assim você conversou lá na clínica, se pode?” Eu falei: “pode”. “Ah, você já conversou lá? e falei, “pode, porque a cabeça é minha, o cabelo é meu e quem pagou fui eu. Então pode!” [...] vou trabalhar, vai ter fono trançada sim, com coque deste tamanho na cabeça ou com o meu cabelo solto, vai ter! Entendeu? Então é isso! (Encontro Narrativo - Narradora 3)

A *narradora 3* interpretou esse receio do seu pai como uma forma de “protegê-la” de situações no trabalho. Como se o cabelo trançado deixasse sua identidade negra mais visível e

por isso, a preocupação demonstrada por ele, que buscava ali a validação do “outro”. E no final, a *narradora 3* nos faz refletir que as possibilidades estéticas existentes no cabelo crespo aproximaram-na ainda mais da sua identidade racial, além de trazer conjuntamente a legitimação entre a identidade negra e a identidade profissional expressada na sua fala.

Os episódios racistas vivenciados na graduação e na atuação profissional dessas mulheres negras nos levam a pensar sobre a questão da denúncia. Como vimos nas falas de *narradora 1*, existe um silêncio como barreira para denúncia, bem como a noção de que situações racistas não serão vistas enquanto crime, e portanto, não serão resolvidas da forma ideal.

A *narradora 2* corrobora com essa percepção, quando fala sobre o medo de denunciar o racismo no âmbito profissional, uma vez que, estruturalmente, mulheres negras encontram-se em desvantagem nesse sistema que se auto protege e expressa:

Então eu ainda tenho muito medo, a palavra é medo mesmo, da denúncia nesses espaços que são pessoas que têm um certo poder mesmo, institucional, muito bem garantido e resguardável, que não vão ser desligada desse lugar muito facilmente, pelo viés do concurso e tudo mais. Então assim, são lugares que acabam se auto protegendo, inclusive, de continuar acontecendo esses episódios. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

E reflete que os órgãos maiores da Fonoaudiologia passaram a se movimentar com discussões étnico raciais, muito recentemente e que tudo ocorreu a partir de uma denúncia:

Quando foi que começaram a falar sobre? chamar? Fazer Lives e GT sobre racismo e saúde? Foi depois justamente de uma denúncia e foi muito recente, e isso tudo foi também muito misturado com o início do coletivo de fonoaudiólogos negros, que eles ficaram sabendo que estavam começando a se mobilizar. Então aí começa já a querer se respaldar. Elegem aqueles que mais condizem com a minha narrativa [...] determinada fono negra é chamada só pra falar de racismo e sobre vivência, para falar sobre as nossas dores, naquele determinado mês, o mês de novembro. Mas isso não é visto na prática no cotidiano. Eu perguntei ao conselho regional e não tem um espaço para denúncia, o conselho federal, muito menos, então não existe nada em relação a isso, dentro da fono e acontece muito. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Nesse trecho, a *narradora 2* elabora muitos questionamentos e se pergunta se essas ações começaram realmente de forma genuína ou somente para se resguardar da denúncia que aconteceu, uma vez que tradicionalmente a neutralidade e a omissão imperam nesses

sistemas. Também faz uma crítica sobre nossas falas e dores serem “permitidas” apenas no mês de novembro, quando na verdade, diariamente estamos vivenciando lugares de silenciamento e descrédito na profissão e na graduação. E conclui que, mesmo com esses diálogos raciais recentes, os espaços para denúncia de racismo ainda são inexistentes nos conselhos de Fonoaudiologia.

“É um lugar que ainda precisa ser ocupado, na verdade, ser criado”: Narrativas negras na Fonoaudiologia

*“Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.
E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós”.*
Conceição Evaristo

Neste capítulo abordarei as experiências dessas mulheres negras na atuação profissional enfatizando as reverberações de sua consciência política, social e racial no seu fazer fonoaudiológico. Apresentarei essas narrativas compreendendo o sentido de *lar*, que se forma na subjetividade dessas mulheres quando elas passam a afirmar sua identidade negra em associação à profissional enquanto potencialidade, transformação, criatividade e resistência.

Ao ouvir as memórias das participantes, observo que questões voltadas ao isolamento, silenciamento e não pertencimento foram consistentes em suas narrativas, principalmente, quando se referiam à graduação e atuação profissional. Nesse cenário, elas transformam esses sentidos em movimento, como uma atitude de descolonização do “eu”, em busca de compartilhar experiências, modificar conjunturas e a partir daí começam a surgir discursos sobre o aquilombamento no âmbito da Fonoaudiologia como uma forma de resistência.

Assim, “a sensação permanente de não se sentir em casa, em vez de ser paralisante, se torna motor para a criação de modos singulares de existência diaspórica e matéria-prima para a produção artística, cultural, intelectual e política” (Veiga, 2019, p. 246). É o que entendo como sinônimo de “recriar-se em suas possibilidades”, como nos explica Neusa Santos (1983, p. 18). A *narradora 2* relembra esses processos:

A minha psicóloga me disse que existem grupos de psicólogos que conseguem fazer reuniões, discutir raça, identidade racial dentro das profissões [...] e eu fico me questionando “por que não fazer algo nesse sentido na fono?”. Eu comecei,

literalmente, a procurar no Instagram, né? Botei fono preto, aí apareceu uma ou outra... Aí, não sei como foi, mas deve ter sido algoritmo, eu fui assim, conhecendo uma pessoa, conhecendo outra ali e fui juntando essas pessoas. Entendendo que mais pessoas se sentiam também da mesma forma como eu me sentia. E eu começo a procurar outros fonoaudiólogos negros que aí começa a ideia do grupo Coletivo de fonoaudiólogos negros. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

A partir desse trecho é notável perceber o quanto o incômodo latente em sentir-se sozinha sendo fonoaudióloga negra, reverberou no processo terapêutico psicológico. É nesse contexto que a *narradora 2* começa a se questionar e se mobilizar. Ao ir a busca de construir o coletivo de fonoaudiólogos negros, ela começa a perceber que talvez estivesse sozinha naquele contexto isolado de atuação, mas que existiam pessoas que estavam se sentindo da mesma forma em outros espaços.

Esses sentidos se relacionam à nona tese sobre Colonialidade e Decolonialidade, onde Maldonado-Torres (2018) explicita um giro decolonial ativista, na qual o sujeito se torna um agente de mudança social, assumindo a criação de estratégias que provoquem mudanças e descolonização. Nesse caso, a *narradora 2* se mostra atenta à pensar formas de se sentir pertencente e transformar o cenário que conhecia. Na décima tese, Maldonado-Torres (2018, p. 50) explica que “um condenado sozinho não pode ir muito longe”, nesta última existe toda uma implicação de construir um projeto de decolonialidade coletivamente. Questionar, pensar, criar e agir caminhando conjuntamente suscita novos horizontes para promover rupturas quanto à colonialidade do ser, do saber e do poder.

Nesse sentido, a *narradora 2* também expressa os desafios existentes para consolidar essas mobilizações no coletivo em virtude do cansaço e da rotina exaustiva inerente à própria atuação dos fonoaudiólogos negros:

E aí, ao mesmo tempo que a gente tenta muito fazer esse movimento de União, vamos dizer assim, dos fonoaudiólogos negros, eu percebo também um cansaço muito grande de todos eles. Cada um com sua rotina, cada um tentando sobreviver dentro da profissão, uma profissão elitizada (Encontro Narrativo – Narradora 2)

Além do coletivo de fonoaudiólogos negros, ela também encontra um coletivo de jovens negros nas redes sociais, que estavam em busca de se aquilombar e isso faz com que ela amplie seu ciclo de amizade com pessoas negras, o que lhe ajuda no compartilhamento de suas experiências na atuação profissional, uma vez que esse era o seu maior incômodo na graduação: não conseguir pares para falar sobre essas questões. E relata:

E aí a gente faz esse coletivo, eu fico a pandemia toda naquele processo difícil também que a gente estava todo mundo naquela incerteza, a gente acaba criando um vínculo muito importante também e, ao mesmo tempo, fazendo ações, cesta básica, criamos uma biblioteca negra, uma página no Instagram que acabou atraindo outros jovens negros também. E junto de tudo isso veio também um maior conhecimento mesmo, porque nesse coletivo, a gente lia muito sobre, autores negros, sobre as histórias que a gente não... pelo menos eu não tive tanto na grade curricular, nem do ensino fundamental, médio, enfim. E a gente começa a conversar muito sobre isso, a assistir filmes com aspectos raciais, e isso tudo vai me dando um pouco de pertencimento. Eu já saio de 2020 como uma mulher negra com um pertencimento maior do que eu tinha antes. Eu já tinha um direcionamento na graduação sobre as minhas formas de me relacionar também. Então, eu estava muito mais afrocentrada, no sentido de querer uma outra pessoa, que meu companheiro, fosse um homem negro, já tinha um pouco dessa dessa percepção, graças a todo esse percurso que eu fiz. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Nilma Lino Gomes (2018) atesta que a colonialidade continua operando incisivamente nas escolas de educação básica e no campo acadêmico, principalmente pelo viés curricular. Não é coincidência quando, nessa passagem, a *narradora 2* conta sobre as lacunas mantidas ao longo do tempo nos currículos escolares e acadêmicos dos ambientes que passou. Isso faz pensar que descolonizar o currículo é tarefa urgente.

Assim, somente mais tarde a *narradora 2* encontra nesse coletivo de jovens negros um espaço de partilha de vivências que se configura também como um lugar de conhecimento e embasamento quanto às questões raciais, algo que não teve durante muito tempo da sua vida. Além disso, ela fala sobre a importância de afrocentrar suas relações de amizade e amorosas, como uma escolha consciente.

A *narradora 1* conta que mesmo tendo sido imposta à silenciamentos, recuperou a sua voz e continuou se expressando: “*movimentei a Rede Social a favor disso, por exemplo, no instagram, acho que tem 3 anos que eu faço no julho das Pretas uma série de lives sobre as vivências das mulheres negras na Fonoaudiologia. Então não parei de falar depois de formada.*” Nesse excerto, recorro do poema *Uma Ladainha por sobrevivência* de Audre Lorde, no qual ela diz que o silêncio e a fala geram medo e conclui que é melhor falar, incentivando esse movimento como um ato de coragem para mulheres negras:

*“E quando falamos nós temos medo que
nossas palavras nunca serão ouvidas
nem bem-vindas
mas quando estamos em silêncio
nós ainda temos medo
Então é melhor falar
tendo em mente que
não esperavam que sobrevivêssemos”*

De modo semelhante, Conceição Evaristo (2017) nos ensina que “a nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. Em 2019, o artista visual Yhuri Cruz retratou tal estilhaçamento em sua obra “Monumento à voz de Anastácia” ou “Anastácia Livre”, descortinando novos sentidos emancipatórios para re-historicizar e resgatar a voz dessa mulher negra, expandindo essa significação para o resgate de vozes negras como um todo. O estilhaçar da máscara do silenciamento representa um significado de liberdade e insubmissão à linguagem colonial.

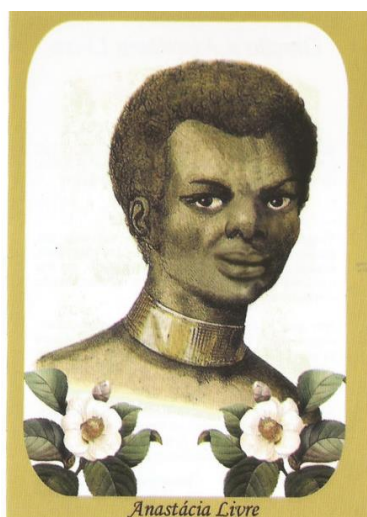


Figura 4. Monumento à voz de Anastácia - Yhuri Cruz, 2019

Fonte: <https://projetoafro.com/editorial/entrevista/conversa-com-artista-yhuri-cruz-e-a-ressignificacao-dos-simbolos/>

Trazendo para o contexto da pesquisa, é muito simbólico pensar o “resgatar” a voz, a enunciação e a expressão, após ser relegada ao silêncio, porque estamos falando enquanto mulheres negras fonoaudiólogas. Atuamos utilizando a linguagem como instrumento de trabalho e assim, oferecem os caminhos para as vozes e a linguagem de outros sujeitos. bell hooks diz que, ao tempo em que falamos, estamos também nos tornando sujeitas e criando novos horizontes enquanto mulheres negras, além disso enuncia que “a voz liberta” (hooks, 2019b, p. 38). Nas próximas memórias aqui descritas, estas mulheres negras fonoaudiólogas passam a “transformar o silêncio em linguagem e em ação” (Lorde, 2019 p. 51).

Para além das redes sociais, a *narradora 1* conta que exerce sua atuação fonoaudiológica a partir da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), demonstrando um fazer diferente do convencional eurocêntrico. E conta sobre uma ação que realizou no seu ambiente de trabalho:

Eu fiz uma ação muito grande, sobre o novembro negro, fiz um mural no local de trabalho, foi bem na época que Marielle foi assassinada e aí eu coloquei uma foto de Marielle. Eu pedi autorização pra fazer e tudo mais. E aí a diretora que era bolsonarista queria tirar o mural inteiro que eu fiz, eu botei uma parede inteira sobre o novembro negro [...] Ela não tirou o mural inteiro, tirou a foto de Marielle. Foi assim um meio silenciamento, mas isso não me proibiu. Depois eu fiz outras ações que eu fiz só com os pacientes, não fiz no local na instituição em si. E aí quando ela me chamou para uma reunião, mas ela me chamou pra uma reunião intimidadora e eu não me intimidei e eu falei que minha ação estava baseada no documento que é uma Política Nacional de Saúde da População Negra. (Encontro Narrativo - Narradora 1)

A *narradora 1* explicita que “erguer a voz” não é um processo fácil. Viver em uma estrutura racista nos faz estar à mercê do silenciamento e da negação do “outro”, mas ao mesmo tempo ela expressa firmeza e transborda conhecimento, ainda que tenha passado a realizar ações de forma mais reduzida apenas no *setting* terapêutico. Seus movimentos me fazem recordar as palavras de bell hooks: “É preciso entender que a voz libertadora irá necessariamente confrontar, incomodar, exigir que ouvintes até modifiquem a maneira de ouvir e ser” (hooks, 2019, p. 53).

A *narradora 1* conta sobre outra atividade que realizou:

Nessa eu levei as cartilhas do Ministério público e dei três fotos em branco de meninos negros da Amora, que vende giz de cera em tons de pele negra. E aí eu entreguei esses dois, mas eu entreguei só para os pais de pacientes negros [...] Então eu fiquei receosa de dar para todos os pais, eu deixei para os pais que eram pais de pacientes negros e aí todos aceitaram não teve nenhum pai que falou tipo assim, “ai eu não concordo. Acho que racismo não existe, tá?”, eu passava na recepção, às vezes, eu via alguns pais lendo a cartilha, sabe? Então, tipo, teve uma boa receptiva e o tratamento desses pais para comigo não mudou depois disso, não ficou estranha, ficou normal. (Encontro Narrativo - Narradora 1)

Aqui ela aponta o desejo de firmar ações que pautem raça dentro da Fonoaudiologia e no seu ambiente de trabalho, levando conhecimento e formação de identidade, no entanto,

existem receios relacionados às receptivas das pessoas, a preocupação de entregar essas cartilhas apenas à famílias negras e a apreensão de ser vista de outras formas pelas famílias dos seus pacientes. Nesse trecho, ela demarca o retorno positivo que observou e o quanto isso a motiva para continuar desempenhando sua atuação nesses moldes, mesmo diante do medo das repercussões negativas, e continua:

[...] aí eu pretendo, no ano que vem fazer para todos os pais. Eu acho que talvez seja aceito e eu também já vou fazer 2 anos aqui, de qualquer forma, já tenho... acho que não é a carreira, mas a minha conduta profissional já está mais estabilizada. Eu acho que não silenciou, não, mas eu passei a ter mais cuidado, entendeu? De não fazer tão abertamente, porque, senão também, a qualquer hora, posso ter uma demissão, mesmo sendo num local público. (Encontro Narrativo - Narradora 1)

Dentro do setting terapêutico, a *narradora 1* narra que elabora suas condutas com base em estratégias terapêuticas que envolvam livros, músicas e outros elementos relacionados à negritude “*eu fazia atividades com os pacientes sobre questões raciais, levei contos africanos, a gente lia, trabalhava leitura escrita. Nesses 5 anos, eu sempre trabalhei na área de linguagem. Aí eu levava contos, já levei música de Racionais, de Baco Exu do Blues para trabalhar com eles leitura e escrita.*” Como uma forma de reinventar a própria atuação e auxiliar na construção de uma identidade negra positiva para os pacientes atendidos, visto que ela mesma relatou:

A população que a gente atende no SUS, a maioria é negra e a maioria são homens, que eu atendia naquela época só pessoas com deficiência intelectual. E a maioria das pessoas com DI é sim do sexo masculino e, pelo SUS, a maioria dos meninos eram meninos negros, da favela, que estudavam na escola pública. (Encontro Narrativo - Narradora 1)

Essa preocupação também é trazida pela *narradora 2*:

O fato de atender muitas crianças acaba que muitas vezes eu me reconheço muito nelas. Muitas crianças negras dentro do processo de adoecimento e dentro também dessa vulnerabilidade das famílias. Então eu acabo muitas vezes me reconhecendo e eu estava fazendo esse movimento de trazer livros com crianças negras, de trazer as estratégias mais voltadas para essa infância negra, que muitas vezes, na verdade eu não vi quando eu era criança. Então, meio que eu estou tentando devolver de alguma maneira isso para elas quando eu atendo. Tem sido uma das minhas perspectivas dentro da fono. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Nesse trecho ela descreve o quanto se reconhece no público atendido e a forma como isso lhe faz ocupar outro lugar. Em ambas as falas dessas participantes existe uma configuração relacionada ao ser mulher negra e profissional de saúde para um público que também é de pessoas negras, e o modo que isso confere a essas mulheres negras uma atuação reflexiva, afrocentrada e de identificação com as suas próprias vidas, o que as faz compartilhar os próprios conhecimentos como uma forma de resgatar, construir e fortalecer a identidade negra para quem recebe assistência na sua atuação profissional.

Então, eu tento fazer um movimento dentro do meu fazer fonoaudiológico de uma forma mais antirracista. Então, começo a trazer essas questões para dentro das discussões, de preceptoria, de tutoria [...] eu acho que eu tenho tomado muito cuidado também para que não seja só isso, não seja só Narradora 2 falando sobre esse tipo de fazer Antirracista, que eu nem vejo como antirracista também, porque se a gente for pegar - não somente antirracista- porque se a gente for pegar as bases do SUS, é pra ser assim, é pra ter equidade, é pra ter igualdade, então eu vejo muito também por esse olhar. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Nessa passagem, a *narradora 2* vai construindo sua própria compreensão acerca do seu fazer. Primeiro considera como um fazer Antirracista e logo depois, explica que não é somente Antirracista, que na verdade, todos os fonoaudiólogos deveriam atuar nesses moldes, já que precisam ter consciência das bases do SUS com seus princípios e diretrizes. Ademais, aqui ela também fala sobre o receio de ser somente a fonoaudióloga que fala de raça.

Depois traz o simbolismo de suas próprias ações, o que tudo isso representa para si mesma:

[...] para mim, acaba sendo um amparo também, sabe? porque eu percebo que é um lugar que ainda precisa ser ocupado, na verdade, ser criado. Não é nem ser ocupado, é ser criado. Eu fiz uma live esse ano com duas profissionais sobre amamentação negra e eu começo a entender que outros profissionais também estão fazendo dentro da Fonoaudiologia, também estavam querendo fazer algo nesse sentido. Então é como se sempre precisasse ter alguém pra começar. Então, quando eu começo a ouvir, começo a ter muitos feedbacks, e aí eu comecei a me sentir amparada, no sentido assim “alguma coisa, está começando a surgir daqui”. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Nesse excerto há significações relacionadas à coletividade, o quanto caminhar conjuntamente confere uma maior abrangência de possibilidades para pessoas negras. Ao ver que outras pessoas estavam à busca de trazer narrativas negras dentro da Fonoaudiologia, a

narradora 2 passa a se sentir “amparada”, dando a entender que isso a motiva por ver mudanças acontecendo e ela continua relatando:

Eu entendo que a mudança ainda é muito difícil, não vai acontecer agora, nem não sei, daqui a pouco. Mas não seria sobrecarga, seria mais no sentido de amparo, porque acaba sendo uma válvula de escape também para mim. Entender que se eu estou fazendo isso aqui, pode ser que lá na frente isso não seja um problema mais, sabe? Acho que eu vejo muito mais por esse lado do que pela sobrecarga, o que mais me sobrecarrega são os espaços estarem sendo preenchidos por pessoas brancas, e acabar eu sendo a única representante disso naquele espaço, entendeu? (Encontro Narrativo - Narradora 2)

Eu, enquanto mulher, fonoaudióloga, negra, como é que a gente pode, de alguma maneira, ajudar essa nova geração que tá vindo também? Pra não ficar também perpetuando sempre essas mesmas dificuldades, essas mesmas angústias, essas mesmas dores? Então acaba que quando eu falo do amparo, eu falo muito nisso, da gente mesma se amparar [...] Eu amo Emicida, então eu sempre fico pensando “tudo que nós temos é nós”. Então eu acho que é isso mesmo, a gente acaba, no encontro com outra pessoa negra, acaba trazendo muita ancestralidade pra gente, né? Remetendo muitas outras coisas e eu acho que isso é possível dentro da fono também. (Encontro Narrativo - Narradora 2)

A narradora 2 finaliza seu depoimento de uma forma muito sublime e consciente quanto as próximas gerações, correlacionando coletividade, ancestralidade e identidade, elucidando a possibilidade de abarcar essas dimensões dentro da Fonoaudiologia, ainda que tenha convicção dos percalços existentes.

Considerações finais

Esta dissertação teve o propósito de registrar a oralidade de mulheres negras fonoaudiólogas na escrita, como uma forma de evidenciar suas emancipações e sua história de vida partindo de narrativas (auto) biográficas. Foi possível observar que as participantes “ergueram a voz” de uma forma muito expressiva, costurando memórias sobre sua identidade, formação acadêmica e atuação profissional. As participantes, ao tempo que traziam percursos históricos das suas vidas e das suas famílias, refletiam sobre sua própria narrativa e recordavam outros episódios, como se um tema levasse a outro espontaneamente.

Nesse processo, busquei “a fala de quem conta para se misturar à minha” (Evaristo, 2020, p. 11). Busquei co-construir significações para compreender a elaboração da identidade dessas mulheres negras fonoaudiólogas, mas também para me autocompreender, uma vez que estive implicada enquanto pesquisadora-pesquisada neste trabalho.

A pesquisa foi construída com o intuito de ser um “local” de autoafirmação, que pode representar o rompimento dos silêncios que nos atravessam, uma vez que estamos falando com e sobre as histórias de vida de mulheres, que por serem negras, foram relegadas ao silenciamento e recuperaram a enunciação e que, por serem fonoaudiólogas, são ponte para enunciação de outras pessoas. O que torna esses sentidos muito simbólicos.

Mesmo tendo sido realizado apenas um encontro com cada participante, considero que conseguimos construir vínculos. Inclusive, ao encontrá-las e ouví-las tive a sensação de que já as conhecia. Além de enxergar as similaridades das experiências vividas entre nós, pude também me igualar mesmo em meio às particularidades imbricadas.

Importa dizer que no decorrer da pesquisa houve desafios, principalmente emocionais da minha parte, uma vez que durante o mestrado eu estive em contato com algo que me gerava aflições: o ato de falar. E falar sobre mim se constituiu enquanto um lugar paradoxal, ao tempo que me vi envolvida nas dificuldades que essa ação representa, observei também que foi o caminho para que eu me sentisse mais desprendida e recuperasse, de certo modo, minha expressão. Ouvir essas histórias de vida e sentir as emoções trazidas nelas fez com que eu me sentisse “amparada”, palavra que a *narradora 2* utilizou para expressar seus processos e que até hoje reverbera em meu pensamento.

Finalizo essa pesquisa falando sobre a importância de desbravar narrativas e à vista disso, trazer novas linguagens para pensar a vida. Acredito que esta pesquisa pode oferecer possibilidades para que a realidade de mulheres negras na Fonoaudiologia seja reconhecida e que seja um instrumento para pensarmos a atuação fonoaudiológica em uma perspectiva que

aponte para a descolonização. Vislumbro que a pesquisa narrativa (auto) biográfica, em meio às memórias e reflexões sobre o caminhar, possa ter repercutido no fortalecimento da identidade racial, política e profissional das participantes.

Em conclusão, é necessário pensar em futuras propostas de pesquisa envolvendo raça e Fonoaudiologia, visto que foi observado o quanto ainda estão situadas em direções opostas, tanto na literatura, quanto no cotidiano. Além disso, embora o objetivo da pesquisa não seja a generalização das informações, o conhecimento da realidade dessas participantes pode indicar a construção de políticas públicas para essa população, para esperar mudanças institucionais na formação acadêmica e atuação profissional em Fonoaudiologia e para refletir sobre a importância de criar dispositivos de denúncia resolutivos, com implementação nas universidades e nos conselhos profissionais.

REFERÊNCIAS

- Abdelaziz, M. M., Matthews, J. J., Campos, I., Fannin, D., Perez, J. F. R., Wilhite, M., Williams, R. M. (2021). Histórias de alunos: microagressões em Ciências e Distúrbios da Comunicação. *American Journal of Speech-Language Pathology*, vol. 30, 1990–2002. doi: https://doi.org/10.1044/2021_AJSLP-21-00030.
- Almeida, S. L. de (2019). *Racismo estrutural*. Pólen Livros.
- Almeida, A. H. de (2020). Mulheres negras e a realidade da enfermagem no Brasil. *Nasce CmeGroup*.
- Araújo, V. R. de (2015). *O resgate da memória familiar indígena: um estudo sobre o direito humano de saber quem se é* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília (UnB) Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM), Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania (PPGDH), Brasília, DF, Brasil.
- Bento, C. *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras, 2022.
- Brito, J. W. R de (2019). A compreensão do outro enquanto abertura ao diálogo na hermenêutica filosófica de H.-G. Gadamer. *Kínesis*, Ed. Especial 6 (26), 57-72.
- Carneiro, S. (2011). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições.
- _____. (2019). *Escritos de uma vida*. São Paulo: Editora Janaína.
- Carvalho, J. J. de. (2020) Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. Bernardino-Costa, J.; Maldonado-Torres, N.; Grosfoguel, R. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Cruz, Yhuri. (2019). *Monumento à voz de Anastácia*. Disponível em: [YHURI CRUZ | PROJETO AFRO](#).
- Delory-Momberger, C. (2016). A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. *Revista Brasileira de Pesquisa (auto) biográfica*, 1(1), 133-147
- DIEESE (2018). *Perfil das (os) Fonoaudiólogas (os) do Estado de São Paulo*. São Paulo: DIEESE.
- Evaristo, C. (2005). Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: Moreira, N.; Schneider, L. (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005.

- _____. (2007). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21.
- _____. (2020). *Becos da Memória*. 200 p. Rio de Janeiro: Pallas.
- _____. (2017). “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. Entrevistada por Djamila Ribeiro. *Revista Carta Capital*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d>.
- Fanon, F. (2008). *Peles negras, máscaras brancas*. EDUFBA.
- Freire, R. M.; Ferreira, L. P. (1994). Quem é esse profissional, o fonoaudiólogo? São Paulo: *Distúrbios da Comunicação*. 7 (1): 45-53.
- Gomes, N. L. (2019). *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra* (3a ed.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, Coleção cultura negra.
- _____. (2020). O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: Bernardino-Costa, J.; Maldonado-Torres, N.; Grosfoguel R. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Grosfoguel, R. (2020). Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: Bernardino-Costa, J.; Maldonado-Torres, N.; Grosfoguel R. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Grupo de Ação Antirracista em Linguagem/Fala e Audiologia. (2020). *Relatório sobre o impacto do racismo sistêmico na Fonoaudiologia e audiologia no Quebec*. Disponível em: <https://eo.umontreal.ca/2020/10/19/groupe-daction-antiraciste-en-orthophonie-et-en-audiologie/>.
- hooks, b. (2010). *Vivendo de amor*. Disponível em: [Vivendo de Amor \(geledes.org.br\)](http://www.geledes.org.br).
- _____. (2019). *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 380 p.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2018). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: coordenação de população e indicadores sociais*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Josso, M. C. (2007). A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, 30(63), 413-438.

- Jovchelovitch, S.; Bauer, M. W. (2008). Entrevista narrativa. In: Bauer, M. W. & Gaskell, G. (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 7. Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 90-113.
- Kilomba, G. (1968) (2019). *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: *Cobogó*.
- Kristofersson, E. e Hamberg, K. (2022). “Tenho que fazer duas vezes melhor” – administrando o racismo cotidiano em uma escola de medicina sueca. *BMC Medical Education*, 1-11. doi: <https://doi.org/10.1186/s12909-022-03262-5>.
- Macedo, R. S. (2020). *A Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. Salvador: EDUFBA.
- Lorde, A. (2019). *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Maia, S. M. (1987). Repensando a Fonoaudiologia... São Paulo: *Distúrbios da comunicação*. 2 (3/4): 161-164.
- Maldonado-Torres, N. (2020). Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: Bernardino-Costa, J. Maldonado-Torres, N. Grosfoguel, R (2020). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Munanga, K. (1988). Construção da identidade negra: diversidade de contextos e problemas ideológicos. In: *Religião, Política, Identidade*. São Paulo: Educ.
- _____. (1990). Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. *Revista Antropologia* (33).
- _____. (1999). Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, RJ: *Vozes*.
- _____. (2012). Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? Goiânia: *Revista da ABPN*, 4 (8), 6-14.
- Nascimento, B. (2021). *Uma história escrita por mãos negras*. 1. Ed. Rio de Janeiro: *Zahar*.
- Nascimento, G. (2019). *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Letramento.
- Neto, L. E. F. (1994). Consciência histórica e identidade profissional. São Paulo: *Distúrbios da Comunicação*. 7 (1): 71-78.
- Observatório das desigualdades (2020). *Falando sobre racismo: alguns apontamentos acerca das desigualdades raciais no Brasil*. boletim nº7.
- Queiroz, D. M.; SANTOS, C. M. dos. (2016) As mulheres negras brasileiras e o acesso à educação superior. Salvador: *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, 25 (45), 71-87

- Quijano, A. (2000). Colonialidade do poder, eurocentrismo e America Latina. In: *A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO.
- Renata, M. R.; Azevedo, P. B. (2021). O narrar sobre si e a escrevivência: o lugar da escrita autobiográfica em pesquisa sobre formação de professoras negras. Goiânia: *Inter-Ação*, 46 (3), 1345-1359.
- Santos, A. C. M.; Luccia, G. (2015). Perfil dos estudantes de Fonoaudiologia segundo o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, 27(3):589-599.
- Sidi, P. de M.; Conte, E. (2017). A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. Araraquara: *RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 12 (4), 1942-1954.
- Silva, G. A. da. (2015). Escrevivendo as narrativas autobiográficas de escritoras de Alagoinhas.
- Simão, A. M. da V.; Frison, L. M. B. (2020). Histórias de vida em pesquisa (auto) biográfica: circuito que inclui tempos, lugares e autorregulação da aprendizagem. Salvador: *Revista brasileira de pesquisa (auto) biográfica*, 5 (13), 71-90.
- Souza, E. C. (2011). Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida. Porto Alegre: *Educação*, 34 (2), 213-220.
- Valério, A. C. O.; Bezerra, W. C.; Santos, V. S.; Júnior, J. D. L.; Farias, M. N. Santos, S. M. B. (2021). Racismo e participação social na universidade: experiências de estudantes negras em cursos de saúde. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29.
- Vasconcelos, T. C. N. de (2022). A cor que não apagaram da língua: a colonialidade na fonoaudiologia brasileira. Salvador: *Anãnsi Revista de Filosofia*, 3 (2).
- Veiga, L. M. (2019). Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31 (esp), 244-248.
- Veiga, A. M. (2020). Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates. Florianópolis: *Tempo e Argumento*, 12 (29).
- Werneck, J. (2010). Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. *Revista da ABPN*, 1 (1), 8-17.
- Yin, R. K. (2016). *Pesquisa Qualitativa do início ao fim* [recurso eletrônico]; tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: *Penso*.
- Yu, B., Horton, R., Munson, B., Brandi, L., Turner, N., Johnson, V. E., Dakar, R. K., Munoz, M. L., Hyterth, Y. D. (2022). Tornando a Raça Visível no Discurso, Linguagem e

Ciências da Audição: Uma Análise Crítica do Discurso. *American Journal of Speech-Language Pathology*, vol. 31, 578–660. doi: https://doi.org/10.1044/2021_AJSLP-20-00384.

APÊNDICE I - Questionário contextual

Questionário contextual

Título da Pesquisa: “Identidade, itinerância formativa e atuação profissional: narrativas de mulheres negras fonoaudiólogas em uma pesquisa (auto) biográfica.”

Idade: _____

Naturalidade: _____

Raça/cor: _____

Cursou o ensino superior em uma instituição de ensino:

Pública Particular

Ingressou na instituição de ensino superior por meio da política de cotas:

sim não

Região em que se graduou: _____

Ano de início e fim da graduação: _____

Houve alguma disciplina relacionada à questões étnico raciais na graduação? _____

Ano de início da atuação profissional: _____

Tempo de atuação profissional: _____

Região em que atua como fonoaudióloga: _____

Área(s) em que atua na Fonoaudiologia: _____

Ambiente de atuação profissional: _____

Regime de trabalho atual: _____

Formação adicional: _____

Renda mensal: _____

APÊNDICE II - Registro de Consentimento Livre e Esclarecido – RCLE

Este documento aborda esclarecimentos acerca das etapas do processo de pesquisa, bem como seus objetivos, riscos e benefícios.

1. Título da Pesquisa: “Identidade, itinerância formativa e atuação profissional: narrativas de mulheres negras fonoaudiólogas em uma pesquisa (auto) biográfica.”

2. Pesquisadora: Suellen Mayane de Paiva Santos - telefone (87) 99805-6854 e e-mail mayanepaiva.fono@gmail.com

3. Orientador: Marcelo Silva de Souza Ribeiro - telefone (74) 98819-3538 e e-mail mribeiro27@gmail.com

4. Objetivo da pesquisa: o estudo busca, de forma geral, compreender as histórias constituidoras da identidade de mulheres negras fonoaudiólogas, no âmbito da pesquisa (auto) biográfica.

5. Justificativa da pesquisa: esta pesquisa busca conhecer as experiências do processo formativo de fonoaudiólogas negras e desvelar formas da constituição identitária e da formação profissional articulada com as questões de gênero e étnico-raciais. Dessa forma, tem a proposição de colaborar com as políticas de acesso ao ensino superior, podendo auxiliar com o processo de autonomia e fortalecimento identitário de mulheres negras, contribuindo com as discussões de gênero e raça no âmbito da fonoaudiologia.

6. Contexto de pesquisa e Colaboradoras: a pesquisa será desenvolvida remotamente. Estima-se a participação de seis mulheres autodeclaradas negras (pretas e pardas), graduadas em fonoaudiologia, com, no mínimo, um ano de atuação profissional na área.

7. Colheita das informações: a colheita das informações ocorrerá de forma virtual. Serão utilizados os seguintes dispositivos: questionário contextual e entrevistas narrativas (auto) biográficas (intituladas encontros narrativos). Os encontros narrativos serão conduzidos em uma média de 40 min de duração e todo planejamento de dias e horários para realização dos encontros será traçado de acordo com a disponibilidade das participantes.

8. Envolvimento na pesquisa: ao confirmar sua colaboração nesta pesquisa a Sra. você participará de um processo composto por momentos individuais: preenchimento do questionário contextual (virtualmente via *Google forms*) e Encontro Narrativo (via *Google Meet*). Os encontros ocorrerão virtualmente e serão gravados em tela. Os recursos citados servirão apenas como mediadores do registro das narrativas. A Sra. tem liberdade de recusar a participar em qualquer fase do estudo, sem qualquer prejuízo. Vale salientar que a colaboração na pesquisa é de caráter voluntário, portanto, você estará isento/a de qualquer despesa, será necessário apenas, dispor de aparelho celular e/ou notebook, uma vez que a pesquisa ocorrerá remotamente. Se houver alguma despesa decorrente da participação da pesquisa, haverá o ressarcimento em pleno pelos pesquisadores.

9. Considerações éticas: a condução desta pesquisa atenderá aos preceitos éticos das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa cumprirá os rigores éticos e o sigilo quanto à identidade e ao fato de as participantes poderem, a qualquer momento, se retirar do estudo. Somente participarão aquelas que assinarem este Registro de Consentimento Livre e Esclarecido – RCLE.

9. Riscos da pesquisa: no que tange aos riscos, essa pesquisa envolverá a compreensão dos processos identitários das participantes. Elas estarão posicionadas enquanto sujeitas da sua própria história, manifestarão suas experiências de vida, o que pode tocar em lugares sensíveis e/ou difíceis das suas trajetórias, podendo resgatar eventos traumáticos da vida das participantes e gerar desconfortos. É

importante ressaltar a garantia de acompanhamento, assistência e o direito à indenização, caso alguma participante sinta-se desconfortável e/ou lesada, esta assistência ocorrerá de forma imediata, integral e gratuita, podendo ocorrer durante, após e/ou na interrupção da pesquisa. A necessidade de gravação de áudio/vídeo durante os encontros para colheita de informações pode causar constrangimentos e desconfortos. Desse modo, a busca por um espaço acolhedor será constante, assegurando as dimensões éticas e de sigilo, no qual as colaboradoras se sintam seguras para apresentar suas vivências. Vale salientar, que as colaboradoras terão a liberdade de interromper sua narrativa ou sua participação em qualquer etapa da pesquisa e terão o direito de não responder questões sem a necessidade de justificativa. Existem ainda outros riscos característicos do ambiente virtual em virtude de alguns entraves que a tecnologia pode trazer. Considera-se que a dimensão de riscos desta pesquisa é baixa, pela possibilidade de haver desconfortos/constrangimentos, em virtude das gravações das etapas da pesquisa. Buscar-se-á minimizar os riscos a partir de estratégias de acolhimento e da explicação prévia minuciosa sobre todas as etapas a serem exploradas na pesquisa.

10. Benefícios da pesquisa: esta pesquisa traz benefícios indiretos, através dela poderá ser conhecida a realidade das participantes, em uma busca pela visibilidade das temáticas que serão discutidas e fomentará um espaço para relacionar a fonoaudiologia às relações raciais. Também se considera que a dinâmica de pesquisa poderá repercutir no fortalecimento identitário das participantes, visto que as abordagens narrativas (auto) biográficas também possuem um papel autorreflexivo. Além disso, a pesquisa se constituirá como um espaço de autoafirmação no qual as colaboradoras poderão tornar-se sujeitas.

11. Responsabilidade do participante: ao aceitar colaborar com o estudo a Sra. indica o seu compromisso de participar ativamente do processo, assegurando a autenticidade ao que for exposto, visando contribuir para a construção do conhecimento de modo colaborativo.

12. Disseminação dos resultados e preservação da identidade dos colaboradores: os resultados obtidos neste estudo serão transformados em artigos científicos e submetidos a periódicos especializados, independente dos resultados encontrados. Para tanto, a identificação dos/as colaboradores/as será preservada, respeitando os aspectos de sigilo e as normas éticas.

13. Armazenamento das informações colhidas no processo de pesquisa: as informações colhidas serão armazenadas cuidadosamente nos computadores dos pesquisadores e excluídas das plataformas digitais, como forma de minimizar riscos quanto ao sigilo. Os dados serão armazenados em forma de arquivos digitalizados em banco de dados formato Word nos arquivos de computador dos pesquisadores. Pode haver versões impressas que serão armazenadas em Caixa Arquivo e apenas os pesquisadores terão acesso. Ressalta-se que esse projeto só poderá ser iniciado após a assinatura do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) por parte do participante (será feito em duas vias). Esses materiais ficarão sob a guarda da pesquisadora e seu orientador por, no mínimo, 5 anos, após esse período poderão ser incinerados.

14. Informações durante a pesquisa: as participantes envolvidas nesta pesquisa terão acesso a qualquer momento às informações sobre os itinerários de colheita, análise, riscos e benefícios referentes à pesquisa. Qualquer dúvida sobre o processo de pesquisa ou informações adicionais que se fizerem necessárias são encorajadas e podem ser solucionadas pelos pesquisadores (contatos supracitados).

15. Informações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): Faculdade de Integração do Sertão (FIS): localizado na Rua João Luiz de Melo, 2110, Tancredo Neves, Serra Talhada – PE, CEP 56909-205. O horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira das 9h às 12 e das 14h às 18h. O contato pode ser feito também via telefone (87)3831-1472 (Ramais Sec. 249. Coord. 250) ou por e-mail cepfis@fis.edu.br. O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Integração do Sertão – CEP/FIS – é um comitê interdisciplinar que tem por função avaliar os projetos de pesquisa

que envolvam a participação de seres humanos com a finalidade de preservar os aspectos éticos em defesa da integridade e dignidade dos sujeitos da pesquisa.

É importante que você guarde este registro de consentimento assinado em seus arquivos para fins de consulta. Se você preferir, solicite-nos uma via por e-mail, nos contatando através do endereço eletrônico: mayanepaiva.fono@gmail.com.

Declaro que, após ter sido esclarecido sobre os objetivos e procedimentos adotados para o desenvolvimento da pesquisa, aceito colaborar com o processo de pesquisa e permito a participação do sujeito sob minha responsabilidade no presente estudo.

Petrolina, ___ de _____ 20__.

Assinatura da colaboradora

Suellen Rayane de Paiva Santos

Assinatura da Pesquisadora

[Assinatura]

Assinatura do Orientador

APÊNDICE III - Carta de Anuência da instituição proponente da pesquisa



CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, Prof. Dr. Daniel Henrique Pereira Espindula, Vice coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, vinculado à Universidade Federal do Vale do São Francisco, instituição proponente da pesquisa, autorizo a realização da pesquisa intitulada "Identidade, itinerância formativa e atuação profissional: narrativas de mulheres negras fonoaudiólogas em uma pesquisa (auto) biográfica", a ser conduzida sob a responsabilidade da pesquisadora Suellen Mayane de Paiva Santos, com a orientação do Prof. Dr. Marcelo Silva de Souza Ribeiro. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética do Instituto de Ciências da Saúde para a referida pesquisa.

Petrolina - PE, 07 de outubro de 2022

Daniel Henrique Pereira Espindula
Vice coordenador PPGPSI/Univasf
SIAPE - 1673600

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
SISTEMA INTEGRADO DE PATRIMÔNIO, ADMINISTRAÇÃO E CONTRATOS

FOLHA DE ASSINATURAS

Emitido em 07/10/2022

DECLARAÇÃO Nº 5152/2022 - CPSICO (11.01.02.07.60.01)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 07/10/2022 17:52)
DANIEL HENRIQUE PEREIRA ESPINDULA
VICE-COORDENADOR
1673600

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sig.univasf.edu.br/documentos/> informando seu número: 5152, ano: 2022, tipo: DECLARAÇÃO, data de emissão: 07/10/2022 e o código de verificação: 0573ab12ca

ANEXO I - Termo de Confidencialidade e Sigilo I

Eu, **Marcelo Silva de Souza Ribeiro**, brasileiro, casado, psicólogo, inscrito no CPF sob o nº 440.192.545-91, assumo o compromisso de manter confidencialidade e sigilo sobre todas as informações técnicas e outras relacionadas ao projeto de pesquisa intitulado “IDENTIDADE, ITINERÂNCIA FORMATIVA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS FONOAUDIÓLOGAS EM UMA PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA”. Por este termo de confidencialidade e sigilo comprometo-me:

1. A não utilizar as informações confidenciais a que tiver acesso, para gerar benefício próprio exclusivo e/ou unilateral, presente ou futuro, ou para o uso de terceiros;
2. A não efetuar nenhuma gravação ou cópia da documentação confidencial a que tiver acesso;
3. A não se apropriar para si ou para outrem de material confidencial e/ou sigiloso da tecnologia que venha a ser disponível;
4. A não repassar o conhecimento das informações confidenciais, responsabilizando-se por todas as pessoas que vierem a ter acesso às informações, por seu intermédio, e obrigando-se, assim, a ressarcir a ocorrência de qualquer dano e / ou prejuízo oriundo de uma eventual quebra de sigilo das informações fornecidas.

Neste Termo, as seguintes expressões serão assim definidas:

Informação Confidencial significará toda informação revelada através da apresentação da tecnologia, a respeito de, ou, associada com a Avaliação, sob a forma escrita, verbal ou por quaisquer outros meios. Informação Confidencial inclui, mas não se limita, à informação relativa às operações, processos, planos ou intenções, informações sobre produção, instalações, equipamentos, segredos de negócio, segredo de fábrica, dados, habilidades especializadas, projetos, métodos e metodologia, fluxogramas, especializações, componentes, fórmulas, produtos, amostras, diagramas, desenhos de esquema industrial, patentes, oportunidades de mercado e questões relativas a negócios revelados da tecnologia supramencionada. Avaliação significará todas e quaisquer discussões, conversações ou negociações entre, ou com as partes, de alguma forma relacionada ou associada com a apresentação da “IDENTIDADE, ITINERÂNCIA FORMATIVA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS FONOAUDIÓLOGAS EM UMA PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA”, acima mencionada.

A vigência da obrigação de confidencialidade e sigilo, assumida pela minha pessoa por meio deste termo, terá a validade enquanto a informação não for tornada de conhecimento público

por qualquer outra pessoa, ou mediante autorização escrita, concedida à minha pessoa pelas partes interessadas neste termo.

Pelo não cumprimento do presente Termo de Confidencialidade e Sigilo, fica o abaixo assinado ciente de todas as sanções judiciais que poderão advir.

Petrolina, 19 de maio de 2022.



Marcelo Silva de Souza Ribeiro
Orientador

ANEXO II - Termo de Confidencialidade e Sigilo II

Eu, **Suellen Mayane de Paiva Santos**, brasileira, solteira, fonoaudióloga, discente do Programa de Pós-graduação – Mestrado Acadêmico em Psicologia, inscrita no CPF sob o nº 107603666438, assumo o compromisso de manter confidencialidade e sigilo sobre todas as informações técnicas e outras relacionadas ao projeto de pesquisa intitulado “IDENTIDADE, ITINERÂNCIA FORMATIVA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS FONOAUDIÓLOGAS EM UMA PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA”. Por este termo de confidencialidade e sigilo comprometo-me:

1. A não utilizar as informações confidenciais a que tiver acesso, para gerar benefício próprio exclusivo e/ou unilateral, presente ou futuro, ou para o uso de terceiros;
2. A não efetuar nenhuma gravação ou cópia da documentação confidencial a que tiver acesso;
3. A não se apropriar para si ou para outrem de material confidencial e/ou sigiloso da tecnologia que venha a ser disponível;
4. A não repassar o conhecimento das informações confidenciais, responsabilizando-se por todas as pessoas que vierem a ter acesso às informações, por seu intermédio, e obrigando-se, assim, a ressarcir a ocorrência de qualquer dano e / ou prejuízo oriundo de uma eventual quebra de sigilo das informações fornecidas.

Neste Termo, as seguintes expressões serão assim definidas:

Informação Confidencial significará toda informação revelada através da apresentação da tecnologia, a respeito de, ou, associada com a Avaliação, sob a forma escrita, verbal ou por quaisquer outros meios. Informação Confidencial inclui, mas não se limita, à informação relativa às operações, processos, planos ou intenções, informações sobre produção, instalações, equipamentos, segredos de negócio, segredo de fábrica, dados, habilidades especializadas, projetos, métodos e metodologia, fluxogramas, especializações, componentes, fórmulas, produtos, amostras, diagramas, desenhos de esquema industrial, patentes, oportunidades de mercado e questões relativas a negócios revelados da tecnologia supramencionada. Avaliação significará todas e quaisquer discussões, conversações ou negociações entre, ou com as partes, de alguma forma relacionada ou associada com a apresentação da “IDENTIDADE, ITINERÂNCIA FORMATIVA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS FONOAUDIÓLOGAS EM UMA PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA” acima mencionada.

A vigência da obrigação de confidencialidade e sigilo, assumida pela minha pessoa por meio deste termo, terá a validade enquanto a informação não for tornada de conhecimento público por qualquer outra pessoa, ou mediante autorização escrita, concedida à minha pessoa pelas partes interessadas neste termo.

Pelo não cumprimento do presente Termo de Confidencialidade e Sigilo, fica o abaixo assinado ciente de todas as sanções judiciais que poderão advir.

Petrolina, 19 de maio de 2022.

A handwritten signature in blue ink, reading "Suellen Mayane de Paiva Santos". The signature is written in a cursive, flowing style.

Suellen Mayane de Paiva Santos
Pesquisadora

ANEXO III - Declaração de Compromisso I

Eu, **Marcelo Silva de Souza Ribeiro**, brasileiro, casado, psicólogo, docente do Programa de Pós graduação – Mestrado Acadêmico em Psicologia, inscrito no CPF sob o nº 440.192.545-91, assumo o compromisso de anexar os resultados referentes a pesquisa intitulada “IDENTIDADE, ITINERÂNCIA FORMATIVA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS FONOAUDIÓLOGAS EM UMA PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA” na Plataforma Brasil, garantido o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais dos envolvidos em sua realização. Declaro também que esta pesquisa está pautada nos critérios de ética em pesquisa com Seres Humanos, conforme resolução nº510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, de modo que me responsabilizo pelo andamento, realização e conclusão deste projeto e me comprometo a enviar ao CONEP (Comitê Nacional de Ética em Pesquisa) relatório do presente projeto quando da sua conclusão, ou a qualquer momento, se o estudo for interrompido.

Petrolina, 19 de maio de 2022.



Marcelo Silva de Souza Ribeiro

Orientador

ANEXO IV - Declaração de Compromisso II

Eu, Suellen Mayane de Paiva Santos, brasileira, solteira, fonoaudióloga, discente do Programa de Pós graduação – Mestrado Acadêmico em Psicologia, inscrita no CPF sob o nº 10760366438 assumo o compromisso de anexar os resultados referentes a pesquisa intitulada “IDENTIDADE, ITINERÂNCIA FORMATIVA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS FONOAUDIÓLOGAS EM UMA PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA” na Plataforma Brasil, garantido o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais dos envolvidos em sua realização. Declaro também que esta pesquisa está pautada nos critérios de ética em pesquisa com Seres Humanos, conforme resolução nº510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, de modo que me responsabilizo pelo andamento, realização e conclusão deste projeto e me comprometo a enviar ao CONEP (Comitê Nacional de Ética em Pesquisa) relatório do presente projeto quando da sua conclusão, ou a qualquer momento, se o estudo for interrompido.

Petrolina, 19 de maio de 2022.



Suellen Mayane de Paiva Santos
Pesquisadora